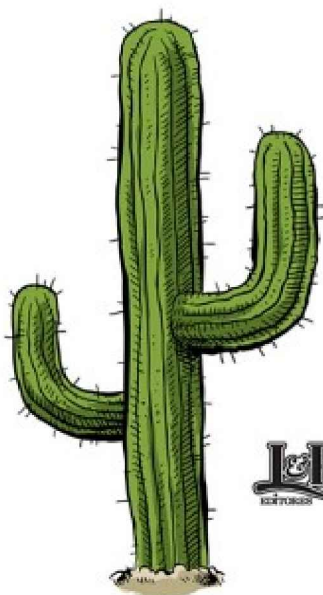


BUNKOWSKI

AS
PESSOAS
PARECEM
FLORES
FINALMENTE



L&PM
LITÉRARIAS



BUKOWSKI

AS PESSOAS PARECEM FLORES FINALMENTE

Editado por JOHN MARTIN

Tradução de CLAUDIO WILLER



um



o coração ruge como um leão
diante do que nos fizeram.

pois eles tinham coisas para dizer

os canários estavam lá, e o limoeiro
e a mulher velha com verrugas;
e eu estava lá, uma criança
e eu tocava as teclas do piano
enquanto eles conversavam –
mas não tão alto
pois tinham coisas para dizer
todos os três;
e eu os espiava a cobrirem os canários à noite
com sacos:
“assim eles conseguem dormir, querido.”
eu toquei o piano bem baixo
uma nota por vez,
os canários sob seus sacos,
e havia pimenteiras,
pimenteiras roçando o telhado feito chuva
e pendendo de fora da janela
como chuva verde,
e eles conversavam, os três
sentados em um semicírculo na noite quente,
e as teclas eram pretas e brancas
e respondiam a meus dedos
como a magia secreta
de um mundo adulto à espera;
e agora eles se foram, todos os três
e eu estou velho:
pés de piratas pisotearam
os assoalhos bem varridos
da minha alma,
e os canários não cantam mais.

aula noturna, 20 anos depois

a pressão famélica de ser tarde demais;
teias de agulhas,
as mesmas árvores estão aqui;
e grama crescida sobre a grama
mas os rostos agora são jovens
e enquanto você caminha pelo campus pensando
“memória é uma pobre desculpa para o presente”
as pernas querem deixar que o corpo caia enquanto
velhas imagens grudam em você como moluscos
e as garotas que agora se foram e que antes
pediam por sua substância
agora pendem como cortinas rasgadas
pelas janelas da sua mente;
– houve um tempo aqui
em que tudo era meu –
agora jovens leões reivindicam o território
e olham distraidamente
suas patas frouxas
e resolvem
misericordiosamente
deixar essa pobre presa passar. ele, é claro,
não é páreo para as jovens leoas,
ou a primavera no céu matinal.
uma vez aqui –
uma vez –
eu entro na sala e fico em pé contra a parede
e ouço meu nome ser lido, e
não, não é a mesma coisa:
meu velho professor parecia um leão-marinho
quando escarrava meu nome
na escarradeira do mundo
e eu dizia PRESENTE! enquanto
sentia o sol a escorrer

pelos cabelos da minha cabeça
como fios alimentando vida com vida:
chuva branca, mar bravo;
mas esse novo sussurra meu nome (e está escuro);
e como uma garra pegando algo profundo em mim,
rodeado por paredes como túmulos eu respondo de modo dócil:
presente,
e ele passa para outro nome.
sou mais velho que ele
e certamente não tão afortunado
enquanto as leoas se enrodilham a seus pés e ronronam prazerosamente,
e um velho gato cinza
vira o pescoço
e me pergunta: você já esteve aqui antes?
sim, sim, sim, sim
eu já
estive aqui
antes.

a neve da Itália

do meu rádio agora
vem o som de um órgão louco de verdade,
eu posso ver algum monge
bêbado em uma adega
a mente perdida ou encontrada
falando com Deus de um modo diferente;
eu vejo velas e esse homem tem uma barba vermelha
assim como Deus tem uma barba vermelha;
está nevando, é na Itália, faz frio
e o pão é duro
e não há manteiga,
apenas vinho
vinho em garrafas rubras
com gargalos de girafa,
e agora o órgão sobe, outra vez,
ele o viola,
ele o toca como um louco,
há sangue e cuspe em sua barba,
ele quer rir mas não há tempo,
o sol se põe,
então seus dedos esmorecem,
agora há exaustão e o sonho,
sim, até santidade,
homem indo ao homem,
à montanha, ao elefante, à estrela,
e uma vela cai
mas continua a queimar de lado,
uma poça de cera brilhando nos olhos
do meu monge vermelho,
há musgo nas paredes
e a mancha de pensamento e fracasso e
espera,
então novamente a música sobe como tigres famélicos,

e ele ri,
é um riso de criança, um riso de idiota,
riso por nada,
o único riso que compreende,
ele preme as teclas
igual a parar tudo
e o quarto floresce de loucura,
e então ele para, para,
e senta, as velas queimando,
uma em pé, outra caída,
a neve da Itália é tudo o que resta,
acabou: a essência e a forma.
eu observo enquanto
ele apaga as velas com seus dedos
comprimindo o canto externo de cada olho
e o quarto está escuro
como tudo sempre esteve.

junto a uma vitrine

cachorros e anjos não estão
muito distantes.
eu vou muito a esse lugarzinho
para comer
por volta das 2:30 da tarde
porque todas as pessoas que comem
lá são completamente sãs,
contentes por estarem simplesmente vivas e
comendo sua comida
junto a uma vitrine
que dá boas-vindas ao sol
mas não deixa os carros e
as calçadas entrarem.
atravessando a rua há um bar
chinês de striptease
aberto já às 2:30 da
tarde
está pintado de
um pobre e pálido
azul.
dão-nos quantos cafés
de graça pudermos tomar
e todos nos sentamos e bebemos em silêncio
o café preto e forte.
é bom poder ficar em algum lugar
em público às 2:30 da tarde
sem que lhe arranquem a carne
de seus ossos.
ninguém nos incomoda.
não incomodamos ninguém.
anjos e cachorros não estão
muito distantes
às 2:30 da tarde.

tenho minha mesa favorita
junto da janela
e depois de haver terminado
eu empilho os pratos, tigelas,
a xícara, os talheres etc.
direitinho
em uma pilha bem arrumada –
minha oferenda à
garçonete idosa –
comida e tempo
íntegros,
e o sol desgraçado
lá fora
fazendo seu serviço
para cima e
para baixo.

língua de boi

eu não havia comido por alguns dias
e havia mencionado isso várias vezes
e havia chegado à casa daquele poeta
onde uma mulher minúscula tomava conta dele.
ele era um cara grande e barbado com um cérebro duas vezes o tamanho
do
mundo, e havíamos passado a noite toda sem dormir
escutando gravações, conversando, fumando, tomando pílulas.
sua mulher havia se deitado há horas.
eram 10 da manhã
e a luz do sol entrava sem ligar se não havíamos dormido
e quando vi
ele saía da cozinha
dizendo: “Hei, Chinaski! OLHE!”
não conseguia enxergar direito –
primeiro parecia uma bota amarela cheia d’água
e depois parecia um peixe sem cabeça
e depois parecia o caralho de um elefante,
e ele fez aquilo chegar mais perto:
“língua de boi! língua de boi!”
ele segurou com o braço estendido
bem na minha cara:
“LÍNGUA DE BOI! LÍNGUA DE BOI!”
e *era*, e eu nunca havia imaginado que a língua de um novilho fosse tão
grande e gorda,
havia sido um estupro,
havam entrado fundo na garganta da criatura
e arrancado para fora, e estava ali agora:
“LÍNGUA DE BOI!”
e era amarela e rosada
e
a coisa se havia engasgado em si mesma
só mais uma atrocidade razoável e sensível

cometida por homens inteligentes.
eu não era um homem inteligente. eu
consegui chegar à pia e começaram as
náuseas.
estúpido, é claro, estúpido, era só carne morta,
sem sentir nada agora, a dor há tempos havia escorrido pelo fundo do
mundo
mas continuei a vomitar, terminei, limpei a pia
e voltei
“desculpe”, eu disse
“tudo certo, esqueci sobre seu estômago.”
então ele levou a língua de volta para a cozinha
e depois retornou à sala e conversamos sobre isso e aquilo
e em uns dez minutos
ouvi a água fervendo e senti o cheiro da língua a cozinhar
naquela água borbulhante sem boca ou olhos
ou nome, era uma língua enorme dando voltas e mais voltas
debaixo daquela tampa
e fedendo
tornando-se língua cozida
tornando-se mais deliciosa e aromática
mas como ele era um sujeito agradável
eu pedi para desligar aquilo por favor.
era uma manhã fria e senti calafrios junto à porta
enquanto me preparava para ir embora
o ar fresco era bom
eu podia sentir as pernas o coração os pulmões
começando a vislumbrar uma outra chance.
conversamos sobre um livro de poemas que ele me estava ajudando
a editar, então eu disse “até logo, vamos
ficar em contato”, e não apertamos as mãos, algo que nenhum de nós
gostava de fazer
e subi pelo caminho até meu carro e dei partida
e enquanto esquentava imaginei-o voltando para
a cozinha por trás da massa de barba negra,
aqueles olhos de diamante azul brilhando no meio

de todo aquele cabelo *negro*
aqueles olhos de diamante azul inteligentes e felizes
sabendo tudo (quase), e então
acendendo novamente o fogo
a água começando a borbulhar e assobiar
a língua dando voltas lá dentro
mais uma vez.
e eu, estúpido em meu carro, afastei-me do
meio-fio, deixei-o rodar através da manhã amarela,
descendo pelas curvas e encostas,
todo aquele verde crescendo lindamente ao longo da beira
do caminho.
bem,
graças a Deus ele não me convidou para ficar para
jantar, quando cheguei em casa folhee algumas
reproduções de
Renoir, Pissarro e Díaz,
então comi um ovo
cozido.

os anos 1930

lugares para caçar
lugares onde se esconder estão
cada vez mais difíceis de achar, e bichos de estimação
canários e peixes dourados também, você já reparou
nisso?
lembro quando salões de bilhar eram salões de bilhar
e não só mesas em
bares;
e lembro quando as mulheres da vizinhança
costumavam cozinhar panelões de carne ensopada para seus
maridos desempregados
quando suas barrigas doíam
de medo;
e lembro quando crianças costumavam olhar a chuva
por horas e
brigavam interminavelmente por um filhote
de rato; e
lembro quando os boxeadores eram todos judeus e irlandeses
e nunca davam a você uma
luta ruim; e quando os biplanos voavam tão baixo que
dava para ver a cara do aviador e seus óculos de proteção;
e quando uma barra de sorvete em cada dez tinha dentro um bilhete
de sorteio; e quando por 3 centavos dava para comprar doces o bastante
para fazê-lo passar mal
ou durar toda uma
tarde; e quando as pessoas da vizinhança criavam
galinhas em seus quintais; e quando recheávamos um automóvel
de brinquedo de 5 centavos com
cera de vela para fazê-lo durar
eternamente; e quando montávamos nossas próprias pipas e patinetes
e lembro
quando nossos pais brigavam
(dava para ouvi-los por quarteirões)

e eles brigavam por horas, gritando maldições pesadas
e os guardas nunca
vinham.

lugares para caçar e lugares para se esconder,
eles simplesmente não estão mais
por aí. lembro quando
cada 4o lote estava vago e cheio de mato, e o senhorio
só recebia seu aluguel
quando você tinha
como pagar, e cada dia era claro e bom e cada momento era
cheio de promessas.

peessoas como flores

que cantoria prossegue nas
ruas –
as pessoas parecem flores
finalmente
a polícia guardou suas
insígnias
o exército rasgou seus uniformes e
destróçou suas armas. não há mais necessidade de
cadeias ou jornais ou hospícios ou
trancas nas portas.
uma mulher vem correndo até minha porta
ME COMA! ME AME!
ela grita.
ela é bela como um charuto
depois de jantar um bom filé. eu
a possuo.
mas depois de sua partida
eu me sinto esquisito
tranco a porta
vou à escrivania e pego a pistola
da gaveta. ela tem seu próprio senso de
amor.
AMOR! AMOR! AMOR! a multidão canta nas
ruas.
eu atiro pela janela
o vidro corta meu rosto e
braços. acerto um garoto de 12 anos
um velho de barba
e uma adorável moça algo parecida a uma
violeta.
a multidão para de cantar para
me olhar.
estou parado na janela quebrada

o sangue em meu
rosto.

“isso”, eu grito para eles, “é em defesa da
pobreza de si mesmo e em defesa da liberdade
de *não* amar!”

“deixe-o em paz”, alguém diz,
“ele está louco, viveu uma vida ruim por
tempo demais.”

entro na cozinha
sento-me e encho um
copo de uísque.

resolvo que a única definição da
Verdade (que muda)
é ela ser a única coisa ou ato ou
crença que a multidão
rejeita.

estão socando minha
porta. é a mesma mulher de novo.
ela é tão bela como encontrar um
sapo verde e gordo no
jardim.

eu tenho 2 balas restantes e
uso
ambas.

nada no ar a não ser
nuvens. nada no ar a não ser
chuva. a vida de cada homem é curta demais para
encontrar sentido e
todos os livros quase um
desperdício.

sento e os ouço
a cantar.
sento e os
ouço.

aceitação

16 anos de idade
durante a Depressão
eu voltava para casa
e minhas posses –
shorts, camisas, meias,
maleta e muitas páginas
de contos –
estavam jogadas no
gramado da frente e na
rua.
minha mãe me
esperava atrás de uma árvore:
“Henry, Henry, não
entre... ele vai
matar você, ele leu
suas histórias.
por favor tome
isso... e
encontre um quarto para você”.
mas como o preocupava
que eu não conseguisse
terminar o colégio
eu voltava para casa
outra vez.
uma noite ele entrou
segurando
um dos meus contos
(que eu nunca lhe havia
mostrado)
e disse: “este é
um grande conto!”
e eu disse, “está bem”
e ele o devolveu para mim

e eu o li:
e era a história de
um homem rico
que havia tido uma briga terrível com
sua mulher e havia
saído pela noite afora
para tomar um cafezinho
e havia se sentado e estudado
a garçonne e as colheres
e os garfos e
os saleiros e pimenteiros
e o letreiro de neon
na janela
e pensou sobre tudo isso,
e então ele foi
a seu estábulo
para ver e tocar seu
cavalo favorito
que então
sem nenhuma razão
o esboiceou na cabeça
e o matou.
de algum modo
a história fazia algum
sentido para ele
apesar de que
quando a escrevi
eu não tinha ideia
do que
estava escrevendo.
então eu lhe disse,
“está bem, velho, você pode
ficar com isso”.
e ele a pegou
e saiu
e fechou a porta e

eu acho que isso
foi o mais perto
a que chegamos.

a vida na agência de correios

eu me agacho diante desse labirinto
de caixotes de madeira
enfiando pequenos cartões e cartas
endereçados a inexistentes
vidas
enquanto a cidade toda comemora
e fode pelas ruas e canta
com os pássaros.
eu fico parado debaixo de uma fraca luz elétrica
e mando mensagens para um Garcia falecido,
e tenho idade suficiente para morrer
(sempre tive idade suficiente para morrer)
enquanto fico parado diante dessa bagunça de madeira
e alimento sua fome muda;
este é meu trabalho, meu aluguel, minha puta, meus sapatos,
o escorrer da cor dos meus olhos;
chefe, foda-se, você me achou,
minha boca franzida,
minhas mãos enrugadas contra meu
peito branco com manchas vermelhas;
a rua é tão dura, ao menos
dê-me o descanso pelo qual paguei uma vida,
e quando o Gavião chegar
eu o encontrarei no meio do caminho,
nos abraçaremos lá onde o papel de parede está rasgado
onde a chuva entrou.
agora estou parado diante de um cemitério de olhos e bocas
de cabeças esvaziadas para sombras
e sombras entram
como ratos e me olham.
eu remexo em cartões e cartas com números secretos enquanto
agentes cortam os fios e testam meu batimento cardíaco,
para escutar sanidade

ou alegria ou amor, e sem acharem nada,
satisfeitos, vão embora;
flap, flap, flap, estou parado diante do labirinto de madeira
e minha alma desfalece
e além do labirinto há uma janela
com sons, grama, caminhada, torres, cães,
mas aqui estou e aqui fico,
enviando cartas com minha própria demissão;
e eu estou cansado de me importar: ir embora, largar tudo,
e tocar fogo.

o minuto

“eu estou sempre lutando pelo próximo
minuto”, digo à minha mulher.
então ela começa a me dizer
o quanto estou enganado.
mulheres têm um jeito de não
acreditar no que seus maridos
lhes dizem.
o minuto é uma coisa muito
sagrada.
lutei por cada um deles desde a minha
infância.
eu continuo a lutar por cada um deles.
nunca fiquei chateado ou
sem saber o que fazer em seguida.
mesmo quando não faço nada,
eu estou utilizando meu tempo.
por que pessoas têm que ir a
parques de diversão ou ao cinema
ou ficar sentadas diante dos aparelhos de TV
ou resolver palavras cruzadas
ou ir a piqueniques
ou visitar parentes
ou viajar
ou fazer a maior parte das coisas
que elas fazem
está além da minha compreensão.
elas mutilam minutos,
horas,
dias,
vidas inteiras.
elas não têm ideia do quanto
um minuto
é precioso.

luto para entender a essência
do meu tempo.
isso não significa que
eu não possa relaxar
e tirar uma hora de folga
mas deve ser
minha escolha.
lutar por cada minuto é
lutar pelo que é possível dentro
de você,
de modo que sua vida e sua morte
não sejam iguais
às delas.
não seja como elas
e você irá
sobreviver.
minuto a
minuto.

perto demais do matadouro

eu moro perto demais do matadouro.
o que você espera? sangue prateado
como em Chatterton? minhas horas pegajosas
não permitem prática de nenhuma previsão.
ouço os galhos que estalam e quebram
qual corvos que brigam,
e vejo minha mãe em seu caixão
imóvel
quieta e imóvel
enquanto acendo um cigarro
ou bebo um copo d'água
ou faço algo ignominioso.
o que você quer?
que eu me sinta
enganado?
(o verde das ervas
ao sol
é tudo o que temos
é tudo o que realmente temos.)
eu digo deixem os macacos dançarem,
deixem os macacos dançarem
à luz de Deus.
eu moro perto demais
do matadouro
e estou doente
de tanto me esforçar.

um futuro parlamentar

no toalete masculino do
hipódromo
o garoto de uns
7 ou 8 anos de idade
sai do reservado
e o homem
à espera dele
(provavelmente seu
pai)
perguntou,
“o que você fez com o
programa das corridas?
eu lhe dei
para que o guardasse”.
“não”, diz o garoto,
“eu não vi! eu não
estou com ele!”
eles saíram e
eu entrei no reservado
porque era o único
vago
e lá
na privada
estava o
programa.
eu tentei fazer com que a descarga
levasse
o programa
mas ele só nadou
preguiçosamente
e
ficou lá.
eu saí

e achei
outro
reservado vago.
o garoto estava pronto
para sua vida futura.
ele seria sem dúvida
muito bem-sucedido,
o fedelho
mentiroso.

estrangeiro em uma cidade estranha

eu havia acabado de chegar
a outra cidade estranha
e havia deixado meu quarto e
me encontrava caminhando ao longo
do que devia ter sido
uma avenida principal
na qual os automóveis corriam indo
e vindo com o que parecia ser
um propósito
definido.

aquele bulevar movimentado parecia
estender-se sem fim
à minha frente e
parecia seguir
direto até a beirada
da Terra,
e então

depois de caminhar por um tempo
eu me dei conta
de que estava
perdido, de que
havia esquecido o nome
da rua em que meu
quarto ficava
ou
onde estava.

não havia deixado nada
naquele quarto
a não ser a diária paga
por uma semana
mais uma mala
amarrotada
cheia de minhas roupas velhas

mas aquilo era
tudo o que
eu tinha
então comecei a examinar
as travessas
procurando
meu quarto
e logo fiquei
com medo, um
terror paralisante como uma doença
fatal
espalhando-se em mim
enquanto
eu continuava a andar
para cima e para baixo por ruas
desconhecidas
até que minha mente
me dissesse:
você está louco, é só
isso, você deveria
desistir e tentar
resolver
isso.
mas eu só continuava a andar.
havia sido uma
longa tarde e agora
deslizava
noite adentro.
meus pés doíam
em meus sapatos
baratos.
então foi
escurecendo, já era noite,
mas eu continuei
a caminhar.
sentia como se

tivesse caminhado
para cima e para baixo
pelas
mesmas ruas
de novo e de novo.
então finalmente
reconheci meu
prédio!
e subi correndo
os degraus
e pela escadaria até
o segundo andar
e meu quarto ainda estava
lá e eu
abri a porta,
fechei-a depois de entrar,
e fiquei
seguro lá dentro.
lá estava a
mala
no assoalho,
ainda cheia das minhas
roupas velhas.
eu ouvi um homem
rir
em outro
dos quartos e subitamente
me senti muito
melhor.
eu tirei meus sapatos,
camisa, calças,
sentei-me na beirada
da cama e
enrolei um
cigarro.
e aí me reclinei no

travesseiro e
fumei.
eu tinha 20 anos de idade
e 14 dólares
na minha carteira.
então me lembrei
da minha garrafa de vinho.
puxei-a sob a
cama, destampeei-a
e tomei um bom
trago.
resolvi que
não estava louco.
peguei um jornal
do chão
e fui para a seção de
empregos:
lavador de pratos, auxiliar
aduanheiro, estoquista,
guarda noturno...
joguei o jornal
no chão.
eu procuraria um
emprego
depois de
amanhã.
então apaguei
o cigarro
satisfeito
e fui
dormir.

só mais um bebum

o garoto tinha 20 anos, estivera na estrada
por 5 ou 6 anos e agora estava sentado no sofá
tomando minha cerveja, seu nome era Red,
e ele falava sobre a estrada:

“aqueles 2 caras estavam tentando me amedrontar
para valer, fazer com que eu ficasse quieto, porque eu tinha visto eles
matarem um
cara”.

“matarem um cara? como?”

“com uma pedra.”

“para quê?”

“ele tinha sua carteira, uma boa
carteira, e 7 dólares. era um bebum. estava
bêbado e bateram nele com a pedra,
arrebentaram seus miolos.”

“você viu isso?”

“eu vi. na próxima parada do trem
eles o descarregaram, descarregaram em algum
mato alto, aí o trem partiu
de novo.”

dei mais uma cerveja para o garoto.

“quando a polícia encontra esses caras esfarrapados, sem
identificação, cara avermelhada de vinho, eles dizem ‘só mais um
bebum’,

nem investigam, só
esquecem.”

conversamos quase a noite toda
sobre a estrada. eu lhe contei umas histórias
minhas. então fui para a cama. ele dormiu no
sofá. eu entrei no quarto de dormir com a mulher e
a criança. dormi.

quando acordei para mijar pela manhã

Red estava sentado em uma cadeira

lendo jornal de ontem.

“preciso ir”, ele disse, “não posso dormir mais, mas tive uma boa noite, foi uma boa conversa. obrigado.”

“eu também, Red. vá com calma.”

“com certeza.”

então ele saiu pela porta e seguiu pela rua, partiu.

de volta ao quarto, ela perguntou, “Red foi embora?”

“é.”

“para onde ele foi?”

“não sei. Texas. O inferno. Boston. qualquer lugar.”

a menininha acordou:

“eu quero mamar!”

“você pode pegar a mamadeira para ela? você está em pé.”

“claro.”

eu fui para a cozinha e misturei algum

leite. e em todo lugar todas as coisas iam correndo,

cruéis e não cruéis, aranhas e vagabundos

e soldados e jogadores e loucos e

factótuns e bichas e bombeiros, assim mesmo,

e voltei para o quarto e passei a mamadeira para a menina

voltei para a cama

e ouvi a criança chupando aquela coisa –

chupa chupa chupa,

e logo nós tomaríamos nosso próprio

café da manhã.

não é muito

suponho que assim como outros
eu tenha atravessado ferro e fogo,
o amor que deu errado,
quedas de cabeça, bêbado no mar,
e escutei o simples rumor da água escorrendo
nos encanamentos
e desejei afogar-me
mas simplesmente não conseguia aguentar os outros
carregando meu corpo três lances de escada abaixo
até os curiosos boquiabertos;
a psique foi queimada
e nos deixou insensíveis,
o mundo tem estado mais escuro que um apagão
dentro de um cubículo cheio de morcegos famintos,
e o uísque e o vinho penetraram em nossas veias
quando o sangue estava fraco demais para continuar;
e isso acontecerá com outros,
e nossos poucos bons momentos serão raros
porque temos um senso crítico
e não somos fáceis de enganar com risadas;
minúsculos insetos rastejam em nossa tela
mas podemos enxergar através dela
uma paisagem devastada
e que eles possam ter sua vez;
só pedimos que leopardos guardem
nossos ralos sonhos.
certa vez estive internado em um
hospital branco
para os moribundos e os egos
moribundos, onde algum deus mijou uma chuva de
razões para fazer com que as coisas crescessem
só para morrer, onde de joelhos
eu rezei por LUZ,

eu rezei por l*u*z,
e rezando
arrastei-me como uma lesma cega para a
teia
na qual fios de vento se enroscaram em minha mente
e morri de piedade
pelo Homem, por mim,
em uma cruz sem pregos,
olhando atemorizado enquanto
o porco arrota em seu chiqueiro, peida,
pisca e come.

o touro

eu não sabia
que os mexicanos
faziam isto:
o touro
havia sido bravo
e agora
eles o arrastavam
morto
ao redor da arena
pela
cauda,
um bravo touro
morto
mas não um touro qualquer,
esse foi um touro
especial
e para mim
uma lição especial
que aprendi...
e embora Brahms
tenha roubado sua Primeira da 9a
de Beethoven,
e embora
o touro
estivesse morto,
sua cabeça e seus cornos e
seus intestinos mortos,
ele foi melhor que
Brahms,
tão bom quanto
Beethoven,
e
enquanto íamos embora

seu som e o
sentido dele
continuavam a subir rastejando por meus braços
e embora as pessoas me empurrassem e
pissassem nos meus pés
o touro fazia arder em mim
um candeeiro de
luz;
arrastado por sua cauda
ele nada tinha a ver com qualquer coisa
tendo agora escapado de tudo aquilo,
baixando pelo longo túnel, rodeado por
cotovelos e pés e olhos, eu rezei por Tijuana
e pelo touro morto
e pelo homem
e por mim,
as águas azuis beijando-se
gozando o prazer do âmago da dor,
e eu cerrei meus punhos
bem fundo em meus
bolsos, agarrei a escuridão
e segui em frente.

as pessoas, não

espantoso! tamanha determinação nos
chatos e sem inspiração
e os copiadores.
eles nunca perdem a firme gratidão
por sua insignificância,
nem esquecem de rir
das piadas dos retardados;
como estudo de sentidos diluídos
eles fariam qualquer faraó
engasgar-se com seus colhões;
na música eles preferem a monotonia das
torneiras pingando;
no amor e sexo eles preferem uns aos outros
e assim compõem o
problema;
a energia com que impelem sua
inutilidade
(sem desconfiarem de nada)
rumo a objetivos que nada valem
é tão magnífica quanto
bosta de vaca.
eles produzem narrativas, crianças, morte,
rodovias, cidades, guerras, prosperidade, pobreza, políticos
e áreas totais de grandioso desperdício;
é como se o mundo todo estivesse enrolado em
ataduras sujas.
é melhor fazer caminhadas tarde da
noite.
é melhor fazer seus negócios apenas às
segundas e
terças-feiras.
é melhor ficar em um quatinho
com as cortinas fechadas

e

esperar.

os homens mais fortes são a minoria

e as mulheres mais fortes morrem sozinhas

também.

pode ir dando adeus a sua bunda

eu finalmente o conheci. ele estava sentado em um velho roupão e reclamou por 5 horas.

“olha,” ele disse, “não confie em Krause, Krause irá roubá-lo. ele me deve 10.000 dólares e não tem jeito de eu arrancá-los dele. um verdadeiro safado.”

“Senhor”, eu disse, “quando escreveu aquele primeiro romance, tinha tanto humor, a verdade sempre é tão engraçada, sabe, o jeito como as pessoas agem, como coisas mecânicas cegas, matando sem razão, maravilhoso como conseguiu por tudo aquilo no papel.”

uma velha senhora entrou e serviu-lhe uma xícara de chá. “eles arrebentaram minha motocicleta, roubaram meus manuscritos, me limparam. eles teriam me matado mas eu não estava aqui. eles me chamaram de fascista, afirmaram que eu havia vendido os planos da Linha Maginot aos Krauts. agora, onde diabos eu poderia ter conseguido os planos da Linha Maginot?”

ele serviu-se de chá. ergueu a xícara. estava quente demais ou algo assim. ele cuspiu tudo no tapete, um pouco em meus sapatos e calças.

“Senhor”, eu perguntei, “aquele primeiro romance, o senhor realmente comeu sua própria carne quando era um jovem escritor? estava tão faminto assim? meu deus, que narrativa aquela, eu nunca a esquecerei!”

“Martha!”, ele chamou. “Martha!” a velha senhora entrou.

“você esqueceu o limão e o açúcar, sua bruxa velha!” a velha senhora saiu correndo para pegar o limão e o açúcar.

“o governo reclama que eu lhe devo 70.000 dólares! eles não incomodam
Krause, o filho
da puta roda por aí em um Cadillac e tem uma propriedade
de cinco hectares. nunca confie em Krause. ele é um sanguessuga. ele
sugou
os corpos e talento de pelo menos 3 dúzias de escritores. ele é como uma
aranha
gigante, uma tarântula!”
“Krause nunca me pediu nada...”
“se ele pedir, você pode ir dando adeus
a sua bunda!”
Martha entrou correndo com o limão e o açúcar.
“sua maldita puta sem vergonha! eu deveria chicotear sua bunda!”
“Senhor”, eu disse, “o senhor é visto como
um dos mais poderosos escritores desde 1900.”
“não confie em Krause! um sanguessuga!”
ele se queixou por 5 horas. e eu ouvi. então sua cabeça caiu para trás,
sobre o encosto da sua cadeira de balanço, e eu vi aquele
famoso perfil de águia. então ele começou
a roncar.
ele era apenas um velho em um velho
roupão.
eu me levantei. Martha entrou.
“estou contente por ter tido uma chance de encontrá-lo”,
disse a ela.
“tento lembrar-me de que ele já foi um grande escritor”,
ela me disse.
“ele ainda tem um certo senso de humor”,
disse a ela.
“eu não acho”, ela disse,
“veja, eu sou
a mulher
dele.”
“boa noite”, eu
disse.
“boa noite”, ela

respondeu.

brilho roxo

vejo os sapatos
de salto alto e uma rosa branca murcha
que jaz no bar
como um punho
cerrado.
uísque faz o coração bater mais depressa
mas com certeza não ajuda a
mente e não é engraçado como você pode sentir dor
só com o mortífero rumor da
existência?
vejo essa
dançarina de striptease correndo ao longo do balcão
do bar
rebolando aquilo que ela acha
mágico
com todas aquelas caras encarando
por cima dos drinques
caros demais.
e eu? aqui? porra nenhuma,
realmente, não ligava para
ela mas amo a pulsação da
música alta e chapada tamborilando
no brilho roxo, qualquer
coisa sobre isso tudo: dificilmente
me senti melhor alguma vez.
eu a olho, a boneca
roxa tão
triste tão barata tão
triste, você nunca iria querer ir
para a cama com ela ou mesmo escutar sua
conversa, no entanto naquele lugar bêbado
você iria
gostar de passar seu coração para ela

e dizer
toque-o
mas depois
devolva-o.
ela dança tão vigorosamente agora no
brilho roxo,
o roxo mexe comigo de modo estranho:
houve uma noite
30 anos atrás
eu estava bêbado, é verdade, e havia
um Cristo roxo em uma caixa de vidro
do lado de fora de uma igrejinha e eu
arrebentei o vidro, eu quebrei
o vidro, e aí alcancei e toquei
Cristo mas
Ele era apenas um boneco e eu escutei as
sirenes em seguida e comecei
a correr.
bem, minha mente nunca mais foi a mesma
desde então e bater à máquina ajuda mas você não pode
bater à máquina o tempo todo, assim a dançarina de striptease agora
parte o que sobrou do meu coração e eu
não sei por que mas começo a dar dinheiro
para todo mundo no bar, dou uma nota de cinco para esse
cara, uma de dez para aquele, acho que talvez possa
despertá-los para a sabedoria
disso tudo
mas eles nem sequer dizem
“obrigado”, acham que sou apenas um
louco.
o gerente chega e diz
que estou expulso dali, passo-lhe uma nota de
vinte, ele a
pega.
dois amigos
estavam sentados em uma mesa

dos fundos, eles me ajudam a levantar e sair do bar.

acho a situação muito engraçada mas eles estão furiosos:

cadê o seu carro?

cadê a porra do seu carro?

eu digo, eu

sei lá.

que merda, eles

dizem e

me deixam sentado sozinho

nos degraus de

um prédio

de apartamentos.

acendo e fumo um cigarro.

depois me levanto e começo a longa

caminhada, uma caminhada que sei

que levará pelo menos umas duas

horas

até eu achar meu carro (experiência anterior)

mas eu sei que ao

encontrá-lo o turbilhão de

felicidade será

tudo de que preciso

e serei capaz de

recomeçar

a minha vida

mais uma vez.

mil dólares

todo o meu conhecimento sobre corridas de cavalos
me dizia que esta era uma aposta garantida.
apostei mil para ganhar.
o cavalo estava cotado em primeiro
nos três quartos de milha.^[1]
a campainha tocou e eles
saíram do portão.
meu cavalo virou à esquerda
atravessou correndo a cerca
caiu e
morreu
lá mesmo
com 7/5 no páreo.
quando conto essa história
as pessoas não dizem
nada.
às vezes não há nada a dizer
sobre
a morte.

[1] No original, “6 furlongs” – o furlong é um oitavo de milha, equivalente ao estádio, antiga medida grega. (N.T.)

agarre o escuro

estou sentado aqui
agora bêbado
escutando as
mesmas sinfonias
que me deram a
vontade de seguir em frente
quando eu tinha 22 anos.
40 anos depois
elas e eu já não somos mais tão
mágicos.
você deveria ter-me
visto
tão
esbelto
sem
barriga
eu era
um pedaço de
homem:
flamejante, forte,
insano.
disseste uma palavra
errada
para mim
e eu quebrava a sua cara
na hora.
eu não queria ser
incomodado
com qualquer coisa
ou por qualquer um.
eu parecia estar
sempre a caminho de alguma
cela

depois de ser fichado
por fazer coisas
na avenida
ou fora dela.
agora eu estou aqui
bêbado.
sou
uma série de
pequenas vitórias
e grandes derrotas
e estou tão
espantado
quanto qualquer outro
por
ter conseguido
chegar
até aqui
sem cometer um assassinato
ou ser
assassinado:
sem
ter acabado no
hospício.
enquanto bebo sozinho
de novo esta noite
minha alma apesar da agonia
passada
agradece a todos os deuses
que não estavam
lá
por mim
então.

o anão com um soco

isto foi muitos anos depois
e ainda não consigo entender direito
mas foi em Nova York
e Nova York tem suas próprias leis e
de qualquer modo eu estava à toa em um daqueles
lugares
com muitas mesas redondas
com seus cavaleiros fortes e terríveis;
eu não me sinto tão bem assim, como de costume,
nem forte nem terrível,
apenas podre,
e eu estou sentado com alguma mulher
com alguma espécie de capuz sobre a cabeça,
ela é meio maluca
mas isso não importa.
ela tem um nome, Fay,
eu acho,
e ficamos bebendo, indo de um lugar a
outro, e entramos lá,
e parecia terrivelmente
animado
pois havia um anão com cerca de um
metro de altura
e o anão estava circulando
bêbado
e ele parava em uma mesa
e olhava para um homem
e dizia,
“bem, o que VOCÊ tem para dizer?”
e depois o anão lhe acertava uma na boca
só que o anão tinha mãos muito boas e
um soco infernal
então todo mundo dava risada e o anão

seguia para o bar
para mais um drinque.
“mantenha-o longe de mim, Fay!”, eu lhe disse.
“ãh? o quê? quem?”
“mantenha-o longe de mim!”
“quê? o que é? longe?”
o anão mandou a mão em outro sujeito
e todo mundo riu,
até eu ri. o anão sabia socar.
ele tinha muita
prática.
ele dançou no bar
estilo pé de valsa
então ele reparou em um marinheiro
muito loiro e jovem e
amedrontado.
o garoto mijava nas calças
e sorria para o
anão.
o anão lhe mandou a mão
para valer;
seu sorriso seguinte foi um tanto
sangrento.
então o anão deu-lhe outra no queixo
jogando o marinheiro para trás
sobre sua cadeira, duro
e teso.
nocaute! todos saudaram
o campeão!
aí o anão me
viu. o homem da mesa
ao fundo.
“mantenha-o longe de mim, Fay!”
eu disse.
“vamo tomá outro drinque!”, ela disse.
(estava com um copo cheio na frente dela)

ele veio para cima de mim
em todo o um metro da sua
glória.

“muito bem, o que VOCÊ tem para dizer?”
eu não respondi. eu não tinha nada para dizer
que ele pudesse entender.

“nada, hein?”

eu fiz que sim. ele veio. eu senti minha cadeira rodar, depois
parar de novo sobre seus pés. jorros de luz vermelha e amarela e
azul vieram em seguida, depois risadas.

sentado ali

eu revidei.

seu pobre um metro deslizou pelo chão como um
boneco de trapos

e então estavam em cima de mim

parecia uma dúzia de homens

(mas podiam ter sido 3 ou 4)

e tomei mais algumas

porradas.

então fui jogado para fora

eu me levantei

e achei um lenço

e tentei parar

o pior do sangue

e Fay estava lá,

“seu covarde, você bateu naquele
homenzinho!”

eu desci pela rua

mas ela ficou lá junto comigo

e fomos ao bar mais próximo

e eu olhei ao redor

e, vendo que todo mundo tinha mais de 1 metro e 30,

mandei vir mais 2

drinques.

os elefantes do Vietnã

primeiro eles costumavam, ele me contou,
atirar e jogar bombas nos elefantes,
dava para ouvir seus gritos sobre todos os outros sons;
mas você voava alto para bombardear o povo,
você nunca o enxergava,
só um pequeno clarão de lá de cima
mas com os elefantes
você podia olhar aquilo acontecendo
e ouvir como gritavam;
eu dizia a meus companheiros, ouçam, caras,
parem com isso,
mas eles se limitavam a rir
enquanto os elefantes se dispersavam
erguendo a tromba (se não tivesse sido estourada)
abrindo a boca
bem grande e
tropeçando nas pernas grossas e desajeitadas
enquanto o sangue escorria dos grandes buracos na barriga.
então voaríamos de volta,
missão cumprida.
acertávamos qualquer coisa:
comboios, depósitos, pontes, gente, elefantes e
todo o resto.
ele me contou mais tarde, eu
me senti mal pelos
elefantes.

café da manhã

acordando em uma daquelas manhãs no depósito de bêbados,
lábio inferior arrebitado, dentes soltos, miolos nadando em
uma cacofonia que não é sua, com
todos aqueles outros estranhos enrolados em farrapos, agora
barulhentos em seu sono louco, com nada para lhe fazer
companhia a não ser uma privada entupida,
um assoalho frio e duro
e a lei de outra
pessoa.

e sempre havia uma voz matinal, uma voz alta:

“CAFÉ DA MANHÃ!”

você normalmente não iria querer aquilo

mas se você quisesse

antes que pudesse pôr em ordem seus pensamentos

e ficar em pé

a porta da cela batia

e se fechava.

agora cada manhã é como um lento sonho

de satisfação. encontro meus chinelos, eu os calço,

vou ao banheiro, então desço a

escada com um turbilhão de corpos peludos, sou

o provedor, o deus, limpo as tigelas dos gatos, abro

as latas e converso com eles e eles se animam e

fazem seus sons ansiosos.

coloco as tigelas no chão enquanto cada gato vai para a sua

própria tigela, então reabasteço o pires com água

e olho todos os cinco comendo

em paz.

volto pela escada até o quarto

onde minha mulher ainda dorme, rastejo sob

as cobertas com ela, viro minhas costas para o sol

e logo estou dormindo de novo.

você tem que morrer algumas vezes antes de poder realmente

viver.

canção de amor invertida

eu poderia desmanchar 90 montanhas aos berros
até torná-las menos que pó
se apenas um ser humano tivesse olhos na cabeça
e coração no corpo,
mas não há chance,
meu deus,
nenhuma chance.
rato com rato cão com cão porco com porco,
ouça o piano bêbado,
perceba o mito da misericórdia
fique quieto
pois até a voz de uma criança rosna
e nós não fomos enganados,
foi só porque quisemos acreditar.

Salty Dogs

fui cedo à pista para estudar as chances e aí
vem esse homem chegando e
limpando o pó dos bancos. ele prossegue em seu trabalho, tirando o pó,
muito

provavelmente contente por ter seu trabalho simples.
eu sou daqueles que não veem muita diferença
entre um cientista atômico e um homem que limpa os assentos
exceto pela sorte na jogada –
pais com dinheiro suficiente para dirigi-lo com segurança para uma
vida mais generosa.

“como é que vai?”, perguntei-lhe enquanto ele ia tirando o pó.

“tudo bem, e como vai você?”, ele perguntou.

“eu até que acerto com os cavalos. é com as mulheres que eu perco.”
ele riu. “é, um homem tem duas ou três experiências ruins,
isso realmente o derruba.”

“eu não ligo para duas ou três,” eu lhe disse, “eu ligo para
11 ou 12.”

“cara, você deve conhecer muita coisa nessa altura. qual você prefere
para o
primeiro?”

eu lhe disse que Salty Dog estava dando 4 para 1 e deveria chegar
em primeiro ou segundo. (45 minutos depois ele o fez.) mas ainda não
eram 45

minutos depois. o homem continuou a tirar o pó e eu pensei em todos os
meus empregos podres e como eu estava contente por tê-los. por um
tempo. depois era questão de largar ou ser demitido.
ambos me faziam sentir bem.

é quando você vive com uma mulher por mais de dois
anos que você sabe o que poderá acontecer só que você não sabe
exatamente por quê. não está no horóscopo. está no desempenho
passado,

não no horóscopo.

meu amigo, limpando o pó dos assentos, ele também não sabia

exatamente por quê.

saí para tomar um café. a garota magra atrás do
balcão era uma morena com uma pequena flor azul no cabelo,
belos olhos, belo sorriso. paguei meu café.

“boa sorte”, ela disse.

“para você também”, eu disse.

leveí o café para meu assento, o vento vinha do oeste,
tomei um gole e esperei pela ação, pensando em
muitas coisas, coisas demais. a cena dissolveu-se em grama e
árvores e a pista suja de corridas, e me lembrei de cortinas sujas em
quartos sujos de pensão esvoaçando para a frente e para trás em um
vento leve,

e pensei em tropas sujas saqueando algum vilarejo novo,
e em minhas antigas namoradas infelizes novamente com seus novos
homens.

eu me sentei e tomei meu café e esperei pelo primeiro
páreo.

olhos sem cérebro

na manhã amarga
rosas altas crescem
e os sapos comemoram
vitória.
no balão vazio da noite
nada cresce;
a noite
mastiga e arrotta
e a vitória só é comemorada
por senhoras indecentes
com as pernas abertas
e olhos sem cérebro.
ao meio-dia,
por exemplo ao meio-dia,
algo acontece
finalmente.
o farol muda
o tráfego passa.
a própria vida não é o milagre.
que a dor seja tão constante,
esse é o milagre –
aquele martelar da coisa
quando você não pode nem gritar nem chorar
e tudo fica em cima de você
olhando nos seus olhos
comendo sua carne.
manhã noite e meio-dia
o tráfego passa
e o assassinato e a traição
de amigos e amantes
e toda a gente
passa através de você.
dor é a alegria de saber

a menos generosa verdade
que chega sem
avisar.
a vida é estar só.
a morte é estar só.
até os loucos choram
manhã noite e meio-dia.

inacreditável

tenho ido às corridas há
décadas
mas vi algo novo
hoje.
2 cavalos derrubaram seus cavaleiros.
normalmente quando um cavalo derruba
o cavaleiro dele ou dela
ele (ou ela) continua a correr
na mesma direção que
os outros cavalos.
mas
dessa vez
os dois cavalos se viraram
e começaram a correr na
direção contrária.
em outras palavras,
na direção do bloco
que estava vindo.
era uma pista de 5/8 de
milha
e eles estavam se aproximando bem
rápido.
o locutor avisou
os cavaleiros
e quando eles passaram
pela última curva
na direção da reta
lá vieram os outros
2 cavalos bem na direção
deles.
não houve gritos.
houve um silêncio
mortal.

dava para ouvir as ferraduras
pisoteando a terra.
então um dos cavalos desviou
em uma curva bem aberta
e saiu da
pista.
o outro avançou direto
naquilo
e atravessou direto
entre os outros
cavalos.
os outros cavalos alcançaram
a chegada.
o meu havia ganhado.
mas os juízes procederam a
um inquérito e foi
declarada
anulação.
eu estava
me lixando.
continuava a ver aquele cavalo
disparando pelo prado
e passando direto,
intocado.
um milagre.

guerra e paz

experimentar a
verdadeira agonia
é
algo
duro
de escrever a respeito,
impossível
de entender
quando o
pega:
você fica
amedrontado
até a
medula,
não pode parar
quieto,
mexer-se
ou até
ficar
louco
decentemente.
e então
quando sua compostura
finalmente
retorna
e você
consegue
avaliar
a
experiência
é quase
como se
tivesse acontecido

a
outra
pessoa
pois
veja
você
agora:
calmo
desligado
por exemplo
limpando suas
unhas
procurando em
uma
gaveta
por
selos
passando
graxa
em seus
sapatos
ou
pagando a
conta
da luz.
a vida é
e não é
uma
delicada
chatice.

quanto mais você tenta

o desperdício de palavras
continua com uma espantosa
persistência
enquanto o garçom passa correndo com a bandeja
lotada
para todos aqueles garotos espertos que riem
de nós.
pouco importa. pouco importa.
enquanto os cadarços dos seus sapatos estiverem amarrados e
ninguém chegar perto demais
por trás.
só ser capaz de lixar-se e
ser indiferente já é vitória
o bastante.
essas mentes constipadas que buscam
sentidos mais amplos
serão despachadas com o resto
do lixo.
para fora.
se houver luz
ela o
encontrará.

dois



cuidado com mulheres
envelhecidas
que nunca foram
nada a não ser
jovens.

todas as garotinhas

foi lá no norte da Califórnia
e ele estava em pé no púlpito
e estava lendo há algum tempo
estava lendo muitos poemas sobre
a Mãe Natureza e a bondade inerente
ao homem.
ele acreditava que tudo estava
certo com o mundo.
e não dava para reclamar dele:
era um professor de carreira que nunca havia
estado na cadeia ou em um puteiro;
cujo carro usado nunca morreu
na autoestrada; que
nunca havia precisado de mais do que
três drinques durante a mais louca
das suas noites;
que nunca havia sido fichado, execrado ou
levado porrada;
que nunca havia sido mordido por um cachorro;
que recebia regularmente cartas cordiais de Gary
Snyder, e cujo rosto era
amável, sem marcas e
carinhoso. finalmente,
sua mulher nunca o havia traído
muito menos sua sorte.
ele disse: “só vou ler
mais três poemas e depois vou
descer daqui e deixar
Chinaski ler”.
“ah, não”, disseram todas as
garotinhas em seus vestidos rosados e azuis
e brancos e cor de laranja
e lilases. “ah, não,

leia mais alguns, leia mais
alguns!”
ele leu mais um poema e então disse,
“este é o último poema que
vou ler”.
“ah, não”, disseram todas as
garotinhas em seus vestidos meio transparentes
vermelhos e verdes. “ah, não”, disseram
todas as garotinhas em seus jeans
apertados com corações costurados neles.
“ah, não”, disseram todas as garotinhas,
“por favor, leia
mais poemas!”
mas ele cumpriu sua palavra.
recolheu os poemas e desceu e
desapareceu em algum lugar. quando levantei-me para ler
as garotinhas deram risadinhas em
seus assentos e uma delas assobiou e
algumas delas fizeram observações interessantes dirigidas a mim
que usarei em um poema em alguma data futura
pois este maldito poema em particular
tem que terminar em algum lugar.
de qualquer modo, foi duas ou três semanas depois
que recebi essa carta do poeta William
dizendo que ele *havia* apreciado minha leitura.
ele era um verdadeiro cavalheiro.
eu estava de cama com uma
ressaca de três dias. perdi o envelope
mas peguei a carta e a dobrei em
um desses aviõezinhos de papel
que eu havia aprendido a fazer na
escola. navegou ao redor do quarto
e aterrissou entre um velho boletim de corridas de cavalo
e um par de shorts puídos.
não nos correspondemos desde então.

chega desses rapazes

meu primeiro marido, Retzel, ela disse,
voava em paragliders. ele tinha só uma das mãos.
ele nunca me chupou, nem uma vez só.
ele quer conhecê-lo, ele mora em
Redondo Beach.
Redondo Beach, eu disse, Redondo Beach.
meu marido seguinte,
Craft, tomava comprimidos e tocava piano o dia todo.
depois ele precisou operar um dos dedos da mão.
uma verruga. ele foi cruel comigo. agora ele sabe
o quanto foi cruel comigo.
onde ele está agora?
África. ele ainda está na África.
eu rodei pela África toda. circulei por lá
de barco. conheci um homem que tinha um
leopardo. ele costumava levar seu leopardo para
passear todo dia preso a uma corrente.
um dia ele não apareceu. seu leopardo o havia
comido.
essa é uma história engraçada.
eu também acho. você entende
as coisas. para mim chega desses rapazes,
desses corpos duros. eu quero você. você está no controle
de tudo.
eu estou?
sim, meu marido seguinte,
Larry, certa vez cobriu meu corpo com
pétalas de rosa. todas aquelas flores! foi
adorável, mas ele não fez amor comigo
outra vez por 2 anos. ele foi tão ruim como
amante. você é um grande
amante.
eu sou?

sim, você não gostaria de ir à Holanda?

não.

a Paris?

não.

à África?

não.

Redondo Beach?

não.

você é esquisito. não gosta de

viajar?

estou cheio disso.

você devia ter-me visto voar no paraglider de Retzel!

eu era boa naquele paraglider.

mas ele nunca me

chupava.

Retzel?

sim, agora ele é publicitário. ganha um bom dinheiro.

algum dia eu vou lhe contar sobre minhas mulheres.

não quero saber de suas

mulheres. não quero saber de

nenhuma

delas.

ela se virou na cama

oferecendo-me suas costas e seu

rabo.

garota, eu disse, conte-me mais sobre

Retzel.

ela se virou em minha

direção. você realmente quer

ouvir?

com certeza.

então ficamos deitados de costas

e ela me contou sobre Retzel

e eu ouvi.

pernas

ela chegou de táxi
completamente embriagada.
foi
depois de um dos meus longos dias como
estoquista na Companhia May
e lá estava eu
exausto e
mamando minha
cerveja e
olhando-a em seu
estado derrubado
estendida sobre a cama
a saia erguida bem alto.
eu mamei meu drinque
e então a segui até
a cama e ergui
sua saia mais alto ainda:
que vista
aquelas pernas gloriosas
descobertas e indefesas.
ela era uma grande mulher com
grandes pernas.
fizemos uma tamanha farra
e passamos por muita agonia juntos
por alguns anos
mas ela achou
a vida dura demais;
ela morreu
há 34 anos e
eu nunca vi
pernas como aquelas
desde então
e eu nunca

deixei de
procurar.

os sapatos de Jane

meus sapatos no armário como lírios
esquecidos,
meus sapatos agora sós
como cães andando por ruas mortas,
e eu recebi uma carta de uma
mulher em um hospital,
amor, ela diz, amor,
mas eu não lhe respondo,
eu não me entendo,
ela me envia fotografias
dela mesma
tiradas no hospital
e eu me lembro dela em outras
noites,
não morrendo,
seus sapatos com saltos como punhais
ao lado dos meus
no armário;
como aquelas noites fortes
mentiram para nós,
como aquelas noites ficaram quietas
enfim,
meus sapatos agora sós no armário,
sobrevoados por casacos e
camisas amassadas,
e eu olho para a abertura deixada
pela porta
e as paredes, e não
escrevo
uma resposta.

maldito Rimbaud

foi em Santa Fé.

estávamos sentados esperando-a.

ela havia ido a alguma exposição de arte ou qualquer outra
maldita coisa inútil.

era uma boa artista

melhor que muitos homens

e esse era o

problema.

“que diabo aconteceu com Helen?”

“onde está Helen?”

o marido de Helen, ex-marido, agora estava sentado no topo de uma
colina em algum lugar com uma nova puta de olhos azuis.

uma puta

muito puta: ela até escrevia

poesia. Vicki era o nome dela. Vicki agora era “Sra.”

ela havia trocado um marido rico por outro mais
rico ainda.

“Helen me pediu para não odiar Vicki!”, disse minha anfitriã,

“mas que diabo, não consigo gostar de Vicki.”

“que diabo”, disse meu anfitrião, “você não pode nem
tentar?”

“você gosta de Vicki?”, perguntou minha anfitriã.

Vicki me parecia legal. eu não conseguia achar nada de errado
nela.

“onde está Helen?”, perguntei de novo. “oh onde oh onde diabos está
Helen?”

“ela vai chegar, ela vai chegar, ela disse que estava
chegando.”

Helen apareceu 3 horas mais tarde.

ela parecia uma serpente em um vestido verde, todo fluido,

louco louco, lustroso,

seu colar prateado pulsando

em sua garganta

bem debaixo do meu nariz.
ela era consumida por 3 simples coisas:
bebida, desespero, solidão; e mais 2:
juventude e beleza.
era demais:
eu não podia resistir à força
dela. eu a beijei. eu a beijei
de novo. eu era como um garoto na escola,
toda a minha dureza
tinha desaparecido.
“vamos cair fora daqui!”
eu lhe disse, ignorando nosso anfitrião e nossa anfitriã.
fomos para sua casa logo ao lado
e eu fiquei na cozinha bebendo e
observando-a.
“seu corpo, seu corpo, Jesus!”, eu lhe
disse. ela era realmente bela e dava risadas,
como quando você lê a respeito em um romance
só que isso nunca acontece com
ninguém.
ela contorceu seu corpo e enquanto cantarolava
fez uma adorável dança repleta de
insinuações.
“baby, eu te amo”, eu disse, “baby, eu te
amo!”
nós descemos para um salão escuro com um crucifixo
na parede e alguns de seus quadros. entramos em
outro quarto grande. continuei no meu
drinque.
“fique aqui”, ela disse.
sentei-me em um sofá e bebi. parecia
frio e vazio de repente e eu
me perguntava aonde ela havia ido.
então olhei em volta e ela estava deitada em outro sofá
nua e sorridente
o que foi inesperado

pois estou acostumado a despir minhas
mulheres.

e a visão dela ali nua em pelo me fazia lembrar mais
dos meus dias no matadouro do
que de Mozart,

mas, é claro, quem quer foder
com Mozart?

terminei meu drinque e tirei a roupa e tentei
mas acho que não estava lá essas coisas
foi minha culpa
minha culpa
e ela me empurrou
pra longe.

eu fiz mais algumas tentativas
desanimadas e então ela se levantou e saiu.
também me vesti e depois
não me lembro de muita coisa exceto
de estar um bocado bêbado.

mas quando ela me pôs para fora na chuva
eu ressuscitei.

a chuva estava molhada a chuva estava fria a chuva estava
gelada.

“merda!”, eu disse, “merda!” corri de volta para
a porta dela ou a porta que achei que fosse dela
mas parecia haver dúzias de portas,
uma série de apartamentos todos
engatados.

bati na porta que esperava ser a dela:

“baby, baby, eu não quero foder com você! sei que sou
um amante horrível! tudo o que eu quero é sair
desta maldita chuva!”

ela não respondeu. eu desisti. voltei correndo para
o apartamento do meu primeiro anfitrião. bati na porta.
não adiantou. a chuva era como gelo.

olhei para uma garagem aberta mas estava cheia de lama e água;
nenhum lugar para me deitar.

“deixe-me entrar!”, eu gritei. “Jesus! misericórdia! o que eu fiz?
em que eu falhei? VOCÊ É O GUARDIÃO DO SEU IRMÃO!”
meu anfitrião apareceu na porta:

“você é um cachorro sujo!”

“eu sei, mas deixe-me entrar,
por favor.”

ele abriu a porta e eu o segui pela
sala.

“cara oh cara.” ele disse, “você é um filho da puta, você é um
cachorro covarde, você não vale nada!”

“eu sei,” eu disse.

“você contou para ela que eu era um ex-condenado?”

“diabos, não, nem estava pensando em
você.”

“então que diabo você quer de
mim?”

“nada, você me pagou a passagem de
trem de volta.”

“você insultou a nós dois. eu não me importo comigo mas você não pode
insultar minha mulher. você disse para Helen, ‘vamos eu e você cair
fora daqui, essas outras pessoas não são de nada!’”

“foda-se. você ainda tem algum uísque
sobrando?”

“na geladeira.”

“obrigado.”

ele grunhiu e subiu para a cama ao lado de sua
mulher.

eu peguei a garrafa e a trouxe para minha cama
e beberiquei beberiquei beberiquei e escutei a
chuva. pensei que a noite tivesse
passado mas aí ele começou
outra vez:

“pensei que você fosse um grande escritor
pensei que você fosse um grande homem
foi por isso que paguei sua passagem até aqui
foi por isso que publiquei sua poesia

foi por isso que quis que toda essa gente o conhecesse!”

“está certo”, eu disse tomando goles do bom uísque.

“eu tenho que ir embora de manhã. por que não vamos todos dormir?”

“você é realmente um filho da puta!

nunca pensei que você fosse um tamanho filho da puta!

por que você fica sempre com seus olhos semicerrados?

por que você não é capaz de encarar um homem?

por que você sempre desvia o olhar?”

“não sei, não sei.”

“você é covarde, é isso: COVARDE!”

eu sabia que era verdade

e tomei um gole grande de uísque e

disse:

“você quer ir lá fora para brigar?”

“diabo! você tem dez anos de vantagem sobre mim!”

“eu lhe dou o primeiro

soco!”

“você promete que vai embora de manhã?”

“com certeza.”

. . .

Helen soube que eu iria embora

através deles eu acho

e ela chegou lá mais cedo na manhã seguinte para saber se

podia me levar até o hotelzinho para pegar o ônibus até

a estação de trem.

ela ainda estava linda

até mais do que antes

vestindo calças justas e mocassins indígenas e

enquanto ninguém estava olhando

eu me estiquei e peguei seu

pé. ela ignorou mas não me mandou

para o inferno

então me senti todo aquecido

por dentro.

“está bem, eu o levo até lá”, ela disse a meus anfitriões.

“obrigado”, eles disseram.

entrei para dar uma cagada.

“detestamos vê-lo ir embora”, eu ouvi meus anfitriões dizerem.

“eu também”, ela disse.

um cagalhão saiu.

“voltarei às 2h. para apanhá-lo”, ela disse.

“até logo.”

“até logo.”

quando eu saí havia 2 índios sentados lá com meus anfitriões.

o Chefe disse: “eu adiantei àquele negro 8 mangos por 2 sacos de quatro libras de feijão. passaram 2 semanas e ele ainda não voltou. ele trabalhou para alguma companhia de cimento.

dê-me sua caderneta de telefones, eu vou encontrar aquele desgraçado!”

apresentaram-me à sua “squaw”. eu a beijei no rosto. ela deu uma risadinha. tinha uns 60 anos e um defeito nas pernas.

“estou com problemas,” disse o Chefe, e então arrancou o cobertor do meu catre e o enrolou em volta de si.

“sou grande Chefe”, ele disse, “e tudo que preciso é um bom pedaço de rabo e depois ir pegar aquele negro.”

“não olhe para mim”, eu lhe disse, “não sou nem um nem outro.”

o Chefe me olhou:

“acho que preciso de um banho”, ele disse.

ele foi lá e entrou em uma das 3 banheiras em um dos
3 banheiros. então a “squaw” resolveu que ela também precisava tomar
um banho. e depois mais alguém resolveu que precisava dar uma
cagada. todos desapareceram. eu tomei meu drinque e voltei a
dormir.

. . .

“sentimos muito por vê-lo ir embora”, uma
voz disse, me despertando.

os índios haviam ido embora.

“tudo bem”, eu
disse.

ninguém discutiu
comigo.

entrei no carro com Helen e a vista de
seus joelhos de nylon fez martelos baterem em meus miolos.

eu estava tão triste por nunca vir a possuir algo de bom,
algo como ela,

que nada de bom nunca viesse a me pertencer

não porque eu estivesse sempre pobre de dólares

mas porque eu era pobre em expressar-me a dois.

eu era tão amarelo de covardia quanto o sol talvez

mas também tão quente e tão verdadeiro quanto o sol

em algum lugar lá dentro de mim

mas nunca ninguém acharia esse lugar.

eu certamente acabaria para sempre chorando os blues em uma

xícara de café em um parque para velhos jogarem

xadrez ou algum outro jogo bobo.

merda! merda!

e então Helen engatou a marcha e rodamos através das

ricas colinas e não havia nada que eu pudesse lhe dizer

sobre sua beleza ou o quanto eu era durão

ou que só ficar sentado e olhá-la por um mês

sem nunca tocá-la de novo

seria meu único desejo

mas como um desgraçado eu provavelmente estava mentindo para mim

mesmo

eu provavelmente queria tudo tudo
mas agora aos 45
tendo vivido com uma dúzia de mulheres e sem amar nenhuma delas
eu agora estava louco, acabado, enquanto ela
me levava através das colinas tudo gritava dentro de
mim, e eu continuava a dizer enquanto seguíamos
(para mim mesmo, é claro)
fodão, vai passar,
tudo passa,
tudo é uma piada
uma piada sobre você,
esqueça, pense em cachorros mortos coisas mortas pense em
você: indesejado, quebrado, simples, um suposto poeta que escreve
coisas profundas, mas você não é capaz de escrever sobre nada exceto
VOCÊ MESMO. não é verdade? não é verdade? você é uma porra,
um trouxa centrado em si mesmo só esperando por alguma saída fácil?
você anseia
por dinheiro, palanques cheios de aplauso, reconhecimento e um livro
de poemas que ainda será admirado no ano de 2179.
você é um impostor de merda covarde que grita: você não vai conseguir
e
é bom você acostumar-se a isso
agora.
nós rodamos até o hotelzinho
e o pobre poeta impostor disse,
“eu posso lhe dizer adeus?” era
como um filme ruim, só que não era um filme:
eu podia entender *Crime e Castigo* de Dos
eu podia entender a lua inclinando-se sobre um bar no beco
ao pedir um drinque, mas eu não podia entender nada sobre mim mesmo
eu estava assassinado, eu era um merda, eu era uma matilha de cães,
eu era papoulas ceifadas por rajadas de metralhadora
eu era uma vespa presa em uma teia de aranha
eu era cada vez menos e menos e ainda assim tentando alcançar
algo, e eu pensei em seu comentário banal
a noite passada ou algo assim:

“você tem olhos feridos.”

piegas, é claro, mas tudo o que vem de uma mulher
de verdade não é piegas
e eu pensei em suas pinturas decentes de pessoas e coisas
chegando lá querendo querendo
e como um japa na trincheira cercado por heroicas
tropas americanas
eu a beijei
em despedida.

“sinto muito por não ter conseguido ser legal com você”,
ela disse. “eu não estava pronta, acho.”

“não, foi minha culpa”,
eu lhe disse.

entrei no hotelzinho daquela
cidadezinha (de onde levavam de ônibus
até o trem) e me perdi, merda, me perdi,
não conseguia achar a bilheteria, degraus para
cima e para baixo
entrar e sair pelas portas
lágrimas de novo finalmente
como um filme ruim de novo, e
finalmente eu achei o vendedor de bilhetes
e consegui fazer o negócio
de comprar um bilhete.
saí e me sentei no saguão e
olhei por cima do meu bilhete
e lá estava ela.

“o que você está fazendo aqui?”, eu perguntei.

“vi você todo encurvado e triste e friorento.
não parei de pensar em você.”

o ônibus para o trem estava atrasado, tudo estava
atrasado, assim ela me levou de carro até a cidade nesse meio-tempo e
tive que repassar
a coisa toda com ela.

e eu sabia que mesmo as palavras mais apropriadas nunca resolveriam.
eu estava sujo, sujeira, eu parecia sujeira,

eu estava sujo de sujeira suja,
eu só queria entrar nela,
ficar lá, eu não era nada a não ser um comedor de buceta e
eu estava quebrado. eu não sabia soletrar, eu nem sabia como usar
2 ou 3 garfos para jantar, eu não sabia nada sobre Harvard ou
diplomas ou 50 mil por ano, e ela sabia que tudo isso
era verdade: eu havia sido chutado por aí por muito tempo, eu não sabia
mais
o caminho para cima ou para fora ou nem queria saber: eu estava
destinado ao
fracasso.
eu disse adeus de novo
sugando tudo o que havia sido deixado dela dentro do
pouco que foi deixado de
mim. eu disse: “não me procure de novo. foda-se.
nós estamos todos perdidos. adeus, adeus”.
ela era grande. ela foi embora. observei o último clarão
dela dobrar a esquina e desaparecer e
então caminhei de volta até o saguão do hotel.
eles eram boa gente, 5 ou 6 bundões sentados quietos
à espera ali.
2 eram médicos. um outro era dono de qualquer coisa grande
e importante. todos tinham esposas. começava a
nevar.
todos subimos no ônibus para seguir até
o trem. eu já estava dormente,
dormente de novo,
dormente
de novo
e mais uma vez e mais uma vez,
torpor e dor crescendo em
mim – assim como nos bons
velhos tempos.
o mexicano dirigiu rodovia abaixo e quase arrebitou a
embreagem.
pessoas confortáveis faziam piadas confortáveis

sobre o tempo e coisas
mas eu fiquei mais em silêncio
dizendo uma palavra ou outra quando necessário
uma palavra ou outra
tentando esconder-me do fato de eu ser um idiota
e sentido-me horrível
e as pequenas colinas começaram a cobrir-se de neve
vagarosamente as coisas tornaram-se brancas
vagarosamente as coisas tornaram-se mais brancas
e eu sabia que tudo finalmente passaria
e graças à boa graça do bom Deus
meus anos e meu tempo estavam acabando;
seguimos em frente e cada vez mais em frente,
por vilarejos e tanto as coisas boas quanto
as coisas más estavam acontecendo às
pessoas naqueles vilarejos também,
mas eu continuava a não ser nada
a não ser braços e orelhas e olhos e talvez ainda houvesse
alguma sorte para mim ou
mais morte amanhã.

enfeitiçado em Nova York

a senhora foi a mais infiel e terrível que eu jamais havia encontrado e eu sabia disso e ela sabia disso e ela era as duas coisas, feia e linda ao mesmo tempo e as duas dela estavam sentadas ali no peitoril daquela janela aberta no hotel em Nova York em um dos dias mais quentes de todos os tempos, sem ar-condicionado, sem ventilador, suávamos e sofriamos e esperávamos algo acontecer.

eu estava bêbado, ela estava nas drogas, havíamos acabado de concluir uma copulação rapidinha e logo depois ela disse, “seu filho da puta, nós estamos encalhados aqui no inferno!” “bom”, eu disse.

então eu a vi cair da janela, estávamos no quarto andar, eu escutei o grito, seu corpo se havia ido.

então estava de volta, ela sentada no peitoril da janela outra vez. “você viu isso?”, ela perguntou. “eu caí da janela!” “bom”, eu disse.

“mas de algum modo eu me empurrei de volta para dentro!”, ela disse.

“bom”, eu disse.

“isso é tudo o que você sabe dizer?”, ela perguntou.

“‘bom’?”

“eu consigo dizer que acho você uma bruxa ou um demônio e que seu ato na janela agora só prova isso.”

eu senti que por cair para fora ela havia melhorado meu humor e que ela o havia estragado de propósito ao subir de volta

para dentro.

“então eu sou uma bruxa ou um demônio, é? bem, então chega de bunda para você!”

“bom”, eu disse.

às vezes você vive e fica com uma mulher e não tem ideia real do porquê.

com ela eu sabia: era o simples, fascinante,
inexorável mistério e terror
de ela ser assim.

não se preocupe, querida, vou dar um jeito

ele a viu em uma loja de bebidas
e isso mexeu com ele
mexeu mexeu mexeu
igual a carne de tubarão ainda viva à luz do sol remexendo-se.
ele lançou seus olhos sobre ela,
um milagre, a ouviu falar com ele,
ela era divertida, ela o fazia dar risadas, ela o fazia sentir como se
todas as portas estivessem abertas para ele.
foi fácil. ela voltou com ele para sua casa.
eles conversaram. foi fácil. ela era uma foda gloriosa. eles
foderam 3 vezes. ela
ficou.
“Smaltz”, telefonaram-lhe do serviço no dia seguinte,
“o que você está fazendo, por que você não veio?!”
nós temos a encomenda da Granger-Wently para despachar:
45 rodos de seis pés e 90 galões de
tinta Day-Glo ultramarina!”
“estou ocupado,” ele disse, e eles responderam,
“podemos conseguir um despachante de cargas
em qualquer lugar!” ele desligou, a virou e
a fodeu
de novo.
não foi a mesma coisa que com as outras:
toda vez que acabava ele sentia que ainda queria mais.
quando ela se dirigia ao banheiro era como se ele
não a tivesse tido realmente, e qualquer coisa que ela vestisse,
um chapéu feito de jornais, um par das suas meias, ela parecia
gloriosa, divertida divertida, diabos, ela o fazia sentir-se bem,
tudo o que ela dizia, porra, era uma
piada, ela encostaria aquele seu corpo contra o seu toda manhã e
diria, “ah, não vá pro trabalho, Eddie querido, fique comigo!”
“Eu não posso ir trabalhar, meu bem, eu não tenho mais emprego”, ele
diria,

e eles começariam tudo
de novo.

e assim chegou o dia: sem aluguel, sem café, sem vinho, sem
cigarros. o senhorio declarou: mais um dia;
resolva ou caia fora –!

“merda, eu achei que você sabia o que estava fazendo”,
ela disse a Smaltz, pela primeira vez ela não estava
divertida.

“não se preocupe, querida, vou dar um jeito”, ele lhe disse,
e partiram para uma última das boas.

sorte, ele tinha a .32. pensou, loja de bebidas, não, eu vou
meter a mão na massa, ela vai ter de
tudo, ela é minha, para mim, chapéu de papel, todo esse
rebolado, deus, não há nada
igual.

ele tentou o banco. aquele grande e cinzento lá perto.

ele entrou. estava pronto: a .32, o saco de papel, o bilhete:

“um assalto. quieto e você não morre. nada de apertar o botão, ponha
dinheiro no
saco. eu estou desesperado e vou matar. por favor, deixe nós dois
vivermos”.

ela esvaziou a gaveta no saco. ele viu:

monte de notas de cem, de cinquenta, minha nossa. uma viagem a Paris.
a caixa do banco também parecia boa. ele gostaria de fodê-la,
quem não gostaria.

ele estava quase na porta

quando sentiu que ela havia disparado o botão
de alarme. eles até haviam afastado a
multidão. o guarda na porta foi fácil –
era tão gordo que Smaltz não teve como errar:
ele caiu como um boneco.

lá fora ele viu o carro da polícia:

a coisa estava indo na contramão da
rua – como podiam fazer aquilo? –
acompanhando-o enquanto ele corria
e disparando tiros em seu rabo,

chegando perto; ele subiu correndo por um beco sem saída,
mas alcançou um elevador de carga
parado. “sobe! SOBE!”
ele berrou para outro esquisitão
mas o esquisitão ficou parado
olhando para a sua .32, e ele atirou no esquisitão,
não havia mais nada a ser feito,
e ele estava mexendo nos controles, tentando
fechar as portas
quando eles o alcançaram ali, atiraram nele,
atiraram dentro daquele elevador vagabundo; ele não conseguia dar
um tiro de volta. eles o pegaram, pegaram o saco de papel da sua
mão.
na noite seguinte ela estava dormindo com o dono de uma
loja de ferragens, Harry, uma renda boa e sólida, 2 dedos
faltando em sua mão direita – acidente de caça em Indiana,
1938.
você consegue outro despachante de carga
em qualquer lugar.

a secretária eletrônica

é uma das maiores invenções
do mundo.
raramente eu atendo o telefone
para interromper
a mensagem
e falar diretamente com
quem telefonou.
e dificilmente eu telefono
para alguém
por esses dias
e tampouco
no passado
a não ser que fosse alguma namorada nova
que me tivesse pego
para valer.
e ela nunca tinha uma
secretária eletrônica
só pílulas
contas a pagar
crianças rejeitadas
muitas necessidades prementes
e um sentido extremamente supervalorizado de
si mesma,
especialmente por
mim.

aquela garota linda que entrou para trocar a roupa de cama

eu a conheci quando ela entrou para
trocar a roupa de cama.

St. Louis.

ela me disse: você está doente.

e eu disse:

sim, estou doente.

e ela disse:

você precisar beber algo.

eu vim para trocar a roupa de cama

mas você precisa beber alguma coisa

dê-me algum dinheiro e

eu volto com alguma coisa para
beber.

então

eu dei a ela o dinheiro

sem conhecê-la

mas ela voltou com algo para
beber.

ela sentou em uma cadeira e eu

fiquei na cama e nós bebemos

silenciosamente.

e então começamos a conversar

e então rimos um pouco

e eu comecei a me sentir melhor e ela

a parecer mais bonita

e eu disse:

eu não achei que você fosse voltar

e ela disse:

diabo, eu trabalho aqui.

e eu disse:

ah, por isso você

voltou.

e ela disse:
não, não foi por isso que voltei.
e eu
gostei disso.
mal consigo me lembrar de como aconteceu
mas logo estávamos os dois na cama
fumando cigarros e tomando
cerveja
naqueles canecões pesados
de meio litro.
ninguém parecia estar com pressa.
e aí começou
a funcionar. não sei como funcionou
mas foi legal. nós
trepamos.
e ela se levantou e fechou as janelas para o sul
e disse:
é isso que o está matando
essa fumaceira subindo da avenida
isso
e a bebida. pelo menos dá para afastá-lo
da fumaceira.
nós rimos e então ela voltou para a cama e nós
conversamos mais um pouco e fumamos e ela
saiu da cama e disse
que precisava ir embora –
o namorado dela vivia no andar de baixo com ela,
e eu disse adeus
e ela foi embora e
então eu olhei para a cadeira
e vi os lençóis limpos e brancos.
ela havia esquecido de trocar a roupa de cama
então eu me levantei e
troquei a roupa de cama por ela.

um acordo sobre Tchaikovsky

minhas duas pernas estão quebradas nos joelhos
e eu não posso mexer meu braço direito:
é primavera e os pássaros estão saltitando
para dentro e para fora dos arbustos
enlouquecendo os gatos.

meu bom amigo, Randy, frequenta os
sanitários para homens na pista de corridas
em busca de carteiras: garoto esperto:
se os pais dele fossem ricos
ele me diz que teria seguido
para Harvard.

ela fica tocando a 4a de Tchaikovsky,
aquela assim:

ka plunk plunk plunk plunk plunk;

não gosto

mas a velha senhora Rose

minha vizinha

na Casa de Repouso Sunset Park

acha que é

lindo.

todo mundo aqui é velho demais para usar

a quadra de tênis

há uma camada de pó em cima da coisa toda

e a rede é um emaranhado de fios rasgados.

a velha senhora Rose foi visitar seus filhos hoje –

isto é, eles vieram e a *apanharam*, o traste;

ela nem consegue andar

e suas pernas sequer estão quebradas –

ela não passa de um enfadonho

peido velho!

eu fui de cadeira de rodas há pouco até o quarto dela

e achei uma nota de 10 dólares dobrada bem

limpinha

e arrumadinha:
ela achava que ninguém a encontraria
dentro de um de seus velhos chinelos
mas eu estive rondando
e ela virá bater à *minha* porta esta noite
pedindo uma “pequena dose de scotch”;
cara, toda essa besteira sobre as terras que ela COSTUMAVA
ter no Arizona e como seu marido COSTUMAVA
usar polainas e sair de bengala!
ele não precisa usar mais nada no lugar onde está agora;
e enquanto estive lá dentro
eu arrebentei a velha 4a de Tchaikovsky no braço de uma cadeira
quebrei-a para valer.
e a velha senhora Rose tinha razão:
soava maravilhosamente para mim:
qualquer coisa como
nozes quebrando.

canção de amor para a mulher que vi quarta-feira nas pistas de corrida

lembrando Savannah 20 anos atrás
uma cama com dossel
e ruas cheias de capacetes e caçadores
coisas que fiz então
deixaram marcas;
ha ha, diz você,
mas elas voltam vivas enquanto compro pão
ou amarro o cadarço do sapato
e pouco importa
exceto que dá certo para mim
assim como as pernas daquela mulher deram certo para mim
assim como o sol dá certo para mim assim como dá certo para o cacto
e assim como você dá certo para mim
lendo este poema.
e as pernas daquela mulher caminham
enquanto as observo
e os cavalos na próxima corrida
e as montanhas ficam lá
observando
marcas e pernas de uma mulher
pule de 10 no número seis na ponta
e para longe no oceano
ou parado no parque
como uma estátua
eu a vejo
caminhando.
cavalos parados por toda parte:
conchas como de Savannah em meus bolsos:
eu amei você mulher
com certeza assim como eu a nomeei
ferrugem e areia e nylon.
você deu certo para mim

coisa selvagem.

possessão

uma velha senhora fala com uma garota que está
secando seu longo cabelo negro sentada em um degrau dos fundos,
ela aponta com o dedo e fala em uma língua estrangeira
e o sol está muito bonito
enquanto a velha senhora fala e penteia as mechas emaranhadas
(tantas luas se passaram desde então)
de repente a garotinha grita e sacode a cabeça
e juntas voltam para dentro da casa
onde ambas morrerão juntas,
mas não entendem elas
o que foi meu, não delas:
o cabelo, o longo cabelo negro seco ao sol,
e talvez a garota também?

seis

10:30 da manhã
5 bebedores de café no Café Pickwick
os garotos que trabalham nas cocheiras
em Hollywood Park
dão voltas em suas cadeiras giratórias
juntos,
um, dois, três, quatro, cinco,
dão voltas
largando seus cafés que esfriam e seus
papos furados
para olhar uma garota que passa
e que chega para sentar-se em uma mesa separada.
difícilmente seria uma garota incomum,
apenas uma garota,
e um, dois, três, quatro,
quatro deles voltam a seus cafés;
o 5o, um jovem loiro e saudável
continua a olhar
com seus olhos azuis belos e vazios.
então, enfim, ele retorna a seu café.
tem que ser mais do que parece, eu penso,
ah, sim, deixe-me ver,
eles estão pensando, essa aí é aquela que fodeu com Mick
atrás das cocheiras a noite passada.
sim, sim, é claro, eles a estão punindo
por não foder *com eles*.
garotos malvados; pequenos egos de bosta de cavalo.
todos eles acham que têm caralhos de garanhões.
“mais um café?”, pergunta-me a garçonete.
“sim, obrigado”, eu digo, pensando que eu deveria
dar uma olhada melhor
naquela garota.

homem cortando a grama do outro lado da rua

eu o vejo seguindo em frente com sua máquina.
ah, você é estúpido demais para ser cortado como grama,
você é estúpido demais para qualquer coisa o violar –
as garotas não usarão suas lâminas em você
elas não querem
que suas lâminas afiadas sejam desperdiçadas em você,
você está interessado apenas em partidas de beisebol e
filmes de faroeste e lâminas cortadoras de grama.
você não pode ficar com uma só das minhas lâminas?
aqui está uma bem velha – enfiada em mim em 1955,
agora está morta, não o machucará muito.
não posso lhe dar esta última –
eu ainda não posso arrancá-la,
mas aqui está esta outra de 1964, que tal arrancar
esta de 1964 de mim?
homem cortando a grama do outro lado da rua
você não tem uma lâmina enfiada em suas entranhas
onde o amor o largou?
homem cortando a grama do outro lado da rua
você não tem uma lâmina enfiada bem fundo em seu coração
onde o amor o largou?
homem cortando a grama do outro lado da rua
você não vê as garotas passeando pelas calçadas agora
com lâminas em suas bolsas?
você não vê seus lindos olhos e vestidos e
cabelos?
você não vê suas lindas bundas e joelhos e
tornozelos?
homem cortando a grama do outro lado da rua
isso é tudo o que você consegue enxergar – essas lâminas de cortar
grama?
isso é tudo o que você consegue ouvir – o ronco do cortador de grama?
eu posso enxergar o caminho todo até a Itália

o Japão

as Honduras

eu posso ver as garotinhas afiando suas lâminas
pela manhã e ao meio-dia e à noite, e
especialmente à noite, ah,
especialmente à noite.

a garota lá fora

é 1:30 da tarde
segunda feira
temperatura de 18 graus em novembro
na Western Avenue.
uma garota sai pela porta de uma casa
e fica parada na frente.
uma mulher mais velha sai e se apoia
no marco da porta.
a garota de 20 e poucos anos
em um vestido vermelho
bem justo e de saia curta, ela também está de
meia-calça e chinelos cor de laranja
e tem o jeito de alguém
que acabou de acordar.
ela sorri na tarde.
faz uma breve dança sexy e sorri.
ela é pálida. ela é loira.
de repente ela acena para alguém que passa
de carro.
a vida é interessante.
ela é jovem.
ela é uma garota.
ela dança de novo. ela acena. ela
sorri.
isso tudo é muito bonito para 1:30 da
tarde com 18 graus.
ela quer dinheiro.
ela acena. ela dança.
ela sorri.
a mulher mais velha está entendiada e volta
para dentro.
eu dou partida em meu carro no estacionamento do outro lado
da rua.

dirijo na direção oeste para Oakwood e não vejo mais
a garota.
é tão estranho. eu acho,
todos precisamos de dinheiro.
então eu ligo o rádio e tento
esquecer
tudo isso.

a galinha

passei por aqui, ela disse,
e pendurei essa galinha assada na maçaneta da sua porta
e dois dias depois ainda estava dependurada lá
balançando ao vento.

you devia ter visto aquela coisa!
e seu carro estava parado lá fora
e a galinha continuava balançando
e eu disse a meu marido,
o que é esse fedor?
ele deve estar morto.

o vento realmente estava fazendo aquela
galinha balançar, you devia ter visto aquela
galinha balançando, e eu disse a meu marido,
esse louco filho de uma puta deve estar morto
lá dentro.

e então ele pegou a chave e entrou.
e aí, eu disse, o que you encontrou?
só garrafas vazias e lixo. you
tinha ido embora. you não estava
lá.

you olhou em todos os armários?
nós olhamos em todo lugar, debaixo da cama,
em todo lugar.

onde será que eu estava?
sei lá. onde you arrumou essa ferida na sua cabeça?
eu estava assando um marshmallow em um cabide
e queimei minha
testa.

ah, achei que alguém havia batido em you.
ahã, eu disse, ahã.

um antigo amor

não lembro nossas idades:
devíamos ter entre 5 e 7,
havia essa menina na casa ao lado mais ou menos da minha idade.
lembro seu nome: Lila Jane.
e uma coisa ela fazia todo dia,
uma vez por dia, perguntava-me:
“você está pronto?”
e eu dizia que estava
e ela erguia a saia e
me mostrava suas calcinhas e elas eram
de uma cor diferente a cada dia.
várias décadas depois ela me achou de alguma maneira
e veio aqui com seu namorado
um cara que fumava cachimbo
e que havia lido meus livros
e ela cruzou suas longas e lindas pernas
bem alto
mas não alto o bastante para que eu visse as calcinhas.
e quando eles estavam para ir embora
eu lhe dei um abraço e
apertei a mão do seu namorado
e nunca mais a vi ou a ele
ou as calcinhas dela
alguma outra vez.

match point

li no jornal que uma velha senhora de 72 anos estrangulou seu marido de 91 anos com a gravata dele.

ela disse que a diferença de idade era insuportável e acrescentou que quando eles se conheceram em uma quadra de tênis 30 anos atrás a diferença de idade não havia parecido importante.

parece que estive seriamente em perigo pelo menos meia dúzia de vezes nos últimos 25 anos, mais ou menos, e ainda estou.

só há uma única gravata em meu armário, eu a comprei para ir a um enterro não faz muito tempo, mas nunca joguei tênis e não pretendo tentar.

também gosto de olhar para o teto

há policiais na rua
e anjos nas nuvens
e jóqueis cavalgando em suas roupas de seda.
manhãs abaixo
noites acima
emparelhados às tardes
há cães aleijados em
East Kansas City
vampiros em Eugene, Oregon
e uma longa caminhada até um copo d'água nas
Cidades Gêmeas.[1]
eu pretendia escrever para Angela
eu realmente pretendia
e agradecê-la por tudo
porque eu sinceramente
gostava do modo como ela enrolava xales em sua
escada
e seu chá de ervas
e as verdes trepadeiras em seu
banheiro
a vista de seu quarto de dormir
e sua coleção de
Vivaldi.
mas eu não o fiz.
acho que sou mais cruel
do que penso que sou.

[1] As cidades gêmeas, *Twin Cities*, são Saint Paul e Minneapolis, no estado de Minnesota. (N.T.)

não Cagney, eu

fiquei com um aparelho de TV emprestado por um mês
e vi alguns dos velhos filmes de Cagney.
muito da interação de Cagney com mulheres
tem lugar na cozinha.
elas dizem alguma coisa de que ele não
gosta. ele bate nelas com um pano de pratos
ou enfia uma toranja no rosto
delas. elas choram e caem
em seus braços.
eu, sou sempre atacado por
mulheres.
especialmente quando estou desanimado ou
cansado. elas me empurram para fora das portas de entrada
na chuva, nas poças d'água atrás
de mim. elas derramam cerveja em minha cabeça
chegam com facas e suportes de livros
elas atacam
rosnando como o leopardo
elas rasgam meus casacos e camisas
em pedaços.
elas me atacam no momento em que
distraidamente estou conversando com um
amigo ou enquanto estou
dormindo. às vezes elas também batem a cabeça
contra a parede.
vou embora, eu digo.
ah, você sempre quer terminar,
não é?
bem, por Cristo, você age como se não
gostasse disso.
bem, então vá, vá embora!
eu vou. não Cagney, eu. eu vou cair fora
pensando, ó merda, Deus, é tão bom estar

sozinho novamente.

você conseguiu, Jimmy.

o que uma mulher quer é uma
reação.

o que um homem quer é uma
mulher.

você é melhor.

sopa, cosmos e lágrimas

conheci muitas mulheres loucas
porém a mais louca foi
Annette
e parece que quanto mais loucas são
tanto melhor trepam,
e que corpo elas
têm. Annette sempre viveu com
chineses
mas você nunca os via
e era isso o que metia medo.
até a Máfia tem medo dos chineses –
“cadê o dragão, garota?”
“está tudo bem. ele sabe que está tudo bem com você.”
“tem certeza? quando põem o X em você,
então você pode muito bem
esquecer.”
“eu disse a eles que está tudo bem com você. isso é tudo que
eles precisam.”
Annette tinha incenso queimando,
toda espécie de mapas e livros malucos,
ela sempre falava sobre os deuses
ela tinha uma linha direta com os deuses.
“você foi selecionado pelos deuses”, ela me
disse.
“está bem, garota, vamos transar
então.”
“agora não. quero que você experimente esta sopa especial
que eu fiz.”
“sopa especial?”
“sim, tome-a e você herdará as forças da
terra e do sol, o cosmos
inteiro.”
lá fui eu e tomei a sopa. francamente, o gosto era bom,

embora meio enferrujado. nem queira saber que diabos ela pôs lá dentro. eu a tomei toda.

“eu me sinto como um homem de aço agora.”

“você herdou a força”, ela disse, “os deuses estão orgulhosos de você.”

no sofá eu finalmente a agarrei. debaixo daquele leve vestido cor de laranja havia bastante mulher para matar um boi.

“morei naquele hotel em Paris”, ela disse. “dormi com todos eles. Burroughs, a turma toda. conheci Pound em St. Liz.”

“você dormiu com Ezra?”

“mais do que com qualquer outro!”

“ora, vá se foder!”

“vá”, ela riu, “em frente.”

foi uma boa

sopa. aqueles rapazes de Paris e Ezra haviam conhecido uma boa égua.

eu saí dela.

quando ela voltou do banheiro estava com uma garrafa na mão e começou a me salpicar com o conteúdo.

“ei, que porra é essa?”

“as lágrimas dos deuses.”

“as lágrimas dos deuses?”

“sim, as lágrimas dos deuses.”

eu fiquei lá deitado até que ela terminasse.

então eu me levantei e me
vesti.

“quando posso ver você
de novo?”

“em 2 horas ou
amanhã”

eu saí em direção à porta.

“você caminha como um
poema”, ela disse.

“vejo você em 2
horas”, eu lhe
disse.

a porta se fechou. o que um homem tem que aguentar por
um rabo

nestes tempos modernos é
altamente
suspeito.

pavão ou campainha

estou rindo com a boca fechada;
enquanto folheio meu jornal
é como uma sinfonia que desandou:
vendo demais para fazer-me duvidar
aí em clarões através da página.
é como um filme barato que endoidou;
minhas roupas repousam nas cadeiras
como os mortos que foram esvaziados,
cascas de coisas embaçando a vista;
está mais frio que no inferno (sim) mas
os cobertores são finos,
e as cortinas fechadas
estão cheias de buracos assim como o amor.
eu acho que você tem que ser um esportista;
sim, para o esportista tudo está certo:
basta você puxar a arma
e estourar a cabeça de alguém
talvez da donzela sentada na
cadeira na qual a vovó sentava,
mas não tendo uma arma
eu vou até o telefone
e ligo para uma mulher tão velha quanto a cadeira e a vovó,
e ela promete vir e me encantar;
ela tem uma escova de dentes mas não tem dentes
e provavelmente eu dançarei nu para ela
com a bola da minha barriga como um saco branco,
cada homem tem suas próprias escapatórias: a minha é duvidosa
mas tem dado certo ultimamente
e a música que ela faz às vezes me assusta,
mas então
eu acordo, compro um jornal,
chuto uma lata,
abro a cortina,

começo de novo.

roxo e preto

uma garota de calças roxas e suéter preto
atravessando a rua
com um fundo de trailers e arranha-céus,
um fundo de uma Hollywood tumular de
sábado à tarde
é bem interessante:
algo que se mexe,
algo que se mexe em roxo e preto enquanto
seu cabelo balança ao vento enquanto ela se volta,
o sol como o olho de um sapo,
o inverno está lá e está
aqui, e a rua é insípida, insossa,
eu seria capaz de me arrebentar naquele asfalto até
sangrar loucamente
e eu sequer me incomodaria;
a garota de roxo e preto
dá destino e direção à rua
até sair do alcance da minha janela,
e agora é outra vez
o que era antes, e uma pequena aranha
quase como algo feito de um fio de cabelo caído,
um pelo de uma pálpebra,
arrasta-se ao longo da parede à minha esquerda
e sequer tenho o desejo de
matá-la. fora da minha janela
é fantasmagórico e
fedo com a malícia dos homens.
eu espero por novos arranjos
mas enquanto isso aguento
quando o telefone toca
e salto da minha cadeira
como um homem que levou um tiro nas
costas.

realização

ela se disciplinou em
raiva
ódio e estratégias
do engodo.
sempre achei que isso iria
passar finalmente
e que ela estava obcecada por
equívocos e maus
conselhos.
sempre achei que iria
passar.
escutei as acusações contra mim
sabendo que algumas delas eram verdadeiras
mas certamente não
tão importantes
a ponto de se tornarem o alvo de
violência, inveja,
vingança.
achei que certamente
passaria.
eu não organizei nenhuma
defesa
achando que a simples
razão
iria salvar a nós
dois
mas sua determinação
se reforçou –
e até mesmo então
eu resumi aquilo como uma teimosa
e excessiva
energia
mas a cada vez que eu cedia

mais espaço era
ocupado.
senhor, eu pensei, é apenas simples
violência
e assim eu conduzi meu cavalo
para fora do estábulo
afiei minhas facas e
comecei um
contra-ataque.
ela finalmente havia achado
um adversário tão bom quanto
poderia ser achado.
sua determinação provocou sua própria
destruição.
ela havia encontrado seu
páreo
eu montei em meu corcel
espada em riste
em riste até para o sol.
ela sempre quis guerra
eu cumpriria seu desejo
e agora dane-se o amor
assim como o amor foi amaldiçoado quando
veio pela primeira vez.
agora minha hesitação
iria embora
para sempre
e o sangue
iria correr
o dela e o meu
assim como ela desejava.

suas

minhas mulheres do passado ficam tentando me localizar.
encolho-me em armários escuros e puxo as cobertas
sobre minha cabeça.
nas corridas de cavalos eu fico na área reservada
fumando cigarro após cigarro
observando os cavalos que saem para a apresentação
e olhando sobre meu ombro.
vou até o guichê de apostas e esse rabo se parece ao modo
como aquele outro rabo parecia.
desvio-me dela.
então aquela cabeleira poderia tê-la debaixo dela.
caio fora da área reservada e vou até a arquibancada.
não quero um retorno ao passado.
não quero um retorno àquelas
mulheres do meu passado.
não quero tentar mais uma vez, não quero vê-las
novamente, nem a silhueta delas;
eu as dou todas, dou todas elas a todos os outros homens
sequiosos, eles podem ficar com todas aquelas gracinhas,
aqueles peitos aquelas bundas aquelas mentes
e suas mães e pais e irmãs e
irmãos e filhos e cães e ex-namorados
e namorados atuais, podem ficar com todas elas
e fodê-las todas
se quiserem.
fui um amante terrível e ciumento que as maltratava
e não conseguia entendê-las
e é melhor que agora estejam com outros
pois isso será melhor para elas e isso será
melhor para mim
por isso, quando telefonarem ou escreverem ou deixarem
recados
eu as passarei, todas, para seus novos

e legais companheiros.
eu não mereço o que elas têm e quero
deixar tudo por isso mesmo.

beijando-me e levando-me para longe

ela sempre estava pensando naquilo
e era jovem e linda e
todos os meus amigos tinham ciúme:
o que um velho fodido como eu
estava fazendo com uma garota como
ela?

ela sempre estava pensando
naquilo.

íamos de carro por aí e
ela dizia, “está vendo aquele
lugarzinho? estacione ali.”
eu mal conseguia estacionar e
ela já estava agachada em mim.
uma vez eu a levei de carro ao Arizona
e no meio do caminho

tarde da noite

após o café e rosquinhas
em um boteco aberto a noite toda
ela se agachou

e começou

enquanto eu navegava pelas
curvas escuras através das
colinas baixas

e enquanto eu ia dirigindo
isso a inspirou a
novas altitudes.

outra vez

em L.A.

havíamos comprado cachorros-quente e coca
e fritas e estávamos comendo no

Griffith Park

famílias lá

crianças brincando

e ela me abriu o zíper
e começou.
“que diabo você está fazendo?”
eu lhe perguntei.
mais tarde
quando eu lhe perguntei
por que
na frente de todo mundo
ela me disse que era
perigoso e empolgante
desse jeito.
ela me perguntou uma
vez “por que eu estou ficando com
um velho como você
de qualquer modo?”
“para que você possa me fazer
boquetes?”, eu respondi.
“eu *odeio* esse termo!”, ela
disse.
“chupando meu pau”, eu
sugeri.
“eu odeio esse termo
também!”, ela disse.
“o que você preferiria?”,
eu perguntei.
“eu gosto de pensar que
eu o estou ‘beijando e levando para longe’”,
ela disse.
“tudo bem”, eu disse.
...
era como qualquer outro
relacionamento, havia
ciúmes de ambas as partes,
havia separações e
reconciliações.
havia também fragmentos de momentos de

grande paz e beleza.
tentei afastar-me dela várias vezes e
ela tentou afastar-se de mim
mas era difícil:
Cupido, com seu jeito estranho, realmente
estava lá.
sempre que eu tinha que sair da cidade
ela me beijava em despedida.
bom
umas noites na
espera
garantindo a minha
fidelidade.
então tudo o que
eu tinha que fazer era
preocupar-me com
ela.
quando ela não estava
me beijando e levando para longe
também achávamos tempo
para fazer aquilo
de vários outros jeitos
estranhos.
mas todo aquele tempo com ela
era na maior parte só
ser chupado ou
esperar para sê-lo.
nós nunca pensávamos muito em
outras coisas.
nós nunca íamos ao
cinema (que de qualquer modo
eu odiava).
nunca saíamos para
comer fora.
não tínhamos curiosidade
sobre

assuntos do mundo.
nós apenas passávamos nosso tempo
estacionados em
lugares isolados ou áreas
de piquenique ou
dirigindo por escuras
rodovias para o Novo México,
Nevada e Utah.
ou
quando estávamos em sua grande cama
de carvalho
com a face para o sul
tanto do restante do
tempo
que eu memorizei
cada vinco nos
lençóis
e especialmente
todas as rachaduras no
forro.
eu costumava fazer jogos com
ela sobre aquele forro.
“você vê essas rachaduras aí
em cima?”
“onde?”
“veja para onde eu estou apontando...”
“está bem”
“agora, vê essas rachaduras, vê o
formato? forma uma imagem. você vê
o que é?”
“hummm, hummm...”
“vamos, o que é?”
“eu sei! é um homem em cima de uma
mulher!”
“errado. é um flamingo parado
junto de um riacho.”

. . .

finalmente nos livramos
um do outro.
é triste mas é
a operação-padrão
(fico sempre confuso pela
falta de durabilidade em assuntos
humanos).
suponho que a partida foi
infeliz
talvez até feia.
passaram-se 3 ou 4
anos agora
e eu me pergunto se ela
alguma vez pensa
em mim, no que estou
fazendo
é claro, eu sei o que ela está
fazendo.
e ela o fazia melhor
do que qualquer outra
que conheci.
e acho que isso merece este
poema, quem sabe.
se não, pelo menos uma
nota de rodapé: que tais casos não
são sem alegria e humor para os dois
lados
e enquanto Saigon e os tanques inimigos se
misturam em velhos sonhos
enquanto cães velhos e enfermos são
mortos atravessando estradas
enquanto a ponte levadiça se ergue para
deixar os pescadores bêbados partirem
para o mar
não foi por nada

que
ela estava pensando
naquilo
o tempo
todo.

adeus, meu amor

cinza mortífera de tudo
o que nós desmanchamos em pedaços
arrancamos a cabeça
os braços
as pernas
cortamos fora os órgãos sexuais
mijamos no coração
cinza mortífera de tudo
em todo lugar
as calçadas agora estão mais duras
os olhos do populacho mais cruéis
a música mais insípida
cinza
eu fui deixado com pura
cinza
primeiro nós mijamos no coração
agora nós mijamos na cinza.

calor

se alguma vez você esboçou seu último plano em
uma velha cartolina de camisa em um hotel do inverno na Zona Leste
com o aluguel da semana passada atrasado e um aquecedor morto
você saberá como são grandes as pequenas coisas
como você subindo pela escada
talvez pela última vez
com sua garrafa de vinho
pensando na mulher do #9
pondo sua cinta-liga
e na cômoda dela há um
copo vermelho escuro
que capta a luz da lâmpada do teto como um
suave sonho de Jerusalém
e ela se empoa
e desliza para dentro das suaves sedosas bainhas
pelas pontas dos pés
e desempregada e procurando emprego
e talvez procurando você
ela passa por você na
escadaria;
tamanha graça perturbadora
nos transforma.
assim como uma mosca azul explodindo no
céu de verão
você decide ficar por aí e
morrer mais tarde; você entra em seu quarto e serve-se de vinho como
sangue, para dentro, e decide que pela manhã você
acordará cedo e
lerá os classificados de oferta
de empregos.

o helicóptero da polícia

o helicóptero da polícia continua a dar voltas sobre o quintal

“o que eles querem?”, eu pergunto a ela.

“eles provavelmente o estão procurando”, ela diz.

isso não é tão fora de esquadro como você poderia achar:

eu fui a um bar certa noite com alguns amigos

e o dono deu a volta no balcão

e perguntou se podia falar comigo.

“eu não sei se nós podemos servi-lo ou não,

você tem que prometer que vai se comportar,

você criou uma confusão e tanto a última vez

em que estive aqui.”

eu prometi a ele que iria me comportar e naquela noite

eu bebi sob uma grande tensão.

seja como for, o helicóptero continuou a dar voltas

e agora é uma hora da tarde

mas na noite anterior ele havia dado voltas e voltas

lançando seu clarão no quintal

e nos montes de lixo.

deu voltas por 45 minutos, depois

foi embora.

agora voltou.

“que diabo?”, eu digo.

“eles querem você”, ela diz,

“isso é ridículo,” eu digo.

eu vou até o quintal.

não há nada lá fora:

nogueiras, touceiras de bambu, um sofá

jogado fora e mato com um metro de altura.

eu fico parado lá fora e observo o helicóptero

dando voltas, dando voltas.

finalmente ele vai embora.

eu volto para dentro.

“eu me sinto como John Dillinger”, eu digo.

“você se parece com John Dillinger”, ela diz.
eu vou até o espelho.
é verdade:
eu me pareço com John Dillinger,
mas nenhuma mulher de vestido vermelho
poderia me dedurar. eu sou
esperto demais.

ah

dor de flamingo.
dedos queimados tentando
acender o final desta
bituca.
em um lugar descrito
por mulheres apavoradas
com dinheiro em suas bolsas
como “buraco de rato”.
“vocês podem cuspir no chão aqui”,
eu lhes digo.
mas não, a
uma distância
segura, parece que
preferem discutir
minha poesia.

é claro

conforme os mais recentes estudos
científicos

leva 325 anos para a última
célula do cérebro
detonar-se.

agora eu percebo que
a maioria das garotas
que encontrei em bares
e trouxe para minha casa
estava mentindo sobre
sua
idade.

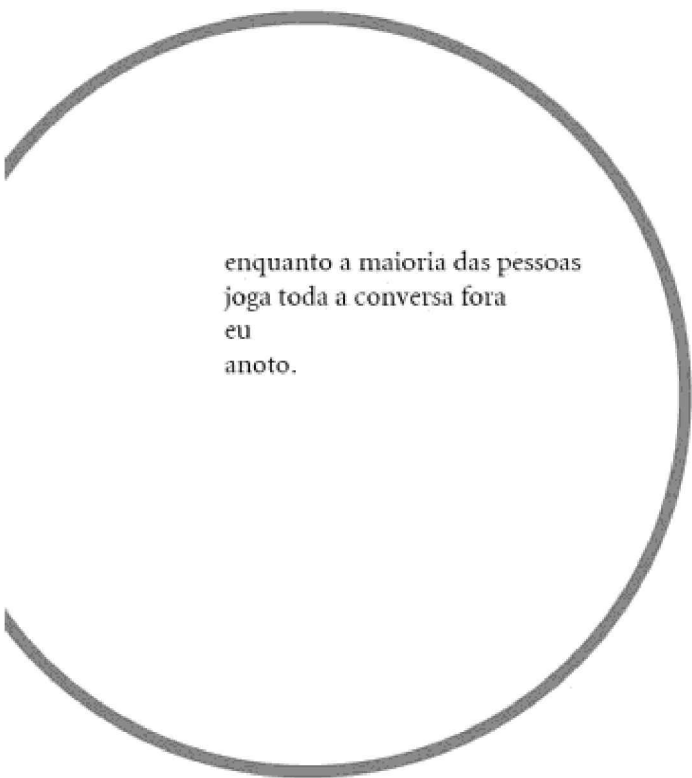
o sonho, o sonho

sempre há uma nova Carmem dobrando
alguma esquina
em algum lugar
mas então as Carmens nunca parecem
durar;
as Carmens dificilmente duram algum
tempo.
vejo isso nos olhos dos homens
em todo lugar –
homens sentados em balcões de lanchonete
homens dirigindo ônibus
homens fazendo discursos políticos
homens limpando dentes
homens em jaulas de tigres
homens que vejo em todo lugar...
o homem que vejo enquanto faço a barba
me devolve o olhar através de olhos semicerrados
sua Carmem também se foi –
este homem (eu) agora está
pensando no que esta
lâmina realmente poderia
fazer, o pensamento sempre está
ali –
mas o jogo nos faz
seguir em frente: há sempre alguma nova Carmem
à espera
em algum lugar
só dobrando alguma
esquina.

nota sobre a tigresa

primeiro, uma terrível discussão.
em seguida, nós fizemos amor.
agora, finalmente, estou pacificamente deitado
em sua vasta cama
que está
coberta por um prado de graciosas flores espalhadas nela,
minha cabeça e barriga para baixo,
cabeça de lado,
borrifado pela luz através da cortina
enquanto ela se banha silenciosa no
outro aposento.
tudo está além de mim
assim como está a maioria das coisas.
ouço música clássica em um pequeno rádio.
ela toma banho.
ouço a água a escorrer.

três



enquanto a maioria das pessoas
joga toda a conversa fora
eu
anoto.

poema para minha filha

eu lhe dou colheradas:
jantar de lamen de galinha
ameixas para bebê
salada de frutas para bebê.
dou colheradas e
pelo amor de Deus
não culpem
a criança
não culpem o
governo
não culpem os patrões ou as
classes trabalhadoras –
colheradas
nessa boquinha
igual a cera
derretida
um amigo telefona:
“o que você vai fazer agora, Hank?”
“que diabo você quer dizer com o que eu vou
fazer?”
“quero dizer, agora você tem responsabilidades, você tem que criar
direito
a criança.”
em vez disso eu lhe dou comida:
colheradas!
que ela possa chegar até
uma casa em Beverly Hills
sem nunca precisar de seguro-desemprego
e nunca tenha que vender para quem lhe oferecer
o melhor preço.
e nunca se apaixone por um soldado ou um matador de qualquer
tipo.
e que ela possa

apreciar Beethoven e Jelly Roll Morton e
lindos vestidos.
ela tem uma chance
de verdade:
houve uma vez os
patrocínios atenienses para as artes[1] e agora há
a Great Society.[2]
“você vai continuar apostando nos cavalos? você vai continuar
bebendo? você vai continuar – ?”
“sim.”
ela está acenando com uma flor ao vento na direção do centro morto do
meu coração –
agora ela dorme lindamente como um
barco no rio Nilo.
talvez algum dia ela me
enterre.
isso seria bonito.
se não fosse uma
responsabilidade.

[1]*Theoric Fund* no original; é a Theorica, instituição para custear eventos na Grécia Antiga. (N.T.)

[2]Subvenções criadas na década de 1960 nos Estados Unidos. (N.T.)

lençóis

esses lençóis que você tem aqui,
disse a velha senhora
no departamento de artigos domésticos,
são para uma cama de casal.
o senhor tem uma cama de casal ou uma
cama de solteiro?
veja bem, eu respondi,
minha cama é uma cama incomum, é
assim meio que de solteiro e
meio.
descreva sua cama, ela disse
o quê?
descreva sua
cama.
eu prefiro não, eu disse.
bem, disse a velha senhora, eu quero que
saiba que os lençóis que o senhor tem aí são
para uma cama de casal, e se o senhor tem uma cama de
solteiro, então é contra a lei
estadual.
o quê? eu perguntei. diga isso
de novo.
eu disse, é contra a lei
estadual.
quer dizer que...? eu perguntei.
quero dizer que o senhor não pode devolver estes lençóis
depois de abrir o
pacote.
tudo bem, eu disse, dê-me um par de
solteiro.
ela então me tratou com um desprezo
confortável. eu acredito que a velha senhora tivesse estado nos
lençóis por toda a sua

vida. eu acho que deveriam colocar garotas
no departamento de lençóis.
afinal de contas, lençóis não me fazem pensar em dormir
de jeito nenhum
mas em outra coisa
inteiramente, especialmente lençóis novos bem
fresquinhos.
eles deviam colocar velhas senhoras como ela no
departamento de comida para cachorros. ou ferramentas para jardim. e
quando ela me deu os de solteiro eu soube que ela sabia que eu dormia
sozinho. assim como
ela.

licença médica

aqui estou deitado de barriga para baixo, Hem está morto, Shake está morto,
os peixes que pesquei e comi e caguei estão mortos
e o médico está martelando um tubo de vidro em meu rabo,
um tubo de vidro com uma luzinha no final,
e estou torcendo por um atestado médico
para mais 2 dias de licença
e o doutor faz o jogo direitinho: “você tem umas belezas aí,
você deveria ser cortado...” bem, os russos brancos costumavam
cavar um buraco em um homem e agarrar a ponta do seu intestino
e pregá-lo a uma árvore e em seguida obrigavam o homem a
correr dando voltas e voltas na árvore.
ele puxa o tubo de vidro para fora do meu rabo
e uma parte de mim vem junto
ele tem uma cara de castanha e quando sua enfermeira
se debruça (o que é frequente)
a bunda dela é como um travesseiro macio ou
uma rosquinha açucarada, nada de sangue, só nuvens,
e digo, “Doutor, acrescente um dia à licença médica,
posso sentir a dor até lá embaixo nos meus bagos...”
“com certeza,” ele diz, “com certeza, eu conheço um monte de rapazes
da agência dos correios, todos bons rapazes.”
em casa saco a tampa da garrafa
e tomo o primeiro gole da boa: chovia enquanto ele remexia em mim:
a chuva continua a luzir na janela
como moscas comendo sonhos,
e abro o boletim de apostas com meu polegar,
em seguida telefono para meu agente
“...dê-me 2 para Indian Blood,
5 na ponta para Lady Fanfare, 5 de placê em The Rage.”
desligo e penso suavemente em Kafka
dormindo sob patas de esquilos
enquanto a senhora do outro lado do corredor canta para seu canário.

o amor se acendeu e se apagou
como um isqueiro
e agora o amor dela é um
pássaro.

é assim quando não acontece muita coisa
e você atua em um palco pequeno,
e eu espeto minha licença médica
sobre um dos meus velhos quadros
esfrego um pouco de unguento em meu rabo
e me sirvo de mais um drinque.

meu pai

meu pai gostava de regras e de fazer as coisas
do jeito difícil.
ele falava de responsabilidades e leis
e coisas que só *tinham* que ser feitas corretamente.
um homem tem que trabalhar, um homem tem que comer.
um homem tem que ter sua propriedade e aparar seu gramado.
acabei me tornando um bêbado e um andarilho
e seus pacotes de cartas me seguiam por todo lugar.
eu olhava para os pombos na chuva em
Nova Orleans enquanto as cartas diziam,
vá em frente, *dê um jeito* na sua vida!
com que dificuldade o mundo tenta e como tudo
foi difícil para mim.
meu pai agora está velho e grisalho e quando
eu entro na casa dele se queixa
do barro que trago para dentro. ele
se orgulha da sua casa e jardim e
fica sentado à espera. mas eu
fico horrorizado enquanto ele fala comigo:
ele nunca pensou na morte! ele não
pensa em morrer! enquanto fala, sua
boca é um buraco redondo; ele se reclina contente
em suas almofadas. quando me vou ele diz,
volte de novo, volte de novo.
quantas vezes e por quê?
quem é meu pai? alguma vez ele
tocou uma guitarra ou nadou em águas geladas?
conheço meu pai: ele está morto. há lama
morta e há um galho de árvore. o galho
de árvore balança suave ao vento e
entre as folhas você vê lampejos do sol.
é sossegado. é real. é tépido.
e o barro no assoalho é o coração do meu pai

e seu cérebro.

a velha

ela vivia na última casa velha
do quarteirão –
você conhece o tipo: coberta de trepadeiras, escura, quieta.
seus vizinhos haviam ido embora –
nada a não ser prédios de apartamentos de muitos andares por todo lugar.
era vista duas ou três vezes por semana
empurrando seu carrinho de compras sobre duas rodas;
depois ela voltava com coisas empacotadas,
entrava na casa, e era só
isso. nunca falou com ninguém.
foi na semana passada por volta das 3:30 da tarde
que a casa dela começou a deslizar sobre os alicerces.
era um deslizamento muito lento
passando a impressão de que a casa só estava dando um passo
à frente para dar um passeio rua abaixo –
exceto por algumas tábuas que começaram a estalar –
soava como tiros de espingarda, e a casa gemeu só um
pouco – um sombrio gemido verde.
alguém chamou o corpo de bombeiros
e homens corriam ao redor desligando o gás
e berrando uns com os outros
e dizendo à multidão para se afastar
e logo veio um desses caminhões da TV
e eles filmaram a casa
inclinando-se para a rua.
então a porta da frente se abriu e a velha
senhorinha saiu.
miraram a câmera nela e uma mulher veio correndo com um
microfone.
“há quanto tempo a senhora mora nesta casa?”
“55 anos.”
“a senhora tem seguro?”
“não.”

“o que a senhora vai fazer
agora?”

“voltar para a Irlanda”, ela disse.

então ela saiu andando e deixou todos eles parados
lá.

o que fez você perder sua inspiração?

Norman goteja uma imbecilidade
autocomplacente enquanto fica sentado em meu sofá e
dá risadinhas, puxa
sua barba doentia
e fala de sua namorada Katrinka,
Eugene Debs, F. Scott Fitzgerald e
LSD.

um mau escritor, quase inédito, isso lhe
dá forças enquanto
ele fica ali e me conta
que minha própria escrita desceu ladeira abaixo de
uma erupção vulcânica para uma faísca
de isqueiro.

eu lhe dou algo para beber e
ele desce para o assoalho e
começa a falar para dentro do meu gravador.
acendo um charuto e
ouço.

“quero ser o escritor Número Um do Nosso
Tempo. quero andar pelas ruas e ouvir as pessoas
dizerem, ‘ei, veja, lá vai Norman!’ quero que as pessoas
gostem de meus poemas, quero que as pessoas enlouqueçam com meus
poemas...”

resolvo que essa provavelmente é uma gravação honesta
mas de má qualidade
e não ouço
mais.

uns 30 minutos e 3 latas de cerveja mais tarde
a fita termina de
rodar. Norman ajusta sua gravata,
ergue-se da posição de joelhos e fica
sentado.

“Jack M. diz que tem que faturar 8 mil este ano ou ele estará

acabado.”

eu começo outro

charuto.

“vou almoçar com Ray

Bradbury, na terça.”

eu não respondo.

“Jesus!”

ele de repente dá um pulo, corre para o meu banheiro e

começa a vomitar. isso prossegue por algum

tempo.

“eu me sinto melhor”, ele diz

voltando

para a sala.

“tome mais um drinque”, eu digo.

“eu o levarei de carro para a sua aula

de manhã.”

“ótimo”, ele diz, tirando a espuma do topo de uma cerveja.

aí ele me olha e pergunta,

“onde você tem sido publicado

ultimamente?”

eu estendo a palma das mãos e

dou de ombros.

“Jesus, ora essa! o que fez você perder sua

inspiração?”

“bebida. gente. casamento. gente.

casamento outra vez. um filho. bebida.

gente. empregos. desempregos. bebida e

gente.”

“meu professor gostaria que você conversasse com

seus alunos. ele ganhou o Prêmio Lamont de Poesia e

gosta de você.”

“diga ao seu professor para ir para o inferno. diga-lhe que

eu estou acabado.”

“você é sensível.”

“não, sou apenas um lampejo na

frigideira.”

nós bebemos e bebemos. logo ele está dormindo
no sofá, 120 quilos dele sacudindo o telhado
com sua poesia.

eu vou para o quarto e ligo o despertador para as
10 da manhã da aula de inglês dele. a bebida desce
melhor agora, mas ao subir na cama
eu penso, de onde vêm esses desgraçados e
o que aconteceu com todo mundo? verdade, eu
estou enlouquecendo.

a luz se apaga
e então um alarme contra ladrões
em algum lugar por perto
se intromete em seus
roncos. muito pertinente, eu penso,
pertinente demais
para uma noite muito desperdiçada
em dezembro de
1965 ou
qualquer outro tempo
que for.

mais um poema sobre um bêbado e depois eu deixo vocês irem embora

“cara”, ele disse sentado nos degraus.

“seu carro precisa com certeza de uma limpeza e uma cera.

posso fazer por 5 pratas.

tenho a cera, tenho os panos, tenho tudo

que preciso.”

eu lhe dei 5 e subi.

quando desci 4 horas mais tarde

ele estava sentado nos degraus, bêbado.

ele me ofereceu uma lata de cerveja.

disse que ia fazer o carro

no dia seguinte.

no dia seguinte ele estava bêbado de novo e

eu lhe emprestei um dólar para uma garrafa de

vinho. o nome dele era Mike.

um veterano da Segunda Guerra Mundial.

sua mulher trabalhava como enfermeira.

no outro dia quando desci ele estava sentado

nos degraus. ele disse,

“sabe, eu estava sentado aqui olhando seu carro

pensando como fazer melhor.

quero fazer bem feito mesmo”.

no dia seguinte Mike disse que parecia que estava com jeito de chuva

e com certeza não faria qualquer sentido

lavar e polir um carro quando ia chover.

no dia seguinte estava outra vez com jeito de chuva.

e no outro dia.

depois nunca mais o vi.

vi sua mulher e ela disse,

“levaram Mike para o hospital,

ele está todo inchado, dizem que é de

beber”.

“escute”, eu lhe disse, “ele falou que ia polir meu

carro. eu lhe dei 5 dólares para polir meu carro.”

eu estava sentado na cozinha deles
bebendo com a mulher dele
quando o telefone tocou.

ela me passou o telefone.

era Mike. “ouça”, ele disse, “venha para cá e me busque. eu não aguento mais este lugar.”

quando cheguei lá

não quiseram me entregar as roupas dele

e assim Mike caminhou até o elevador em seu roupão de hospital.

seguimos em frente e havia um garoto no elevador comendo um picolé.

“ninguém tem permissão para sair daqui de roupão”, ele disse.

“você dirige esta coisa, garoto”, eu disse,

“nós cuidamos do roupão.”

parei na loja de bebidas para 2 engradados de meia dúzia e então dirigi para casa. bebi com Mike e sua mulher até as 11 da noite.

então subi.

“onde está Mike?”, perguntei para a mulher dele 3 dias depois.

“Mike morreu”, ela disse, “ele se foi.”

“sinto muito”, eu disse, “sinto muito, mesmo.”

choveu por uma semana depois disso e

imaginei que o único jeito de conseguir aqueles 5 de volta seria ir para a cama com a mulher dele

mas você sabe

ela se mudou uns dois dias

depois

e um cara velho de cabelos brancos

se mudou para lá.

ele era cego de um olho e

tocava trompete.

de jeito nenhum eu faria aquilo

com ele.

assim, tive eu que lavar e polir meu próprio carro.

cachorro morto

Bartkowski completou um arremesso a gol de 58 jardas
para derrotar o Packers no último minuto.

eu ouço pelo rádio

é domingo e estou a caminho das pistas de corrida

devo chegar para o terceiro páreo.

o Falcons segura a vitória e isso é bom.

desligo o rádio.

depois, quando a Harbor Freeway se ramifica

na Pasadena

vejo um cachorro na rampa

é dos grandes e é manco

mas ainda respira

sua cabeça está esmagada.

pessoas que levam cachorros em seus carros

e os deixam dependurados para fora da janela

quando esses cachorros caem na rodovia

muitas vezes elas apenas continuam a dirigir.

eu sei entrar no túnel.

você pega a pista mais à direita quando

as outras pistas desviam à esquerda.

eu sigo e cruzo.

quando saio do túnel

deslizo de volta para a via expressa.

esses filhos da puta e seus cachorros

mortos.

chego ao hipódromo à 1:20 da tarde.

vou ao estacionamento preferencial

acho uma vaga no F-5

tranco

e enquanto caminho entre os carros

vejo dois homens que

arrombaram um carro.

eles tiraram o rádio,

o estéreo e os alto-falantes.
eles me veem e eu os vejo.
“não diga *nada*, cara!
se você fizer isso, lembre-se de que nós o veremos
de novo algum outro dia!”
entro no hipódromo
são quatro minutos para apostar
no terceiro páreo que vem aí
a multidão apostou em Shameen
com Delahoussey montando
dando de 4 para 2 a 1.
Song for Two dá uma linha de 2
e 3.
avalio os cavalos
e aposto 10 em Song for Two na ponta.
Song for Two ganha no fotochart
o Shoe ainda sabe montar
e estou \$31 à frente.
esses filhos da puta e seus cachorros
mortos.
perco o 4o, 5o e 6o páreos.
no 7o eles jogam Back’n Time para baixo
de 3 para 5 em uma tabela de 99
nos cinco quartos de milha em Del Mar
mas o potro tem 3 anos
competindo com cavalos mais velhos
e nunca correu a milha.
posso vê-lo entrando na reta
com uma liderança de 4 corpos e sendo batido
na chegada
por outro.
mas quem vai batê-lo?
ainda há 6 outros cavalos.
eu ponho \$50 em Back’n Time na ponta
e assisto à corrida.
o potro tem quatro corpos de vantagem ao entrar

na reta
então Don F.
o menos provável no páreo
começa a chegar perto
e é cabeça a cabeça na chegada.
eles vão ver a foto
nós esperamos
então eles põem Don. F.
com 19 para 1.
eu pego \$2.80 pelo placê
assim faço \$20
perco o 8o
aí fico apenas com \$18.
no 9o
aposto 10 na ponta em Fleet Ruler
e 2 na ponta em Forecast
então deixo o hipódromo
fico no estacionamento
escutando o locutor
que está berrando
Forecast está na frente
e aí vem Fleet Ruler
é Fleet Ruler e Forecast
chegando juntos.
é evidentemente no fotochart.
vou até meu carro para sair
antes da multidão.
eu estou com o rádio
na estação dos resultados das corridas.
ainda estou na Pasadena Freeway
quando ouço o resultado:
é Forecast
e Forecast pagou \$90.70
assim
o dia não foi de todo desperdiçado.
porém mais tarde

quando entro na via de acesso
lá está aquele gato de Manx
com sua cauda rudimentar e
com sua língua dependurada para fora.
ele se recusa a dar passagem para o carro.
eu desço.
pego-o e
o jogo no banco da frente.
entramos na garagem
juntos.
saímos do carro
e os outros dois gatos estão à espera
(amantes de cabeças de peixes, sonhadores com
pássaros)
abro a porta
e todos os gatos entram junto
comigo.
eles correm para a cozinha
eu noto que Dallas e San Diego estão jogando
agora. Danny White é zagueiro no
Dallas.
eu sempre gostei de Danny White,
esse é um jogador.
eu poderia assistir a algumas rodadas.
domingo é um dia de descanso.
todas as coisas importantes deveriam ser esquecidas.
decido que sequer vou alimentar os gatos
por algum tempo.
e na terça ou quarta-feira vou começar a trabalhar
em meu romance sobre a infância
outra vez.

moro em uma vizinhança de assassinatos

as baratas cospem cliques
enferrujados
e o helicóptero dá voltas e voltas
farejando sangue
holofotes esquadrinhando nossos
banheiros
procurando por nosso esconderijo com dupla tampa sob o
colchão
5 caras nesta quadra têm pistolas
um outro tem um
machete
nós somos todos assassinos e
alcoólatras
mas há piores no hotel
atravessando a rua;
eles ficam na entrada verde e branca
banais e depravados
esperando serem
presos.
aqui cada um de nós tem uma planta que está murchando
em nossa entrada
e quando brigamos com nossas mulheres às 3 da madrugada
fazemos isso
em tons de sussurro
enquanto fora em cada varanda
fica um pequeno pires de ração
que sempre é comido pela manhã
supomos que
pelos
gatos.

o bombardeio de Berlim

os americanos e ingleses atacavam, ele me contou,
nada podia detê-los,
tinham luzes vermelhas e azuis em seus aviões
e estavam à vontade,
e era engraçado, você sabe,
uma bomba acabava com um quarteirão inteiro
e deixava o quarteirão ao lado em pé,
intocado.

uma vez, depois de um ataque aéreo, ouvimos um piano tocando
debaixo dos destroços
e lá estava uma velha senhora debaixo daquilo tocando piano,
o prédio havia desabado ao redor dela,
e a havia soterrado ali e ela continuava a tocar o
piano.

depois de um tempo, quando os aviões chegavam e chegavam de novo
não nos dávamos mais ao trabalho de ir ao abrigo subterrâneo,
só ficávamos onde quer que estivéssemos
no primeiro e segundo andares e olhávamos para cima
e observávamos
as luzes vermelhas e azuis e pensávamos,
malditos!

bem, ele disse, servindo-se de sua cerveja com um suspiro,
nós perdemos a guerra, e é só isso
mesmo.

tudo certo, Camus

encontrei esse cara em algum lugar, inferno, seus olhos pareciam aqueles
de um louco
ou talvez fosse apenas meu reflexo neles.
bem, de qualquer modo, ele me disse, você leu Camus?
estamos ambos no bar sem mulheres procurando
um pedaço de rabo ou alguma saída através do teto do céu e
não estava funcionando – só havia o balconista do bar perguntando-se
por que
havia se metido nesse negócio
e eu, muito desanimado com o fato de até agora só ter sido traduzido
em 6 ou 7 línguas.
o cara continuava a falar –
O estrangeiro, você sabe, o livro que retrata nossa sociedade moderna –
sobre o homem amortecido que não
conseguiu chorar no funeral da mãe dele, que
matou um árabe ou dois sem nem mesmo saber por quê –
ele prosseguia e prosseguia
e prosseguia e prosseguia
contando-me que filho de uma puta era *O estrangeiro*,
e fiquei pensando que talvez ele tivesse razão –
você sabe, esses discursos horrorosos diante da Academia Francesa –
você não saberia dizer se Camus estava falando pelo
canto da sua boca ou
se ele estava
sério. ele certamente não soava melhor que
o sujeito a meu lado no bar
e nós estávamos apenas procurando
xota.
foi muito triste –
o tempo todo *O estrangeiro* havia sido meu herói
porque eu achava que ele enxergara para além da tentativa
ou do cuidado
porque tudo era uma tamanha chatice

tão sem sentido –

a vida em um grande buraco no chão olhando para cima –

e eu estava errado mais uma vez:

inferno, eu era *O estrangeiro* e o livro simplesmente não havia saído
do jeito que
deveria.

abandono da luta

cometeram seu primeiro erro quando
deitaram o campeão
de cara para baixo
na mesa do vestiário –
foi um grito de
câncer –
e então ele os amaldiçoou em italiano de
gente pobre e disse
me virem me virem me virem seus bundões
me virem,
e eles o fizeram
e ele disse,
ele quebrou todas as costelas do meu lado esquerdo
é um assassino, não é um lutador,
e então ele
disse,
olha, me arranje uma arma, eu vou matar aquele filho de uma
puta.
vá com calma, campeão, disse seu empresário, não foi pelo título, você
ainda tem o título. você pode derrotá-lo
na revanche. não assinamos o contrato para
lutar com Sondelle ainda. vamos adiar com
Sondelle e pegar esse cara na
revanche.
eu não vou lutar com esse assassino outra vez, disse o
campeão,
deviam banir esse chupador de paus nojento do
ringue.
veja, campeão, disse o empresário, não seja
estúpido, vamos conseguir uma bilheteria
grande para a próxima
luta, vão querer ver se ele pode
fazer isso de novo.

o campeão os amaldiçoou em italiano e depois disse,
nunca mais vão conseguir me colocar no ringue com esse
assassino outra vez.

olha, campeão, ele é um vagabundo eu lhe digo, um vagabundo, ele
nunca

bateu em ninguém antes, na próxima vez você
se prepara, larga a bebida e as fudas por
uma semana, ele não conseguirá
tocá-lo quando você estiver bem. ele não pode bater em você porra
nenhuma, campeão.

ele me

bateu. nunca vou tomar outra surra como essa de
ninguém.

você vai abandonar, campeão? você vai abandonar?

vou lutar com qualquer um menos

com esse cara.

tudo certo.

então, está bem, que tal um raio X das minhas
costelas? não consigo respirar, de verdade,
sinto-as cutucando meu
pulmão.

eles o retiraram dali e o levaram em uma

longa e negra

limusine baixa

ao hospital particular onde o

raio X não mostrou

nenhuma fratura.

eles estão mentindo, berrou o campeão, esses porras desses

idiotas estão mentindo! você não acha que eu

consigo sentir meus próprios ossos quando estão

quebrados?

ninguém disse nada.

Adolf

tenho um amigo que tem um
álbum de recortes dedicado a Hitler
e seus companheiros nazistas
e as paredes estão
cobertas de velhos
instantâneos de Al Capone
Fatty Arbuckle
Roy Rogers e
muitos muitos outros.
as paredes estão tortas de cola apodrecendo
e memórias, e há
interruptores escondidos que disparam
um frenesi de luzes
coloridas –
cada padrão diferente, nunca
o mesmo –
e descendo até seu porão há toneladas de
papéis inchados pela chuva
e comidos pelos
ratos: é muito
escuro lá embaixo
e há muitas pinturas meio inacabadas com
um olho que o encara
do assoalho.
saímos e
subimos por uma
escada sifilítica e voltamos
à cozinha onde
uma cabeça de porco está nadando
em uma panela branca
muito grande junto com
cebolas
cenouras

batatas,
uma cebola pequena flutuando em um
olho vazio,
e aí está a
filha dele
com a altura de 65 centímetros
que se lembra de mim
do outro
dia.
ela nos diz algumas coisas genuinamente
divertidas
depois se retira para
um quarto de dormir
no andar de cima
enquanto seu pai e eu ficamos por lá
ouvindo antigas canções
alemãs de marchas
e fumando
Picayunes.^[1]

[1] Picayunes, antiga marca de cigarros vendida no Sul dos Estados Unidos até a década de 1960. (N.T.)

os anarquistas

certa vez passei a andar lá em casa
com uns sujeitos com longas barbas negras
que eram muito intensos.
muitas pessoas vêm me ver mas
costumo dispensá-las depois de um tempo.
nenhuma delas traz mulheres,
escondem suas mulheres.
tomo cerveja e ouço, mas não muito
atentamente.
mas esse bando em particular continuava sempre
voltando. para mim era principalmente cerveja e
papo. reparei que eles
costumavam chegar em caravana e tinham
alguma organização central, embora confusa.
eu continuava a dizer-lhes que estava me
lixando – tanto para a América quanto para
eles. eu apenas ficava sentado lá e a cada
manhã quando acordava eles haviam ido embora –
e isso era a melhor parte.
enfim, eles pararam de vir e uns
meses depois eu escrevi um conto
sobre seu bate-papo político – o qual,
é claro, arrasava seu idealismo.
o conto foi publicado em algum lugar e
coisa de um mês mais tarde
o líder entrou,
sentou-se e abriu um engradado de meia dúzia de cervejas:
“quero lhe dizer uma coisa, Chinaski,
nós lemos aquele conto. fizemos uma reunião
e votamos se deveríamos matar
você ou não. você foi poupado, 6 a 5”.
eu ri então, isso faz alguns anos,
mas eu não rio mais. e embora

eu até mesmo pagasse a maior parte da cerveja e
embora até mesmo
alguns dos caras mijassem na
tampa da privada, eu agora agradeço por aquele
voto a mais.

perfeitos dentes brancos

eu finalmente comprei uma TV a cores
e a outra noite
deparei com esse filme
e lá está um cara em
Paris
ele não tem dinheiro
mas veste um terno muito bom
e o nó da sua gravata está perfeito
e ele não está nem preocupado nem bêbado
mas está em um café
e todas as mulheres maravilhosas estão
apaixonadas por ele
e de algum modo ele continua a pagar seu aluguel
e a subir e descer por escadarias
usando camisas muito limpas
e ele aconselha algumas das garotas
sobre não poderem escrever poesia
enquanto ele pode
mas que não está realmente com vontade de fazer isso
naquele momento –
em vez disso ele está procurando a Verdade.
enquanto isso ele tem um corte de cabelo perfeito
nenhuma ressaca
nada de tiques nervosos ao redor dos olhos e perfeitos
dentes brancos.
eu sabia o que ia acontecer:
ele conseguiria a poesia, as mulheres e
a Verdade.
desliguei o televisor
pensando, seu safado filho da puta
você merece
todas
as três.

4 quarteirões

levei minha filha de carro até o auditório da escola
onde sua mãe deveria encontrá-la
às 5 da tarde.
eu a deixei descer do carro
e ela enfiou a cabeça pela janela
e me beijou
como sempre fazia.
ela estava com 8 anos. eu com 52.
duas mulheres gordas ficaram nos observando.
eu acenei até logo para minha filha
e enquanto ela caminhava até a entrada
uma das mulheres gordas perguntou-lhe,
“espere um minuto, quem era esse homem?”
e ela respondeu, “esse é meu pai”.
então uma das gordas correu na minha direção:
“espere um minuto, pode me dar uma carona, só 4
quarteirões?”
“meu carro é muito sujo”, eu disse.
“não quero me intrometer”, ela disse,
entrando.
“é só seguir pela rodovia. não é longe.”
segui pela rodovia.
“Marina”, ela disse, “é uma menina muito boa, nós
todas gostamos de Marina.”
“sim”, eu disse, “ela é uma garota muito quieta e
educada.”
“sim,” ela respondeu, “sim, ela é.”
“costumo ser muito quieto e atencioso também”,
eu disse.
“bem”, ela respondeu, “acho que se você não se
elogiar, então ninguém vai fazer isso, hahaha!”
“está ventando muito hoje”, eu disse.
“agora”, ela disse, “vá dois quarteirões para o norte, então vire

à direita.”

“tudo certo”, eu disse, “vou fazer.”

“espero”, ela disse, “que não o esteja levando para muito longe do seu caminho. espero não estar me intrometendo.”

“a senhora conheceu a mãe de Marina?”, eu perguntei.

“ah, sim”, ela disse, “é uma pessoa adorável, mesmo, uma pessoa adorável.”

“tem certeza de que mais ninguém vai?” eu perguntei.

“vai o quê?”, ela perguntou.

“elogiar você se você não se elogiar a si mesmo”, eu respondi.

“bem”, ela disse, “são mais 3 quarteirões,

então o senhor dobra à direita.”

eu subi 3 quarteirões e dobrei à direita.

“agora”, ela disse, “está vendo esse caminhão com a porta bem aberta?”

“estou vendo”, eu disse.

“é só o senhor parar bem ao lado do caminhão e eu desço do carro.”

estacionei ali e ela desceu do carro.

“com certeza quero lhe agradecer”, ela disse,

“e espero não me haver intrometido.”

“eu a vejo por aí”, eu disse.

“cuide-se bem.”

eu segui em frente e entrei de novo à direita

em uma rua de mão única. o oceano estava

lá. não havia nenhum veleiro

à vista. vagamente eu pensei em

peixes voadores

e os dispensei como um mito.

fiz o balão

na primeira oportunidade

e segui de volta
para Los Angeles.

você não pode passar à força pelo buraco da agulha

rasgar poemas é minha
especialidade.
em uma noite
sou capaz de escrever entre 5 e uma
dúzia
sentindo-me muito bem com relação a
todos
eles.
no dia seguinte
à luz da manhã
fria
eu os encaro de
novo:
alguns têm
quando muito
apenas um verso decente
ou dois.
rasgar e mandar para a cesta
esses fracassos
é puro
prazer.
há alguns
dias
em que todos eles
se vão.
o poema dificilmente é o
centro da nossa
existência
embora tenha havido muitos
poetas
que sentiam
assim.
sejam quem forem,

*os deuses não são
bobos.
eles devem rir
e admirar-se
da nossa febre
por fama.*

dois tipos de inferno

frequentei o mesmo bar por 7 anos, das 6 da manhã até as 2 da madrugada.
às vezes eu não me lembrava de haver voltado para meu quarto.
era como se eu ficasse sentado naquela banquetta do bar continuamente.
eu não tinha dinheiro mas de algum modo os drinques iam chegando.
eu não era o palhaço do bar mas sim o louco do bar.
mas com frequência um louco pode encontrar alguém ainda mais louco para lhe oferecer bebidas.
afortunadamente,
era um lugar cheio de gente.
mas eu *tinha* um objetivo: eu estava esperando que algo extraordinário acontecesse.
mas enquanto os anos se passavam à deriva nada acontecia a não ser que eu provocasse.
um espelho de bar quebrado, uma luta com um gigante de mais de dois metros, um flerte com uma lésbica, a habilidade de dar nome aos bois e de resolver discussões que eu não havia começado etc.
um dia eu simplesmente me levantei e caí fora.
simples assim.
e quando comecei a beber sozinho achei minha própria companhia mais que satisfatória.
então, como se os deuses estivessem chateados por minha paz de espírito, as mulheres começaram a bater à minha porta.

os deuses estavam mandando mulheres para o
louco!

as mulheres chegavam uma por vez e quando uma ia embora
os deuses imediatamente – sem dar nenhuma folga – me mandavam
outra.

e cada uma delas parecia à primeira vista ser um milagre renovado, mas
então tudo

que à primeira vista parecia maravilhoso acabava
mal.

minha culpa, é claro, era o que elas habitualmente me
diziam.

os deuses simplesmente não deixarão um homem beber sozinho; eles têm
ciúmes dos

prazeres simples; assim eles mandam que uma mulher vá
bater em sua porta.

lembro todos aqueles hotéis baratos; era como se todas as mulheres
fossem uma; a primeira batida delicada na madeira e então,
“oh, ouvi você tocando aquela *música adorável* em seu rádio. somos
vizinhos. moro aqui no 603 mas nunca o vi
no saguão antes!”

“entre”

e lá se foi sua reclusão.

você também se lembra da vez em que
subiu atrás do gigante de 2 metros e derrubou seu
chapéu de caubói, berrando,

“aposto que você é alto demais para chupar os
peitos da sua mãe!”

e alguém no bar dizendo, “ei, senhor, esqueça, ele é um caso
psiquiátrico, é um chato, ele não sabe o que está
dizendo!”

“sei EXATAMENTE o que eu estou dizendo e vou dizer de novo,
‘aposto que você é alto demais...’”

ele ganhou a briga mas você não morreu, não do modo como você
morreu por dentro depois

de os deuses arranjam para que todas aquelas mulheres viessem bater à
sua porta.

a troca de socos foi mais justa: ele era lento, estúpido e estava até um
pouco
assustado e a batalha foi a seu favor por algum tempo
do mesmo modo como aconteceu no começo com aquelas mulheres que
os deuses
lhe mandaram.
a diferença sendo, eu resolvi, que ao menos tive uma chance com as
mulheres.

meu fiel servo índio

eu me virei para acender
a luz. a luz já estava
acesa. eu não estava legal. “Hudnuck!”
berrei para meu fiel servo
índio. “vá chupar meu saco,” ele respondeu.
na luz mortiça
eu o vi no sofá com
minha mulher. eu saí
e toquei minha corneta.
3 camelos responderam a meu chamado e vieram
correndo atravessando o quintal.
“Hudnuck!”, eu berrei.
“segure a sua onda, paizinho”, ele respondeu,
“até eu acabar.”
toquei minha corneta. nada aconteceu.
estava cheia de cuspe e
lágrimas.
Hudnuck apareceu na
varanda, fechando seu zíper.
“quero um aumento”, ele disse,
“estou trabalhando para nada.”
“e eu estou vivendo para nada, Hud:
você não percebe que
eu estou acabado?”
“não fale assim”, ele disse,
“você tem uma boa mulher.”
minha mulher apareceu na
varanda, “o que você vai querer para
o desjejum, querido?”, ela
perguntou.
“bacon e ovos”, eu respondi.
“você não, seu *maluco!*”, ela gritou.
“bife e salsicha de fígado”, disse

Hudnuck.

“obrigada, querido”, disse minha boa
mulher, retornando a nosso
ninho.

toquei minha corneta. um corvo respondeu.

Hudnuck arrancou a corneta
da minha mão. ele a esfregou
na frente da minha melhor
camisa. (ele a estava
usando.)

ele tocou “Hearts and Flowers”
na maldita coisa. meus olhos
ficaram marejados de lágrimas.

resolvi dar-lhe um
aumento. olhando sobre o ombro, eu o vi
retorcer minha corneta até que ela
tomasse a forma de uma cruz
enquanto ele tocava “It Ain’t Gonna
Rain No More”.

ele tinha mãos fortes, delicadas,
belas. olhei para minhas próprias
mãos, primeiro não consegui achá-las, então
rapidamente
eu as tirei dos meus bolsos
e o
aplaudi.

um final plausível

deveria haver algum lugar para onde ir
quando você não consegue mais dormir
ou você cansou de ficar bêbado
e a erva não funciona mais,
e não me refiro a passar
para o haxixe ou cocaína,
eu me refiro a um lugar para ir além
da morte que está esperando
ou do amor que não funciona
mais.

deveria haver algum lugar para onde ir
quando você não consegue mais dormir
além de um aparelho de TV ou um filme
ou comprar um jornal
ou ler um romance.

é não ter esse lugar para onde ir
que cria as pessoas agora nos hospícios
e os suicídios
suponho que aquilo que a maioria das pessoas faz
quando não há mais lugar algum para onde ir
é ir a qualquer lugar ou fazer qualquer coisa
que dificilmente as satisfaça,
e esse ritual tende a aplainá-las
até que consigam prosseguir de algum modo
mesmo sem esperança.
essas caras que você vê todos os dias nas ruas
não foram criadas
inteiramente sem
esperança: seja generoso com elas:
assim como você
elas não
escaparam.

outra das minhas críticas

não escrevo um bom poema
há semanas. ela tem 15
e entra.
“seu filho da mãe, quando é que você vai
sair da cama?”
são dez para o meio-dia
então eu me levanto e vou até a máquina de escrever.
ela entra com um boné de beisebol dos Yankees e
me encara.
“NÃO ME ENCHE!”, eu grito. “EU ESTOU ESCRREVENDO!”
“imbecil”, ela diz e sai da sala.
olhando para aquela página de papel em branco
começo a achar que alguns dos meus críticos têm
razão.
ela entra de novo na sala e olha para
mim.
“babaca”, ela diz, “olá, babaca.”
eu a ignoro.
ela chega perto e puxa a minha barba.
“ei, quando é que você vai tirar essa máscara?
estou cheia dessa máscara.”
em seguida ela vai ao banheiro
e com a porta aberta ela caga na privada.
ela se esforça: “urrg, urrg, urrg...”
dou uma olhada.
“ouça, você supostamente deveria
fechar a porta do banheiro quando você faz isso.”
“bem, então *feche*, panaca”, ela diz.
levanto e fecho a porta.
conheço um escritor que gastou 2 mil dólares
para ter um quarto revestido de cortiça para
ele mas isso não adiantou nada para melhorar seu
trabalho. acho que vou tentar a sorte

desse jeito.

neblina

pior neblina
que já vi
estava voltando de carro da
praia
com meu chapa Desmond
quando
ela
chegou
era tão grossa
que dava
para cortá-la com
a proverbial
faca.
e nós estávamos um bocado
bêbados.
não podíamos sair
fora da estrada porque tínhamos
medo de
bater nos carros já estacionados
no
acostamento
mas paramos por
um momento e
Desmond subiu
no capô
e se ajoelhou nele
e disse, “está bem,
vamos, vou
guiar você!”
e eu arranquei
e
Desmond berrava,
“MERDA! NÃO CONSIGO

VER NADA!”

e ele começou

a rir e eu

comecei a rir.

eu mal podia

ver sua bunda

enfiada lá

no capô

e então ele

disse

de novo: “MERDA!

NÃO CONSIGO

VER NADA!”

e nós dois começamos

a rir cada vez

mais

uma risada que

não conseguíamos parar

toda aquela neblina

ao nosso redor

enquanto

seguíamos

só continuávamos

a dirigir e

a rir

passamos por

cruzamento após

cruzamento

frequentemente ouvindo

motores e buzinas

mas sem ver

nada

até que em um

cruzamento a

neblina se desfez

um pouco

consegui entrever
um posto de gasolina
uma lanchonete
e havia uma
luz verde
e
Desmond estava
ausente
saí fora
e estacionei no
posto de gasolina e
esperei
e lá veio
Desmond a pé
através da
neblina
berrei e
acenei e ele me
viu
correu até o carro
e entrou
dirigimos para
L.A.
uma semana mais tarde
ele foi para
Illinois para ver
a mulher com a qual
havia
rompido
e eu
nunca mais
o vi.

livre?

tem uma empresa aérea
eles oferecem champanhe de graça
mas eu já estive lá
antes.
quando a comissária de bordo passou
eu disse, não.
estava quente e
aquilo saía direto da
garrafa.
a comissária ia e voltava
reabastecendo.
foi um voo tranquilo
mas então
começou:
corrida aos toaletes.
filas se formaram.
os saquinhos de vômito
surgiram.
eu fiquei lá
escutando os
grunhidos e os
vômitos.
quando chegamos ao aeroporto
alguns ainda
estavam indo
lá.
alguns vomitavam enquanto esperavam por sua
bagagem. outros vomitavam nas
escadas rolantes e no estacionamento.
alguns vomitavam em seus carros enquanto
dirigiam para casa. alguns continuaram vomitando em
casa.
quando cheguei em casa

liguei o noticiário da TV
abri uma cerveja gelada
e deixei a água do banho
correr.

porrada importada

eles seguem trazendo lutadores para cá
do Brasil e da Argentina
com escores como 11-2-1 ou
7-4-0

e todos eles têm 27 ou 28 anos
de idade

e eles os põem para enfrentar
nossos rapazes

com escores como
22-0-0, idades de 21 ou
22.

os brasileiros e argentinos
lutam orgulhosamente
e dificilmente lhes faltam
colhões

mas eles têm compleição
baixa e são lentos
ainda usam técnicas de
boxe

que já eram
nos anos
20.

é mais que triste
e eu me pergunto o que
esses brasileiros e
argentinos pensam
depois de
sangrarem
e então
serem nocauteados?

é só
mais uma porra de um voo besta
de volta à América do Sul

para eles
enquanto cruzam com seus
compatriotas
voando para o Norte
sem chance
alguma.

foi uma UNDERWOOD

meus poemas ficam repudiando
uns aos outros –
esse aqui diz isso
e aquele outro diz aquilo,
e o outro ainda diz alguma outra coisa
mas eu acho engraçado
como se enfrentam
– ferozes pesos-pena, bem,
talvez pesos meio-médios,
e aí eu entro em uma papelaria –
depois de toda essa batalha furiosa –
olho as fitas de máquina de escrever
e não consigo lembrar
o nome da
máquina.
até minha máquina de escrever
repudia a si mesma –
“desculpe”, eu passo apertado pela garota
no caixa, “eles não tinham
o que eu queria.”
depois eu atravesso a rua
até onde eles têm
e compro 6 daquelas
geladas que tornaram
Milwaukee
famosa.

o caixão da criação

o talento para sofrer e suportar,
isso é nobreza, amigo.
o talento para sofrer e suportar
por uma ideia, um sentimento, um caminho,
isso é arte, meu amigo.
o talento para sofrer e suportar
quando o amor fracassa,
isso é o inferno, velho amigo.
nobreza, arte e inferno,
vamos falar um pouco de arte.
o destino é minha filha aleijada.
veja, é difícil,
eu contra eles,
com eles.
Kafka, deixe-me entrar!
Hemingway, cuidado!
Hegel, você é engraçado!
Cervantes, quer dizer que você escreveu aquele
romance com a idade de
80 anos?
grandes escritores são pessoas indecentes
eles vivem de modo injusto
guardando a melhor parte para o papel.
bons seres humanos salvam o mundo
para que desgraçados como eu possam continuar a criar arte,
a tornar-se imortais.
se você ler isto depois de eu estar morto há muito tempo
quer dizer que consegui.
assim, escritores do mundo
agora é a sua vez
de abusar da sua mulher
e abusar de seus filhos
amem-se a si mesmos

vivam dos recursos dos outros
desgostem de toda arte criada antes e
durante seu tempo,
e desgostem ou até odeiem a humanidade
individualmente ou em massa.
desgraçados, mesmo se lerem isto
muito tempo depois de eu ter morrido
esqueçam-me. eu
provavelmente não era tão
bom assim.

o cavalo 7

dois velhos atrás de mim estão conversando.

“olhe o cavalo 7. dá pule de 35.

como é que pode, pule de 35?”

“é, para mim também parece bom”, diz

o outro velho.

“vamos apostar nele.”

eles se levantam para fazer as apostas.

já apostei 40 na ponta

no segundo favorito.

ganho a cada quatro de cinco dias na

pista de corridas. não parece ser

um problema.

abro meu jornal, leio o caderno de

finanças, fico deprimido, mudo para a primeira

página procurando roubo, estupro, assassinato.

os dois velhos voltam.

“olha, o cavalo 7 agora dá pule de 40”,

diz um deles.

“não acredito!”, diz o

outro.

os cavalos vão para a partida, a

bandeira se ergue, eles

saem.

é uma milha e 1/16 avos, eles

dão a primeira volta, correm pela reta,

dão a última volta, seguem pela reta final,

alcançam a chegada.

o 2o favorito ganha por uma cabeça, paga

\$7,80. eu ganho \$116,00.

há silêncio atrás de mim.

então um dos velhos diz, “o cavalo 7

não correu nada”.

“nada”, diz o outro. “não consigo entender

isso.”

“vai ver o jóquei nem tentou”, diz
seu amigo.

“deve ser isso”, diz
o outro.

como a maioria dos outros do mundo
eles acreditam que o fracasso
é causado por algum fator
para além deles.

observo os dois velhos enquanto eles
se debruçam sobre o boletim das corridas
para fazer uma seleção no
próximo páreo.

“ih, olha essa!”, diz um deles.

“tem Red Rabbit com 10 para 1
na lista. ele parece melhor
que o favorito.”

“vamos apostar nele”, diz o outro
velho.

eles deixam seus lugares e se movem delicadamente até o
guichê de apostas.

o suicídio

eu havia recentemente enterrado uma mulher com a qual vivi
por três anos
estava entre empregos
meus dentes apodrecendo na minha boca
(liqueidei a dor com aspirina e
cerveja)
eu estava sentado no sofá quebrado
olhando o entardecer transformar-se em noite
quando o telefone tocou.
era Morrie.
“sim, Morrie?”
“ouça, Mark está aqui. ele diz que tem que
vê-lo! ele diz que vai cometer
suicídio!”
“ponha-o na linha...”
“não, ele não pode falar, ele
pirou!”
pisei em uma barata que passava.
“passe-me seu pai”, eu lhe disse.
Bernie pegou o fone.
“escute, Bernie”, eu disse, “que besteira
é essa sobre Mark?”
“é verdade! ele disse que se você não
vier já para cá ele vai se matar!
ele precisa de ajuda, Hank!”
“você acha que ele realmente vai
fazer isso?”
“eu não brincaria com uma coisa
dessas!”
“é longe até San Bernardino.”
“são apenas 50 milhas! você pode fazer
em 45 minutos.”
“tudo certo, Bernie...”

terminei minha cerveja, andei até meu
carro velho de 12 anos.

deu partida e peguei a
autoestrada.

foi uma viagem longa, sombria e estúpida.

Mark era uma dessas pessoas que
sempre insistiam que nossa amizade
era de verdade

pouco importando quanto esforço eu
fizesse para
ficar longe dele.

eu finalmente parei na frente da
casa.

desci do carro, bati na porta.

Morrie atendeu à porta.

ele tinha um tique na cabeça.

quando algo o aborrecia sua
cabeça começava a pular.

ela estava pulando por toda a
entrada da casa.

“Mark tem estado conosco”,
ele disse, “pelas últimas duas
semanas.”

entrei.

Mark estava sentado no sofá
segurando uma cerveja.

sorriu para mim.

estava usando o velho roupão
de Bernie.

não aparentava
estar

contemplando
suicídio.

“onde está seu pai?”, perguntei
a Morrie.

“foi dormir. foi para a

cama. ele não está

passando bem.”

“são apenas 7:30.”

“ele não está passando bem.”

eu me sentei. havia um fogo aceso

na lareira.

“que tal uma cerveja?”, Morrie perguntou,

sua cabeça pulando.

“com certeza. cadê sua mãe?”

“ela não está em casa.”

Mark pigarreou. então, em sua

voz calma, começou a falar *sobre a*

escrita dele: agora estava fixado em serial killers. ele

havia escrito um romance. tinha uma

agente. fora vê-la naquela

tarde. ela tinha uma piscina.

havam nadado juntos na piscina. ela

era um pedaço de mulher com grandes conexões.

entendia que sua escrita era excepcional.

ela ia assumir sua carreira e

torná-lo famoso e...

desliguei enquanto ele seguia em frente e seguia em frente.

ele estava usando um lenço de seda ao redor de seu pescoço

gordo.

terminei minha cerveja e Morrie levantou-se de um pulo,

a cabeça saltitando, e me deu outra.

então ouvi de novo a voz de Mark. “*sua*

escrita me lembra muito a

minha!”

Morrie me deu a cerveja. tomei um bom

gole e olhei a lareira. um

pedaço de madeira estalou naquele momento, uma

fagulha vermelha se soltou, subiu e caiu

para trás.

aquilo foi bonito. aquilo foi bonito e de algum modo

tranquilizador.

“gostaria que você lesse um capítulo do meu romance”, Mark disse. “você tem aquela pasta azul, Morrie?”

Morrie tinha. ele a pôs cuidadosamente em meu colo.

eu a abri, fui para a primeira página e comecei a ler...

Mark não sabia escrever, nunca soube.

eu continuei lendo, meus dentes começando a doer.

perguntei para Morrie,

“você tem algum uísque?”

Morrie foi buscar enquanto Mark permanecia sentado ereto no roupão velho de Morrie, esperando por minhas palavras de elogio.

eu acharia um jeito de deixá-lo pra lá facilmente tomara que sem mentir.

o uísque chegou e tomei um trago

seguí na leitura

bebendo

olhando o fogo.

a cabeça de Morrie continuava a pular.

por que certos indivíduos nunca percebem o quanto são chatos?

ou eles sabem e simplesmente não ligam?

continuei a ler, desesperançada-mente.

embaçado

fui ver minha filha.
ela está com 11 anos e havia acabado de
tomar banho e estava se
vestindo no banheiro de modo que eu não
a visse, e sua
mãe disse, “você sabe, você gosta
de fazer um enorme drama sobre
essa coisa das suas mulheres,
você adora isso, você adora que elas
briguem e berrem por
você, você acha isso engraçado,
não é?”

“ora, querida...”, eu disse.
“algum dia uma mulher vai
enfiar uma faca em seu coração,
você vai ser morto e
enquanto estiver morrendo você vai
dizer, ‘você enfiou essa coisa
em mim depressa demais!’”
minha filha saiu, toda
vestida, e eu disse à mãe dela
que a traria de volta em
3 horas.

a umas 4 milhas de distância achamos
um lugar para comer.
minha filha pediu um hambúrguer
e leite.
eu pedi camarão frito com
sopa, fritas, mais café.
comemos, dei gorjeta para a garçonete,
paguei no caixa, depois
saímos e entramos em meu
carro. era um dia escuro, com nuvens

baixas, não dava para ver nenhum
sol. “sua mãe”, eu lhe disse
enquanto íamos embora, “não passa
de uma sabe-tudo.”

a palavra final

sempre no poema
nós erramos por pouco.
ah,
para dizer a palavra final
você precisa
matar o peixe,
jogar fora a
cabeça e o rabo
(especialmente os olhos)
e comer o restante.
há essa fome
de sair pela estrada
procurando aquilo
em um Cadillac 1998,
árvores ao longo da rodovia,
uma lua manchada de estrume,
e passar por cima dele
e sair e
olhar aquilo,
segurar em sua mão
e olhar aquilo,
examiná-lo
(especialmente os olhos)
então jogar fora
e
s'imbora de Cadillac.

unhas; narinas; cadarços

a tubulação de gasolina está vazando, o pássaro fugiu da
gaiola, a linha do horizonte está salpicada de urubus;
Benny finalmente largou a droga e Betty agora tem um emprego
de garçoneiro; e

o limpa-chaminés foi tão delicado enquanto
dava risadinhas no meio da
fuligem.

caminhei milhas pela cidade e não reconheci
nada enquanto uma garra gigante comia meu
estômago e o interior da minha cabeça estava
aéreo como se eu estivesse a ponto de ficar
louco.

nem é tanto por nada fazer sentido
algum, porém mais por continuar não fazendo sentido
nenhum.

não há alívio, só gurus e deuses auto-
nomeados e camelôs.

quanto mais as pessoas dizem, tanto menos há
para dizer.

até mesmo os melhores livros são serragem seca.
eu assisto às lutas de boxe e tomo notas
copiosas sobre futilidade.

então as portas se abrem novamente
e há esses lindos e poderosos cavalos
sedosos galopando
contra o céu.

tamanha tristeza: tudo tentando
abrir-se em
flor.

todo dia deveria ser um milagre em vez de
uma maquinação.

na minha mão jaz o último pássaro azul.
as cortinas rugem como leões e as paredes

chocalham, dançam em volta da minha
cabeça.

então seus olhos me olham, o amor parte meus
ossos e eu
dou risada.

depois de receber um exemplar de um editor contribuinte

cavilosos peixinhos
mordiscando suas feridas
achadas nessas páginas mal impressas
e ainda à procura de patrocinadores
amantes
mães
fama fácil:
qual de vocês
eu vi através de uma
janela de restaurante em uma Denver gelada
comendo torta de maçãs?
dirigindo para East Hollywood com um mastim
à caça de sua ama de leite?
qual de vocês então bateu
à minha porta
querendo falar sobre POESIA?
qual de vocês é vaidoso o bastante
e miserável o bastante
e doente o bastante
para chupar o rabo de um editor?
qual de vocês vai
a todas as festinhas bacanas
e lê suas coisas para os
vermes?
qual de vocês acha
que é Pound, ou Shelley
em uma borboleta azul?
qual de vocês
modificou meu poema para lê-lo
da maneira que você PENSA
que um poema deve ser lido?
qual de vocês esgoelou

sentimentos doentios e amigáveis
como larvas rastejando no
corpo da minha mente?
e isso pode parecer forte
e injusto,
pois eu digo, deixem que todos vivam
e escrevam
se quiserem viver e escrever
mas qual de vocês
vive com sua mãe ou sua tia,
qual de vocês aplica
primeiro talco em sua bunda
e depois sobe
na cruz?
qual de vocês
(um deles um professor universitário
a quem certa vez eu castiguei
por causa de abstração sem sentido)
qual de vocês agora
escreve sobre putas e bebida
e nunca foi para a cama com uma mulher,
e nunca bebeu
mais que um copo de cerveja escura?
e qual de vocês
escreve com um dicionário sobre a barriga
como se sodomizasse uma vaca inteira?
qual de vocês faz sua alma rebolar
ao som de Bach para órgão
como um macaco em uma corda?
qual de vocês
odeia a mulher que o alimenta?
não por ela ser humana
mas porque
ela não gosta do que você faz.
qual de vocês
não conseguiria rebater uma bola de beisebol?

qual de vocês
nunca esteve na cadeia?
qual de vocês?
qual de vocês?
qual de
vocês?

pobre noite

acho que estou no primeiro
período a seco da minha vida.
chegando aos 62
a gente teme a senilidade e
um fim
para a sorte.
bebo devagar
dois grandes copos de vinho
e encaro
a página em branco.
sempre veio com tamanha
facilidade.
sempre dei risada dos
escritores que proclamavam que
a criação era
dolorosa.
mudo de estação
no rádio, sirvo-me de
mais vinho.
“papai”, ela abre a
porta, “você tem
fósforos?”
“com certeza”, eu digo e
lhe passo uns
livros.
ela sai.
Henry Miller está morto.
Saroyan. Jeffers.
Nelson Algren.
Todos eles já estão mortos
há um bom tempo.
“papai”, ela volta,
“esta caneta que estou usando é

horrível. você tem alguma
outra caneta?”

“com certeza”, eu digo e
lhe passo uma caneta
boa.

“há fumaça demais
nesta sala!”

ela abre a janela.

“você devia deixar um pouco
dessa fumaça sair!”

“você tem razão”,
eu digo.

ela sai

e eu gosto da sua
preocupação.

mas então eu estou só
com minha página em branco
outra vez.

a) então

escrevi tudo isso para
preencher o espaço
em branco.

b) então chegou a decisão
de rasgar tudo ou
guardar.

c) será que
fiz

a coisa certa?

você escreve poemas demais sobre a morte

sim, e aqui vai mais um
que talvez possa até mesmo acabar em um dos meus
livros.

e

o livro estará parado em uma
prateleira de estante
esperando por você
muito tempo depois de eu ter
partido.

pense nisto:

em um sentido eu estarei falando outra vez
só para você.

e lembre-se disto:

a página para a qual você está olhando
agora,

certa vez eu datilografei as palavras
com cuidado

pensando em você

sob uma luz

amarela

com o rádio

ligado.

se você pensar sobre a morte

por bastante tempo

eu descobri

que ela pertence

que ela faz sentido

assim como

esta máquina de escrever

esta caixa de fósforos

este clipe de papel

e

a próxima página

e o próximo poema
depois deste
aqui.

quatro



a sabedoria de desistir
é tudo o que nos
restou.

cão

é muito admirado pelo Homem
porque acredita
na mão que o
alimenta. um
arranjo
perfeito. por
13 centavos ao
dia você tem
um assassino de aluguel que pensa
que você é
Deus. um
cão não sabe distinguir um nazista de um
republicano de um comuna de
um democrata. e, muitas vezes,
nem eu.

o ódio a Hemingway

dei ao último livro de Hemingway

As ilhas da corrente

uma resenha ruim

enquanto a maioria dos outros lhe dava

boas resenhas.

mas o ódio a Hemingway

pelo escritor malsucedido

especialmente a mulher escritora

é incompreensível para mim.

essa mulher escritora malsucedida estava enfurecida.

tentei explicar porque achava que

Hemingway escrevia

desse modo.

essa coisa de vida-atraves-da-morte, ela disse,

absolutamente não é exclusiva de

Hemingway. do que mais toda

a nossa cultura ocidental trata? é a mesma história

mais uma vez e mais

uma vez. nada de novo

aqui!

é verdade, pensei, mas...

atirar em leões significava apenas atirar

em si mesmo? ela perguntou. é isso? é

isso? não quando esses leões estavam desarmados e

ele chegava neles com um rifle e

nem mesmo precisava

chegar perto. realmente! pobrezinho do Hemingway.

é verdade, pensei, os leões não levam

rifles.

a tradição espanhola. entendo Goya porque ele consegue

ser tão real e completo, ela disse. não entendo

Hemingway como outra coisa a não ser um velho filme de Hollywood

protagonizado por... qual é o nome dele? aquele Cooper que era amigo dele – aquele cara do *Matar ou morrer*. uau!
ela não gosta nem mesmo dos amigos dele,
pensei.
você aprende sobre a morte por morrer
não por olhá-la,
ela disse.
isso é verdade, pensei, mas então
como você escreve sobre isso?
você diz que Shakespeare o aborrece, ela disse –
o fato é
que ele sabia muito mais que Hemingway –
Hemingway nunca foi além de ser um
jornalista.
que aprendeu a escrever com Gertrude Stein, pensei.
ele lhe contava o que via, ela disse, mas ele não sabia
o que *significava* – como as coisas realmente
se relacionam... ele nunca
explicou.
estranho, pensei, era exatamente isso que eu
gostava
nele.
você fala um monte de típica
besteira, ela disse.
que pena, pensei,
ela tem pernas tão lindas
e longas. bem, Goya também tinha razão,
mas você não pode ir para a cama com
Goya.
bem, tudo certo, eu pensei, Hemingway puxou aqueles peixes grandes
para fora do mar e encarou algumas guerras
e assistiu a touros morrerem e atirou em alguns
leões;
escreveu alguns grandes contos
e nos deu 2 ou 3
bons romances

iniciais;
em seu derradeiro dia
Hemingway acenou para
alguns garotos indo para a escola,
eles acenaram de volta, e ele nunca tocou o suco de laranja
à sua frente;
então ele enfiou aquela arma em sua boca como um canudinho
e apertou o gatilho
e um dos poucos imortais da América
era sangue e miolos pelas paredes e pelo
forro da sala, e então todos eles sorriram,
eles sorriram e disseram,
ah, um fresco! ah, um covarde!
sim, ele se aproveitou de McAlmon,
ele se aproveitou de todo mundo
e não tratou Fitzgerald corretamente
e ele datilografava em pé
e uma vez ele esteve em um
hospício,
e Gertie Stein, aquele
canhão,
talvez ela o tivesse
ensinado a
escrever.
mas quem o convenceu de que era hora de morrer?
vocês fizeram isso, vocês
seus bundões
sujos.

olhando para os colhões do gato

sentado aqui junto à janela
suando suor de cerveja
atormentado pelo verão
estou olhando para os colhões do meu gato.
não é por minha escolha.
ele dorme em uma velha cadeira de balanço
na varanda
e dali ele me olha
dependurado em seus colhões de gato.
aí está seu rabo, coisa danada,
dependurada de lado
de modo que eu possa
ver seus felpudos reservatórios mas
em que pode um homem pensar
enquanto olha para as bolas de um gato?
certamente não sobre a nave naufragada após uma
grande batalha naval.
certamente não sobre um programa para salvar os
pobres.
certamente não sobre um mercado de flores ou uma dúzia de
ovos.
certamente não sobre um interruptor de luz quebrado.
colhões são colhões, é isso aí,
e com muita certeza isso é verdade a respeito
dos colhões de um gato.
os meus são bem moles e macios e
diz-me minha atual mulher
bem grandes:
“você tem colhões enormes, Chinaski!”
mas os colhões do gato:
eu não consigo entender se ele está dependurado neles
ou se eles estão dependurados nele.
você vê, há essa batalha de atravessar quase toda a noite

pela fêmea
e isso não é nada fácil para nenhum de nós.
veja:
falta um pedaço da sua orelha esquerda.
certa vez pensei que um de seus olhos tinha sido
arrancado
mas quando o sangue seco
descascou
uma semana depois
aí estava seu puro
olho verde-dourado
me encarando.
todo o seu corpo está coberto de escaras de mordidas
e no outro dia,
tentando acariciar sua cabeça
ele gemeu e quase me mordeu –
a pele do seu crânio
havia sido rasgada até o osso.
com certeza não é fácil para nenhum de nós,
pobre coitado.
ele dorme
e agora sonha
o quê?
um gordo pardal em sua boca?
ou rodeado por gatas com tesão?
ele sonha seus sonhos diurnos
e nós saberemos o que é
esta noite.
boa sorte, velho camarada,
a vida não é fácil,
estamos dependurados em nossos colhões, é assim que estamos, ou seja,
estamos no cativeiro de nossos colhões,
e eu deveria me conter um pouco
quando se trata de mulheres.
enquanto isso
olharei seus olhos e me defenderei com jabs de esquerda

e correrei como do diabo
quando nada mais
adiantar.

nossos colaboradores

Wendell Thomas leciona escrita criativa todos os verões na Ohio State University. Seus créditos recentes incluem *Lick*, *Out of Sight*, *Entrails* e muitas outras pequenas revistas importantes.

Richard Kwint recentemente mudou-se do Sul da Califórnia para Delaware. Ele agora está divorciado e no momento trabalha em várias peças teatrais de um ato.

Talbert Hayman apareceu em mais de 23 antologias. Seu 3o livreto de poemas *Winter Driven Light of Night* será publicado pela Bogbelly Press ainda neste outono. Ele é docente na Princeton Day School em N. J.

William Prewit foi amplamente publicado em pequenas revistas. Ele mora com sua tia, sua filha (Margery-Jean), sua mulher e seu gato (Kenyon) no interior de Nova Jersey.

Blanding Edwards fundou a pequena revista *Roll Them Bones*.

Patricia Burns é um gênio. Ela leciona na Princeton Day School em N. J.

Albert Stichwort trabalhou como lavador de pratos, veterinário, lenhador, cavaleiro, estivador, policial de motocicleta; foi aluno de Charles Olson e certa vez lutou quatro rounds com Joe Louis. Ele morou em Paris, Munique, Londres, Arábia e África. Atualmente estuda escrita criativa na Universidade do Sul da Califórnia.

Nick Diviogonni monta a cavalo todos os dias e leciona em turmas de verão na Montclair State Jr. College em N. J.

Peter Parks leciona na Princeton Day School em N. J.

Marcel Ryan certa vez depilou os pentelhos de Jean-Paul Sartre.

Peter Falkenberg é pai de 3 crianças e trabalhou como faxineiro, como encarregado da folha de pagamento e como ajudante em um manicômio.

Victor Bennett apareceu na *North American Review*, *Southern Poetry Review*, *Quixote*, *Meatball*, *Wormwood Review*, *Hearse*, *Harper's*, *Evergreen Review*, *Ramparts*, *Avant Garde*, *Northern Poetry Review*, *The Smith*, *The New York Times*, *Chelsea*, *The New York Quarterly*, *Atom Mind*, *Cottonwood Review*, *Antioch Review*, *Beloit Quarterly*, *Sun* e *Mummy*. Suicidou-se a 9 de novembro de

1972.

Darnby Temple é sócio-proprietário de um banho turco.

Stuart Belham masturba-se 4 vezes ao dia.

Harley Gabriel planeja lecionar inglês ano que vem na Princeton Day School em N. J.

William Costwick nasceu em 1900 em Yokohama, Japão.

Mash Edwards certa vez estuprou uma menina que passeava de bicicleta.

Ele foi aluno de Wendell Thomas, Albert Stichwort, Tyrone Douglas, Abbot Boyd, Peter Parks e muitos outros. Sua principal influência é Dame Edith Sitwell.

Tanner Groshawk é procurado pelo assassinato de 4 estudantes do colegial.

Sasson Villon é um velho amigo de Victor Mature. Leciona na Princeton Day School em N. J.

Victor Walter escreve seus poemas esgrimindo espadas flamejantes em gargantas de abutres e odeia televisão.

Stuart Belham é casado com Tina, que se masturba 4 vezes por dia.

Carson Craswell pede que não haja nenhuma nota sobre nossos colaboradores .

Talbot Diggins mergulha sua filha de 4 anos de idade em água escaldante uma ou duas vezes por semana. Ele edita o boletim de poesia *The Invisible Heart*.

Parker Briggs é um estudante “A” na Montclair State Jr. College em N. J.

sobre latas de cerveja e embalagens de açúcar

o boi, eu,
eu estou com frio esta noite
esta manhã
às 4 da madrugada
só com uma lata de cerveja e 2
charutos;
mulher e criança saindo
quarta-feira;
o rádio toca uma ária escocesa e
o velho aquecedor solta
gás, gás, gás,
se eu apenas conseguisse dormir.
eu não consigo dormir.
a morte nem sempre chega como uma bomba
ou uma puta gorda
às vezes a morte rasteja polegada a polegada
como uma pequena aranha rastejando na sua barriga
enquanto você
dorme.
isso não é novidade para você,
eu sei.
as mãos do meu esqueleto rezam esta noite
rezam por algo
não sei
o quê.
minhas mãos seguram este charuto
sobre meu sonho
esvaziado.
eu sou
meio que uma piada suja
contada vezes demais contada tarde demais
quando as pessoas não conseguem mais
rir.

há uma embalagem na mesa.

leio seu rótulo, diz:

medidas de açúcar: 1 libra de pó igual a

4 e 1/2 xícaras coadas; 1 libra granulada igual a

2 e 1/2 xícaras etc.

agora, *aí está* um novo mundo! eu fico sentado e olho de soslaio a caixa, esquecendo de tudo:

General Grant

sopa de ervilhas

etc.

o boi, eu, estou com frio esta noite.

amanhã vou à mercearia arrumar embalagens de cartolina vazias

para que eles possam empacotar suas

coisas. a mulher guarda toda espécie de cartas, retalhos,

fotografias. a garotinha, é claro, tem seus

brinquedos de garotinha.

preciso de mais para ler. leio minha lata de cerveja. diz:

fermentada com água pura de fonte da primavera de Rocky Mountain

que se converte em mijo; fermentada da carne que

se converte em repasto para vermes;

fermentada com amor que se converte em nada; minha terra e

sua terra; meu túmulo e seu túmulo; um gosto de

mel; um sonho de uma noite de ouro; eu vim por esse caminho por

um tempo e depois parti: fermentado, ferrado,

emprestado, cedido e mentido em nome da

Vida.

eu tomo essa cerveja.

paguei por

ela.

agora são 5:30 da manhã e muita gente fodeu e

dormiu e agora está saindo de seus pequenos sonhos enquanto

o homem no rádio pergunta se eu quero dinheiro emprestado por

minha casa.

consigo dormir com isso. consigo dormir pensando que

quem sabe na próxima vez em que houver tumultos nas ruas

quem sabe eles me deixem participar

mesmo minha pele sendo da cor errada
e enquanto eles estão lutando por Cadillacs e
TVs a cores
eu estarei lutando por outra coisa –
para quê
neste momento
não está claro para
mim.
mas pode ser que quando eu despertar tudo isso esteja claro
neste momento
é terminar o charuto
esperar pela mercearia abrir e
trocar esses shorts
sujos.

pague seu aluguel ou saia

em algum lugar a princesa morta
dorme com um novo amante;
só tenho alguns pacotes vazios de tocos
de cigarro que sobraram
pescados de volta pelas redes de anseios
mas tudo está bem
exceto a cor e a conduta
da abelha,
a cera demasiado vermelha
e um bilhete da mulher
na colina
que compra meus quadros:
“preocupada com você. ligue-
-me. amor. R.”,
e outro bilhete sob a
porta:
“pague seu aluguel ou saia”.
o aquecedor está ligado e
há um pote de pura pimenta
em pó a encarar-me,
e papel para datilografar
para preencher com poemas;
tudo está bem,
calçadas ecoam os cliques dos
saltos,
motores dão partida,
e eu tenho que lavar essas malditas
xícaras rachadas de café;
e eu me pergunto: como vai você hoje, meu
amigo?
como você está? desapontado?
infeliz?
eu? é duro. duro como um

bom poema.
mas eu me sinto muito bem,
e realmente,
essencialmente, daqui a pouco eu
vou comer
ou picadinho ou ensopado, qualquer coisa
de dentro de uma lata.
eu também poderei fazer levantamento de pesos e
espero
continuar me sentindo legal, embora meu
rádio esteja chiando
e fale de besteiras como
bons serviços de jatos;
agora são 7:30, e esse é
o jeito de homens
viverem e morrerem: não o jeito de Eliot
mas
meu jeito, nosso jeito,
quietos como uma asa fechada,
ódio queimado como em uma chaminé;
os lençóis baixando
rasgados pelo tempo
e à minha direita há uma faca que
não cortaria nem mesmo uma cebola
mas eu não tenho nenhuma cebola para
cortar, e
eu espero que você também
esteja se sentindo bem.

nota sobre alguém que bate à porta

é? eu disse, é isso
mesmo?
sim, ele disse, ela mora em
Malibu, vou vê-la esta
noite.
ah, eu disse, foi uma relação
duradoura?
diabo, não, ele disse, não sou um
masoquista.
ele mexia em sua corrente de ouro
e falava sobre
poesia. ele falou sobre poesia
por uma
hora.
não sou um masoquista, tampouco, eu disse,
então você poderia
cair fora
daqui?
ele foi embora. mas eu sabia que ele
voltaria.
ele falava sobre
poesia. eu a
escrevia.
ele não conseguia entender
que isso e nós
não éramos
iguais.

a Camiseta de Bandeira Americana

agora cada vez mais
toda essa gente por aí
usando a Camiseta de Bandeira Americana
e era mais ou menos suposto
(eu acho mas não tenho certeza)
que usar uma C.B.A. significa que você está mijando
nela
mas agora
eles continuam a fazê-las
e todo mundo continua a comprá-las
e a usá-las
e as caras são todas iguais
à Camiseta de Bandeira Americana –
esse aí tem essa cara e aquela camisa
esse aí tem aquela camisa e essa cara –
e alguém está gastando dinheiro
e alguém está ganhando dinheiro
e à medida que os patriotas ficarem
cada vez mais na moda
será bonito
quando todo mundo olhar ao redor
e achar que todos agora são patriotas
e daí
quem vai sobrar para
persegui-los
exceto seus
filhos?

idade

a decência de suar em uma cadeira de balanço
está reservada aos velhos generais ou aos antigos
estadistas enquanto as tardes florescem com
garotinhas que não têm nada a fazer a não ser rir
e passar por perto.

para mim

quando os dedos forem embora o cérebro terá ido embora.

não haverá mais nada para erguer o

copo e eu ficarei por aí pensando em

camisolas brancas e piranhas

e blocos de noite com ratos no lugar dos olhos.

quando os dedos falharem no copo eu terei

falhado

e a alma

em um velho saco de papel marrom

dirá adeus

assim como as sebes dizem adeus

assim como os canhões parados nos parques perguntando-se o que
vem aí.

os cães latem facas

jesus cristo os cães latem facas
e nos elevadores
homens como brinquedos de armar
decidem minha vida e minha morte;
os falcões são vesgos
e não há nada para salvar;
saibamos o impossível
saibamos que homens fortes morrem aos magotes,
saibamos que o amor é comprado e criado
como um cão de estimação – um cão que late facas
ou um cão que late amor;
saibamos que viver uma vida
entre bilhões de idiotas com a sensibilidade de moléculas
é em si uma arte;
saibamos manhãs e noites e
perfídia;
partamos com as andorinhas
linchemos a última esperança
encontremos o cemitério dos elefantes
e o cemitério dos loucos;
e aqueles que cantam suas próprias canções
que as cantem para os idiotas e os mentirosos
e os planejadores de estratégias
em um jogo chato demais para as crianças;
só existe um modo de viver
que é estar só,
e só um modo de morrer, que é o mesmo;
ouvi a marcha de seus exércitos
por todos esses anos;
que aborrecido –
o que eles querem e o que eles ganharam;
que aborrecido eles serem meus donos
e provavelmente me seguirem na morte

trazendo mais morte à morte;
o caminho todo é oco –
eu toco um pequeno anel no meu dedo
e respiro o ar
derrotado.

o porco na cerca

você sabe, dirigindo através desta cidade ou de qualquer cidade
caminhando através desta cidade ou de qualquer cidade vejo
gente com narinas, dedos, pés,
olhos, boca, ouvido, queixo, sobrancelhas e assim por diante.
entro em uma lanchonete e peço o desjejum,
olho ao redor e estou consciente de crânios e esquele-
tos enquanto observo um homem enfiar
um pedaço de bacon em sua boca e morrer um pouco
e não gosto de contemplar a morte porque
pode haver algum outro lugar aonde tenhamos que ir depois
e já encarei confusões o bastante só por estar bem aqui
mas
talvez seja a culpa de todas as cobras em viveiros de vidro,
elas não podem mover-se, respirar ou matar e eles
deveriam soltá-las e eles deveriam esvaziar as
prisões também assim que eu arrumar minha Luger[1] e
soltar meus cachorros.
os prédios são todos pobremente construídos e o corpo
humano também; às vezes assisto a dançarinas dando pulos
por aí e penso, isso é feio e desajeitado,
o corpo humano foi construído de modo errado, é desengonçado e
estúpido... comparado a quê? comparado ao cacto
e ao leopardo. bem,
minhas mulheres sempre me disseram, “você é tão *negativo!*”
e eu olhava para elas e respondia, “eu acho que a reali-
dade é negativa”. comparada a quê? *irrealidade*.
no entanto mesmo assim tive mais alegrias que qualquer um
deles, eles foram *positivos* e deprimidos, e eu sou *negativo*
e feliz. bem,
tudo isso pode ser culpa de bombeiros parados esperando
por um incêndio. pode ser culpa de algum cara em Moscou
estuprando uma menina de
6 anos, ou pode ser porque a neblina não é

mais a neblina do jeito como costumava ser – fresca, molhada,
refrescante,

mas tudo está machucando agora. eles acharam algum cara jogando
futebol na U.C.L.A. que nem sabia ler ou escrever
mas por Cristo como ele tinha força, que corpo, ele podia ter se dado
bem mas ele se aborreceu e matou seu fornecedor
de drogas e depois descobriram que ao final das contas ele nem era
muito um universitário, só uma espécie de peixinho dourado criado
o que me lembra

difícilmente mais alguém cria peixes dourados: você sabe quando eu
era criança, um domicílio em cada 3 tinha peixes dourados.

o que aconteceu com eles? alguns tinham até
laguinhos de peixes dourados no quintal com um fino musgo e
dúzias de peixes dourados, pequenos, médios, grandes,
viviam de migalhas de pão e alguns desses fodões se tornaram
tão gordos e estúpidos que simplesmente subiram até a superfície e se
deitaram

de lado, um olho para o sol, largados, como uma má mensagem
de Deus, mas as pessoas também desistem quando não deviam.
certa vez

houve um campeão, recebeu 5 milhões por uma disputa de campeonato,
o Macho Man, nunca havia sido derrotado mas deu de cara com
um sujeito que podia enfrentá-lo e depois de uns rounds ele
deu as costas e disse,
“no más”.

imagine só, por 5 milhões um homem poderia aguentar alguma
dor, eu vi homens com suas vidas inteiras destruídas por
55 centavos a hora ou menos.

bem,

talvez seja a alvenaria ou talvez seja a bomba d’água, ou talvez seja o
porco na cerca, ou talvez seja o fim da sorte. anjos estão voando
baixo hoje com asas em chamas, sua mãe é a vítima de
seus pesadelos ordinários enquanto 40 torneiras gotejam, o gato está com
leucemia, faltam só 245 dias até o Natal e meu
protético me odeia.
assim agora

eu acordo com o pescoço duro em vez do pau
duro e
você
sempre poderá me achar aqui
em East Hollywood mas
por favor por favor por favor
não
tente.

[1] Luger: pistola automática alemã. (N.T.)

nunca trago minha mulher

estaciono, saio, tranco o carro, é um dia perfeito, calmo e agradável. eu me sinto bem, começo a caminhar em direção à entrada e um gordinho se junta a mim. ele caminha a meu lado. não sei de onde saiu.

“oi”, ele diz, “como vai você?”

“tudo bem”, eu digo.

ele diz, “acho que você não se lembra de mim. você me viu talvez duas ou três vezes”.

“pode ser”, eu digo. “venho às pistas todo dia.”

“eu venho talvez três ou quatro vezes por mês”, ele diz.

“com sua mulher?”, eu pergunto.

“oh, não”, ele diz, “nunca trago minha mulher.”

“qual você prefere para a ponta?”, ele pergunta.

eu lhe digo que ainda não comprei meu boletim do turfe.

seguimos e eu ando mais depressa. ele se esforça para me acompanhar.

“onde você fica?”, ele pergunta.

eu lhe digo que fico em diversos lugares.

“esse maldito Gilligan”, ele diz, “é o pior

jóquei aqui. eu perdi uma nota nele o outro dia. por que eles o usam?”

eu digo a ele que Whittingham e Longden acham que está tudo certo com ele.

“com certeza, eles são amigos”, ele responde. “sei alguma coisa sobre Gilligan. quer saber?”

eu lhe digo para esquecer.

estamos chegando perto da banca de jornal junto da entrada e me viro na direção dela como se fosse comprar um jornal.

“boa sorte”, eu digo e desvio.

ele parece perplexo. seus olhos parecem chocados. ele me lembra uma mulher que só se sente segura quando o polegar de alguém está em seu rabo.

ele olha ao redor, acha um homem de cabelo grisalho que

manca, apressa-se, alcança o velho e começa a conversar com ele.

compro meu ingresso, acho um lugar longe de todo mundo, sento. tenho sete ou oito bons minutos sossegados, então escuto um movimento: um cara senta-se perto de mim, não a meu lado mas a um assento de distância embora haja centenas de assentos vazios.

outro Mickey Mouse, eu penso. por que será que eles sempre me acham?

continuo a fazer meus cálculos.

então ouço a voz dele: “Blue Baron vai levar a ponta.”

faço uma nota para riscar aquele cachorro e dou uma olhada e me parece que essa observação me foi dirigida; não há mais ninguém em 15 jardas ao redor.

vejo a cara dele.

ele tem uma cara que a maioria das mulheres adoraria: extremamente macia e

branca.

ele permaneceu quase intocado pelas circunstâncias, é um milagre do zero.

eu o encaro encantado.

é como olhar um lago de leite

nunca perturbado nem por uma pedrinha.

volto a olhar para meu boletim.

“qual você prefere?”, ele pergunta.

“senhor”, eu lhe digo, “prefiro não falar.”

ele me olha por trás de seu bigode negro perfeitamente aparado, não há nenhum pelo fora do lugar;

eu tentei bigodes; nunca liguei o bastante para espelhos para deixar um bigode parecer tão antinatural.

ele diz, “ouvi falar de você. você não gosta de falar com ninguém”.

levanto, pego meus papéis, caminho por três fileiras para baixo e 16 assentos adiante. chego a meu último refúgio, pego meus protetores de ouvido vermelhos, enfio-me neles.

ser o guardião de meu irmão só iria fazer com que eu me recolhesse
entre muros em um lugar
onde tudo é a mesma coisa.

sinto pelos solitários, sinto por suas necessidades, mas também sinto
que os solitários são feitos uns para os outros e que eles deveriam se
encontrar

uns aos outros e me deixar em paz.

assim, de protetores de ouvido, perco a cerimônia de hasteamento da
bandeira, mergulhado no boletim.

eu teria gostado de ser humano

se eles deixassem que eu fosse.

ir às pistas de corrida é como ir a qualquer outro lugar exceto,
falando genericamente,

que há mais pessoas solitárias por lá, o que não adianta muito.

elas têm o direito de estar lá e eu tenho o direito de estar lá.

isto é uma democracia e todos nós fazemos parte de uma
família infeliz.

uma entrevista aos 70

o entrevistador se inclina na minha direção, “alguns dizem que você não é mais tão selvagem como costumava ser”.

“bem”, eu disse, “não posso continuar para sempre escrevendo poemas sobre derramar cerveja no colo das putas.

um homem amadurece e se move em direção a outras coisas.”

“mas alguns ainda querem o mesmo velho Chinaski!”

“e isso é o que eles têm”, eu digo.

“conte-nos sobre as corridas de cavalos”, ele sugere.

“não há nada para contar.”

“você tem que esperar até ele ficar legal até depois da meia-noite para ouvir as coisas realmente boas”, diz minha mulher.

o entrevistador não está acostumado a esperar.

ele olha suas anotações.

ele quer algumas grandes declarações, algumas grandes conclusões, algo grande que aconteça agora.

ele está confuso devido a seus
equívocos e
preconceitos.
e a pior coisa
nele?
ele não é
selvagem
o bastante.

2 vistas

meu amigo diz, como é que você pode escrever tantos poemas
daí desta janela? eu escrevo, do útero,
ele me diz. a coisa escura da dor,
a ponta da pena da dor.
bom, isso impressiona muito
mas acontece que eu sei que nós dois recebemos uma boa quantidade de
cartas de recusa, fumamos uma boa quantidade de cigarros,
bebemos demais e tentamos roubar as mulheres
um do outro, o que não é poesia de jeito nenhum.
e ele me lê seus poemas
ele sempre me lê seus poemas
e eu ouço e não digo muita coisa,
olho pela janela,
e lá está a mesma rua
minha rua,
minha rua bêbada, ensolarada, enchuvarada, da
criança da,
e à noite olho para esta rua
às vezes
quando ela pensa que não a estou olhando,
os 1 ou 2 carros movendo-se silenciosamente,
o mesmo velho, ainda vivo, em sua
caminhada noturna,
as cortinas das casas cerradas,
o amor falhou mas
se aguenta
então vamos em frente.
mas agora é dia claro e as crianças
que algum dia serão homens velhos e mulheres velhas
caminhando através de seus últimos momentos,
essas crianças correm ao redor de um carro vermelho
gritando qualquer bobagem,
então meu amigo pousa seu poema.

bem, o que você acha?, ele pergunta.
tente assim e assim, eu cito uma revista
e então estranhamente
penso em guitarras sob o mar
tentando tocar música;
isso é triste e bom e quieto.
ele me vê parado à janela.
o que há lá fora?
olhe, eu digo,
e veja...
ele é 11 anos mais novo que eu.
ele se afasta da janela. eu preciso de uma cerveja,
não tenho mais cerveja.
caminho até a geladeira
e o assunto está encerrado.

van Gogh e 9 rodadas do jogo[1]

as noites de navio de guerra na Geórgia
quando todos nós
naufragamos.
você sabe? houve esse russo que
saltava acompanhando a música tão bem que o fazia chorar
e ele ficou louco
e eles o puseram em algum lugar e o
alimentaram e
lhe deram choques com fios elétricos e água fria
e depois
água quente e ele escreveu livros sobre si mesmo
que ele não conseguia ler
ou lembrar.
lá fora no jogo
em Atlanta
eu os via correndo, suando,
e eu sentado lá pensando no
holandês
(em vez do russo)
o holandês com a pincelada com escova de
dentes
que nunca aprendeu a misturar suas tintas
apropriadamente e que nem mesmo conseguiu fazer
que uma puta o amasse
e então tudo acabou
para ele e para a puta
e ele cortou sua orelha e continuou a
implorar por tintas
e eles escrevem livros a seu respeito
agora
mas ele está morto e não os pode ler
e eu vi algumas das suas coisas em uma
galeria

ano passado – eles as haviam amarrado e
vigiado de modo que você não pudesse tocar as
obras.

alguém venceu o jogo em Atlanta e a
puta
não quis sua
orelha.

[1] No original, “inning”, tempo do jogo de beisebol. (N.T.)

9 da manhã

em chamas como um forte incendiado
a primeira nota de “impromptu” –
luz do sol –
agressora traidora
irrompendo através de beijos e perfume e nylon,
mostrando uma cidade com dentes quebrados
e leis loucas,
trazendo um beco em ruínas ao olho,
este diamante bruto;
e na palma da minha mão
uma pequena ferida
vermelho-cereja
que nem Cristo iria ignorar
enquanto as mulheres passam
arranhando suas mudanças de marcha arrebetadas
e cercas vivas e cães mimados
soltando fogo enquanto
você queima:
o sol das 9 da manhã
nos dá maçãs e putas
e agora agradecido
posso novamente me lembrar
de quando eu era jovem
de quando eu caminhava em ouro
de quando rios tinham espelhos
e não havia fim.

dia maldito

nos velhos tempos
após as corridas eu costumava terminar com uma
amarela alta ou uma branca louca em algum quarto
de motel
mas agora estou com 70 e tenho que levantar quatro vezes
toda noite para mijar
e quase que a única coisa a me preocupar é
o tráfego nas vias expressas.
hoje eu perdi \$810,00 nas corridas e quando
tentei entrar na via expressa um
tipo em um Camaro vermelho quase me jogou
fora da estrada (automóveis vermelhos sempre
me aborreceram) então me mandei atrás dele e dirigimos lado a
lado.
dando uma olhada nele vi que era um cara magro
que parecia com um contador, então baixei
minha janela e berrei para ele enquanto
buzinava, informando-o de que ele era um pedaço de
merda subnormal mas ele só continuou a olhar
para a frente por isso pisei fundo e o deixei para
trás e meu pensamento seguinte foi, será que
devo contar isso à minha mulher?
e então rapidamente uma voz de algum lugar
respondeu, não seja trouxa, meu chapa, ela
só vai tornar isso uma piada sem graça.
“oh, hahaha! ele provavelmente nem viu
que você estava lá!”
se um homem vive por 70 anos ele aprende
duas ou três coisas – a primeira sendo: não faça confidências
desnecessárias
para sua mulher.
a segunda sendo: outros podem às vezes
entendê-lo mas

ninguém o entenderá
melhor que sua
mulher.

tristeza no ar

aqui estou eu sentado sozinho
feito um frouxo
ouvindo Chopin
o vento noturno soprando
através das
cortinas rasgadas.
hoje ganhei 546 dólares nas corridas mas
agora estou pensando que
morrer é uma coisa tão
estranha e ordinária.
só espero nunca precisar
de uma dentadura postiça antes de
ir embora.

. . .

Wm. Holden^[1] arrebentou sua cabeça
em uma mesa de café
quando bêbado e
sangrou até morrer;
duro e teso por 4 dias
antes de ser encontrado.
pergunto-me: como Chopin se foi?
as coisas passam, isso não é
novidade.
aqui em L.A.
vi tantos bons
lutadores mexicanos
chegarem e irem
subindo pelas
cordas
jovens e cintilantes de
ambição
e depois
se desvanecerem.

para onde eles vão?
onde estão esta noite
enquanto ouço Chopin?
quem sabe se eu não estou em um negócio
melhor?
eu não acho.
escritores também vão embora
depressa
esquecem como criar
uma
frase reta e firme.
então dão aulas
escrevem artigos de crítica
lamentam-se
ficam estragados
somem.

. . .

Holden escorregou em
uma passarela
sua cabeça batendo no criado-mudo
ele tinha um nível de álcool
de .22 no sangue.
quanto a mim
já desabei
muitas vezes usualmente
sobre um fio de telefone.
odeio telefones
de todo modo
sempre que algum toca
eu dou um pulo.
pessoas me perguntam: “por que você
dá um pulo quando o telefone
toca?”
se elas não sabem
você não pode responder

. . .

está esfriando.
eu vou fechar a janela.
eu fecho a janela.
Chopin continua.
quando você bebe sozinho
como Wm. Holden
às vezes você tem
alguma coisa em mente
que não se pode contar
a ninguém.
em muitos casos é
melhor ficar
quieto.
não fomos colocados aqui para
gozar dias e noites
tranquilas.
e quando o telefone
toca
você também saberá que
todos nós
estamos no negócio errado.
e se você não souber
o que isso significa
você não sentirá a
tristeza no ar.

[1] Refere-se ao ator William Holden (1918-1981). (N.T.)

o grande debate

ele me mandou seu último livro.
houve um tempo em que gostava muito
de seus escritos.
ele havia sido maravilhosamente cru, simples,
perturbado.
agora ele havia aprendido a graciosamente
arrumar suas palavras e pensamentos
no papel.
agora ele dava aulas nas
universidades.
mas eu me perguntei,
sobre o quê?
agora suas palavras estavam
muito pálidas.
elas se espalhavam pela página
como um nevoeiro
preenchendo-a
mas dizendo
muito pouco.
ele não parecia ser o
mesmo homem.
para onde fora?
por que
tais mortes parecem ser
misteriosas?
está bem que
novos poetas venham chegando
novos zagueiros
novos “matadores”^[1]
novos ditadores
novos revolucionários
novos açougueiros
novos penhoristas.

pois a morte espiritual chega
muito mais rápida e inesperada que
a morte física.
eu jogo seu novo livro
na cesta de papéis.
eu não o quero
por perto.
agora ele é um
escritor de sucesso
o que significa
que seu trabalho
não deixa mais
ninguém
zangado
enojado
ou triste.
nunca faz
ninguém
rir.
nunca faz
ninguém
ter aquele arrepio de maravilhamento
ao ler
aquilo.
mas em um mundo
no qual até
o desaparecimento do dinossauro
permanece um mistério
devemos aceitar
o misterioso fato do
poeta evaporar-se.
e quando aceitamos
isso
simplesmente
estamos abrindo as portas para
nossa própria

invisibilidade final.

[1] Referência às touradas. (N.T.)

nosso sono profundo

sempre fui vidrado nos
velhos: Céline, Hemingway, Dreiser,
Sherwood Anderson, e. e. cummings,
Jeffers, Auden, W. C. Williams, Wallace Stevens,
Pound, D.H. Lawrence, Carson
McCullers... e mais alguns.
Nossos modernos da vez
me deixam muito
insatisfeito.
não há nem balanço nem
vigor em seus esforços, não há ritmo,
não há jogo, não há alegria.
dá trabalho lê-los, trabalho
duro,
há muita pretensão
e até mesmo alguma vigarice esperta
por detrás de suas produções.
não faço ideia do que
aconteceu com o escritor
criativo desde os anos 1940.
houve meio século
de muito mingau.
por quê?
não sei.
não sei.
tem havido pouco para
ler
já faz algum tempo.
eu só tenho conseguido
ler os jornais
e o
boletim de apostas.
todos esses livros impressos,

um milhão de livros
impressos
e nada para
ler.
meio século de merda
pela descarga.
não merecemos nada
e é isso o que temos
agora.

minha própria triste história

este é um modo terrível de viver:
cercado pelos
sempre-
irados,
desalmados e
alucinados.
mas minhas experiências de juventude foram
muito parecidas.
eu deveria ter-me ajustado a isso
nessa altura.
desde meu raivoso e furioso
e mesquinho pai
até
o montão de mulheres
que veio depois
todas elas consumidas pela
depressão,
raiva inútil,
gritaria e
piedade de si
sem
sentido.
felicidade e simples alegria
pareciam a todas elas serem
apenas doenças a
erradicar.
minha própria
história:
este modo terrível de
viver.
mas sinto que agora agarrei
a vitória
sobre toda essa inútil

negra e furiosa
histeria.
sobrevivi a tudo
isso e
podem me dar porradas com suas
vidas raivosas e
me queimar em meu
leito de morte.
mas de algum modo
encontrei uma paz
perpétua
que nunca conseguirão
tirar
de mim.

lei

veja, ele me disse,
todas essas criancinhas morrendo nas árvores,
e eu disse, o quê?
e ele disse, veja,
e eu fui até a janela
e, com certeza, lá estavam elas dependuradas nas árvores,
mortas e moribundas.
e eu disse, o que isso significa?
e ele disse, eu não sei mas foi autorizado.
no dia seguinte quando despertei
eles haviam colocado cães nas árvores
mortos e dependurados e moribundos,
e eu me voltei para meu amigo e disse,
o que isso significa?
e ele disse, não se preocupe,
as coisas são assim, houve uma votação,
foi resolvido,
e no dia seguinte foram gatos,
não entendo como eles pegaram todos aqueles gatos com tamanha
rapidez
e os dependuraram nas árvores
mas eles fizeram isso,
e no dia seguinte foram cavalos e não foi nada bom
pois muitos galhos quebraram,
e depois do bacon com ovos no dia seguinte,
meu amigo me apontou uma pistola
por cima do café e disse,
vamos,
e saímos
e lá estavam todos esses homens e mulheres nas
árvores, a maioria deles mortos ou
moribundos, e ele pegou a corda, e eu disse,
o que significa isso? e ele disse, não se preocupe,

foi autorizado, é constitucional, foi aprovado pelo
voto majoritário, e ele amarrou minhas mãos às minhas costas,
depois abriu o laço.

não sei quem vai me enforcar, ele disse,
quando eu terminar com você. suponho, no fim das contas,
que só vai sobrar um de nós
e ele terá que se enforcar
a si mesmo.

supondo que ele não faça isso?, eu perguntei.
ele terá que fazer isso, ele disse, foi autorizado.
ó, eu disse, bem, vamos em frente
com isso
então.

um grande escritor

um grande escritor fica na cama
cortinas cerradas
não quer ver mais ninguém
não quer escrever mais nada
não quer tentar mais nada;
os editores e donos de editora se admiram:
alguns dizem que ele está louco
alguns dizem que ele morreu;
sua mulher agora responde a toda a correspondência:
“...ele não quer...”
e alguns outros até dão voltas
pelo lado de fora da sua casa
olham para as cortinas
cerradas;
alguns até sobem e tocam a
campainha.
ninguém responde.
o grande escritor não quer ser
incomodado. será que o grande escritor não está
em casa? será que o grande escritor foi
embora?
mas todos querem saber a verdade,
ouvir sua voz, ficar sabendo de algum bom
motivo para tudo isso.
se ele tem um motivo
não o revela.
talvez não haja nenhum
motivo?
estranhos e perturbadores acertos são
feitos; seus livros e quadros são silenciosamente
leiloados;
nenhum trabalho novo apareceu em
anos.

no entanto, o público não quer aceitar seu
silêncio –
se ele está morto
eles querem saber; se ele está
louco eles querem saber; se ele tem um
motivo, por favor, nos conte!
eles passam por sua casa
escrevem cartas
tocam a campainha
eles não podem entender e não irão
aceitar
o jeito como as coisas são.
eu prefiro
assim.

uma sede imensa

tenho me tratado com anticorpos por quase 6 meses, baby, para curar um caso de tuberculose, cara, sobrou para um velho como eu pegar uma doença tão antiquada, pegar uma do tamanho de uma bola de basquete ou como uma sucuri engolindo um macaco gibão; então agora estou me tratando com anticorpos e me disseram para não beber ou fumar por 6 meses, e falam sobre morder ferro com seus dentes, eu tenho bebido e fumado pesadamente e firmemente com os melhores e os piores deles por mais de 50 anos, é, e a parte mais difícil, parceiro, é eu conhecer gente demais que bebe e fuma e eles continuam a beber e fumar direto na minha frente como se eu não estivesse me segurando para não quebrar seus crânios e rolá-los pelo assoalho ou só afugentá-los para bem longe da minha vista – uma vista que anseia *muito* por qualquer coisa mesmo microscopicamente viciante. a parte difícil seguinte disso é ficar sentado à máquina de escrever sem aquilo, quero dizer, isso foi meu show, minha dança, minha distração, minha *raison d'être*, é isso, misturando fumaça e bebida com bater à máquina e você pode apostar que é onde a sorte chove dia e noite e o restante do tempo, e você ouve a frase “cortar é um bode” mas eu não acho que seja forte o bastante, deveria ser “fazer picadinho é um bode” ou “enterrando o bode ainda quente”, enfim não tem sido fácil, não não não não não não não não não não não, e quando eu olho para uma garrafa de cerveja parece sol engarrafado, uma tragada de cigarro é como o sopro da vida e uma garrafa de vinho tinto parece o sangue da própria vida. para mim, é difícil pensar no futuro ou preocupar-me com isso: o

presente

imediato parece tão esmagador e agora eu simpatizo com todos aqueles
que fracassam

em dominar sua bebida e seu cigarro

pois estes últimos 6 meses têm sido os 6 meses mais longos da minha
vida!

desculpe aborrecê-lo com tudo isso, mas não é por isso que você está
aqui?

encômios

após a morte
exageramos as boas qualidades de alguém,
nós as inflamamos.
durante a vida
frequentemente sentimos repulsa pela mesma pessoa
enquanto falamos com ela ao telefone
ou só de estar no mesmo aposento.
e frequentemente criticamos o jeito como
andam, falam, vestem-se
vivem
creem.
mas é só morrerem
então que criaturas elas
se tornam.
se apenas em uma cerimônia fúnebre
alguém dissesse,
“que indivíduo odioso
esse aí foi!”
que em meu funeral
haja só um pouco de verdade,
e depois a boa e limpa
poeira.

um resíduo

parado no meio do voo,
maldosamente retalhado,
sonhando com
dactilozoides.^[1]
recusado,
preparado para parar
no zero,
apagado,
retalhado,
desmobilizado.
onde está o riso
comum?
a simples alegria?
aonde
foram?
que truque
enganador,
esse.
até os céus
rosnam.
que rancor,
que
amargor...
o grito
abafado
do coração,
agora
lembrando
tempos
melhores
selvagens e
maravilhosos.
agora o triste

soturno
presente
se abre.

[1] Dactilozoides são celenterados, medusas, águas-vivas. (N.T.)

especial de 1990

gasto pelos anos
cansado até a medula.
dançando na escuridão com a
escuridão,
o Garoto Suicida ficou
grisalho.
ah, os velozes verões
idos e partidos
para sempre!
estará a morte
me espreitando
agora?
não, é apenas meu gato,
desta
vez.

passagem

e seus navios queimaram, galeões, galeras, veleiros,
e eles naufragavam enquanto as nuvens baixavam
como reis em seus tronos e os pegaram:
servos, escravos, leões, sábios, loucos, mercadores,
matadores; depois as algas, betume, alabastro, conchas
se apresentaram, e depois vieram as sombras,
escuras como muralhas sob um sol poente: e belicoso e
maldoso o mar pisoteou os navios que naufragavam e as
ramagens embalaram os crânios em exame, as
algas marinhas ergueram os crânios e você os via
lá, tão estranhos e livres e soltos: todos os
amantes solitários mortos.

uma noite mais escura em abril

cada homem finalmente preso e arrebentado
cada túmulo pronto
cada falcão morto
e o amor e a sorte também.
os poemas acabaram
a garganta está seca.
suponho que não haja funeral para isso
e nada de lágrimas
e nenhuma razão.
a dor é o senhor
a dor é silêncio.
as gargantas dos meus poemas
estão secas.

sol se pondo

ninguém está triste por eu ir embora,
nem mesmo eu;
mas deveria haver um menestrel
ou ao menos um copo de vinho.
isso incomoda mais aos jovens, acho:
uma morte lenta sem violência.
ainda assim isso faz com que qualquer homem sonhe;
você gostaria de um velho veleiro,
a vela branca incrustada de sal
e o mar embalando sugestões de imortalidade.
mar no nariz
mar no cabelo
mar na medula, nos olhos
e sim, no peito.
sentiremos falta
do amor de uma mulher ou música ou comida
ou o corcovear do grande cavalo louco e
musculoso,
pisoteando torrões de terra e destinos
para o alto e para bem longe
em um só momento de sol poente?
mas agora é a minha vez
e não há majestade nisso
pois não houve majestade
antes disso
e cada um de nós, como vermes mordidos
nas maçãs,
não merece moratória.
a morte penetra em minha boca
e rasteja ao longo dos meus dentes
e me pergunto se estou com medo deste
morrer sem voz e sem lamentos que é
igual ao murchar de uma rosa?

Título original: *The People Look Like Flowers at Last*

Tradução: Claudio Willer

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Ilustração: © Blambca/Shutterstock

Preparação: Marianne Scholze

Revisão: Simone Diefenbach

Cip-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B949p

Bukowski, Charles, 1920-1994

As pessoas parecem flores finalmente / Charles Bukowski; tradução Claudio Willer. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

Tradução de: *The People Look Like Flowers at Last*

ISBN 978.85.254.3287-2

1. Poesia americana. I. Willer, Claudio. II. Título.

15-19115 CDD: 811

CDU: 821.111(73)-1

The People Look Like Flowers at Last Copyright © 2007 by Linda Lee Bukowski.

All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

UM

pois eles tinham coisas para dizer
aula noturna, 20 anos depois
a neve da Itália
junto a uma vitrine
língua de boi
os anos 1930
pessoas como flores
aceitação
a vida na agência de correios
o minuto
perto demais do matadouro
um futuro parlamentar
estrangeiro em uma cidade estranha
só mais um bebum
não é muito
o touro
as pessoas, não
pode ir dando adeus a sua bunda
brilho roxo
mil dólares
agarre o escuro
o anão com um soco
os elefantes do Vietnã
café da manhã
canção de amor invertida
Salty Dogs
olhos sem cérebro
inacreditável
guerra e paz
quanto mais você tenta

DOIS

todas as garotinhas
chega desses rapazes
pernas
os sapatos de Jane
maldito Rimbaud
enfeitiçado em Nova York
não se preocupe, querida, vou dar um jeito
a secretária eletrônica
aquela garota linda que entrou para trocar a roupa de cama

um acordo sobre Tchaikovsky
canção de amor para a mulher que vi quarta-feira nas pistas de
corrida
possessão
seis
homem cortando a grama do outro lado da rua
a garota lá fora
a galinha
um antigo amor
match point
também gosto de olhar para o teto
não Cagney, eu
sopa, cosmos e lágrimas
pavão ou campainha
roxo e preto
realização
suas
beijando-me e levando-me para longe
adeus, meu amor
calor
o helicóptero da polícia
ah
é claro
o sonho o sonho
nota sobre a tigresa

TRÊS

poema para minha filha
lençóis
licença médica
meu pai
a velha
o que fez você perder sua inspiração?
mais um poema sobre um bêbado e depois eu deixo vocês irem
embora
cachorro morto
moro em uma vizinhança de assassinatos
o bombardeio de Berlim
tudo certo, Camus
abandono da luta
Adolf
os anarquistas
perfeitos dentes brancos
4 quarteirões
você não pode passar à força pelo buraco da agulha
dois tipos de inferno

meu fiel servo índio
um final plausível
outra das minhas críticas
neblina
livre?
porrada importada
foi uma UNDERWOOD
o caixão da criação
o cavalo 7
o suicídio
embaçado
a palavra final
unhas; narinas; cadarços
depois de receber um exemplar de um editor contribuinte
pobre noite
você escreve poemas demais sobre a morte

QUATRO

cão
o ódio a Hemingway
olhando para os colhões do gato
nossos colaboradores
sobre latas de cerveja e embalagens de açúcar
pague seu aluguel ou saia
nota sobre alguém que bate à porta
a Camiseta de Bandeira Americana
idade
os cães latem facas
o porco na cerca
nunca trago minha mulher
uma entrevista aos 70
2 vistas
van Gogh e 9 rodadas do jogo
9 da manhã
dia maldito
tristeza no ar
o grande debate
nosso sono profundo
minha própria triste história
lei
um grande escritor
uma sede imensa
encômios
um resíduo
especial de 1990
passagem

uma noite mais escura em abril
sol se pondo